

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO  
REGIONAL – MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Tiago Costa Martins

DA VIDA DE PEÃO:  
CULTURA, MÍDIA E DESENVOLVIMENTO NA CAMPANHA (RS)

Santa Cruz do Sul, março de 2009

Tiago Costa Martins

**DA VIDA DE PEÃO: CULTURA, MÍDIA E DESENVOLVIMENTO NA CAMPANHA  
(RS)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UNISC

Tiago Costa Martins

DA VIDA DE PEÃO:  
CULTURA, MÍDIA E DESENVOLVIMENTO NA CAMPANHA (RS)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Silvio Marcus de Souza Correa

Santa Cruz do Sul, março de 2009

Tiago Costa Martins

DA VIDA DE PEÃO:  
CULTURA, MÍDIA E DESENVOLVIMENTO NA CAMPANHA (RS)

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

*Dr. Silvio Marcus de Souza Correa*  
Professor orientador

*Dra. Ângela Felippi*

*Dr. Karl Martin Monsma*

*À Adriana, Tina, Paula, Célia e Maiara, por acreditarem em mim, muitas vezes, mais do que eu...*

*Ao meu amado Tio Orlando Jorge da Costa (em memória), peão que se foi para outra campareada.*

## AGRADECIMENTOS

Para mim este trabalho é especial. Sem o apoio de algumas pessoas, ele não teria sido realizado. Assim, gostaria de citar nominalmente as pessoas que, de uma forma ou outra, contribuíram para sua realização:

Nilo e Leda (meus pais); Tales; Vó Leontina Jorge; Dona Sônia; Esmerahdson De Pinho e Marcos Griebeler (amigos de fé e de profundas discussões no PPGDR); Nereu e Maristel Nascimento; Luis Augusto Gonçalves (Dom Pedrito); Ju, Cássia, Dani, Prof<sup>a</sup>. Ângela Filippi (PPGDR/UNISC), Prof. Marcos Fischborn e Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa (fundamental no conhecimento adquirido); Mário Gilberto, Beatriz e Duda (os Macedinhos de Quaraí); Manuela Bisognin; Sandro, Márcia, Lika e Leandro (primos do coração); Seu Antônio e Davina (Rosário do Sul).

Muito obrigado!

*Agora eu vou te fazer uma pergunta: o que tu mais gosta de fazer? Aquilo que teu coração parece sair pela boca, te afrouxa as pernas, aquilo que tu sente uma emoção? [meu silêncio foi inevitável, não sabia o que dizer... não consegui teorizar o que me emocionava, o que me fazia feliz] Eu, é quando o bicho tá na boca do brete pra sair no rodeio pra tirar o laço. Aquilo é como ir às nuvens e voltar.*

*(Diário de viagem, quando a senhora Méri, uma das pessoas inquiridas, me transforma em entrevistado).*

## RESUMO

No Rio Grande do Sul, os diversos significados sobre o desenvolvimento regional decorrem de configurações territoriais com diferentes dinâmicas sócio-econômicas e culturais. Neste mosaico, alguns territórios são representados como “estagnados”, “subdesenvolvidos” ou “atrasados”. Evidentemente, essa representação do desenvolvimento tem como paradigma um modelo urbano-industrial, o qual centraliza a compreensão numa estrutura dualística que sobrepõem o urbano ao rural. Nesse sentido, a Campanha (Rio Grande do Sul) é amplamente difundida como uma região em crise. Esta região apresenta um contexto histórico e contemporâneo que destaca um tipo de comunidade rural limitada pelo espaço e pela forma de realização do capitalismo. A partir disso, esta pesquisa teve como objetivo compreender como determinado segmento social – peão campeiro – percebe o sentido de desenvolvimento. Assim como, analisar a relação deste segmento com o território, numa associação à construção do significado. A pesquisa de campo foi realizada em três municípios que compõem a mesoregião Sudoeste do Rio Grande do Sul: Dom Pedrito, Rosário do Sul e Quaraí. Os resultados obtidos do presente estudo demonstram que características e ações singulares dos peões campeiros fazem sentido no seu universo de vida. Cotidiano, ordenamento do tempo/espaço, percepção identitária, relação entre o arcaico e o moderno, especialmente o uso dos dispositivos midiáticos, atuam significativamente na compreensão de desenvolvimento e na representação da região. Agindo reflexivamente, os peões constroem a partir de suas vivências, hábitos e práticas um sentido de desenvolvimento voltado para a noção de produtividade. E associam o termo com relação direta ao território, através de um sentimento de pertencimento ao espaço vivido. Este aspecto configura uma visão de desenvolvimento “endógena” que concerne ao *modus vivendi* e que é dicotômica em relação aos demais significados existentes sobre a região. O entendimento por parte dos entrevistados sobre definição do desenvolvimento regional acusou uma percepção multidimensional em que aspectos econômicos, geográficos e sociológicos do desenvolvimento se complementam.

Palavras-chave: desenvolvimento, peão campeiro, Campanha (RS).



## ABSTRACT

In Rio Grande do Sul State, the several meanings about the regional development result from territory configurations with different socio economic and cultural dynamics. In this mosaic, some territories are represented as “stagnant”, “underdeveloped” or “late”. Obviously, this representation about the development has a paradigm an urban industrial pattern, which centralizes the comprehension in a dualistic structure which overlaps the urban to the rural. In this sense, the Countryside (RS) is widely spread with a region in crisis. This region presents historical and contemporary contexts which highlights a type of rural community limited by the space and by the way of capitalism realization. From this on, this research had as objective to understand how a determined social issue – the rural workers – notices the meaning of development. It will also analyze the relation of this social issue with the territory, in an association to the meaning construction. The field search was realized in three communities which composes the Southeast mesoregion of Rio Grande do Sul: Dom Pedrito, Rosário and Quaraí. The results obtained through this study show that some characteristics and singular actions of the rural workers make sense in the life universe. Everyday life, time and space ordering, identity perception, relation between the archaic and the modern, specially the use of media devices, act meaningfully in the development understanding and in the region representation. Acting reflexively, the rural workers create from their experiences, habits and practice a sense of development geared towards the notion of production. And they associate the term with direct relation to the territory, with the feeling of belonging to the lived space. This aspect shapes one vision of development which is endogen which concerns about modus vivendi and which is dichotomist in relation to the several meanings existing about the region. The understanding from the interviewed people about the definition of regional development accused a multidimensional perception in which economical, geographic and sociological aspects complete each other.

Key- words: development, rural worker, Countryside (RS)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Divisão política da mesorregião Sudoeste Rio-grandense, IBGE.....	19
Ilustração 2 – Densidade Demográfica, Rio Grande do Sul e municípios da região Sudoeste Rio-grandense, 2000. ....	32
Ilustração 3 – Participação percentual da região e dos municípios no efetivo dos rebanhos de Bovinos, Ovinos e Equinos em relação ao número de cabeças no Rio Grande do Sul, 2006. ....	33
Ilustração 4 – Inserção do rádio e televisão no meio rural no Brasil (1992, 1999 e 2005). ....	34
Ilustração 5 – Foto do galpão no município de Dom Pedrito (objetos de encilhar cavalo, mala de garupa, etc.).....	37
Ilustração 6 – Foto da lida de Vicente Da Silva (carneação de ovino para consumo na fazenda). ....	43
Ilustração 7 – Foto do bolicho (divisa entre o município de Rosário do Sul e Dom Pedrito). ....	44
Ilustração 8 – Foto do segundo bolicho visitado. ....	47
Ilustração 9 – Foto do Senhor Leonino. ....	49
Ilustração 10 – Foto do galpão no município de Dom Pedrito.....	51
Ilustração 11 – Foto de Leonino procurando sinal de acesso ao telefone móvel. ....	59
Ilustração 12 – Foto de Vicente Da Silva com o telefone móvel na guaiaca. ....	60
Ilustração 13 – Foto dos campos da região denominada Caverá.....	67
Ilustração 14 – Foto dos tropeiros no caminho para o Caverá. ....	68
Ilustração 15 – <i>Outdoor</i> temático de empresa na Semana Farroupilha.....	72
Ilustração 16 – Foto Antônio Vieira no galpão. ....	74
Ilustração 17 – Foto da rotina da lida: saída para o campo. ....	75
Ilustração 18 – Rotina da lida II: carneação de ovino. ....	78
Ilustração 19 – Rotina da lida III: manutenção dos ovinos. ....	84

Ilustração 20 – Aparelhos de telefonia móvel no bolicho em Rosário do Sul.....	86
Ilustração 21 – Foto da dimensão da paisagem em Quaraí. ....	96
Ilustração 22 – Foto de Osvaldino Da Rosa no galpão.....	98
Ilustração 23 – Foto do galpão na Fazenda dos Macedos em Quaraí.....	102
Ilustração 24 – Foto de bovinos na beira da estrada: gado de corredor.....	105
Ilustração 25 – Foto de Neri Martins nos afazeres da lida campeira.....	109
Ilustração 26 – Foto de uma antena de telefonia móvel junto ao brete da mangueira..	111
Ilustração 27 – Foto da parede de um galpão em Quaraí. ....	113

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. DA CAMPANHA .....	24
2.1 Uma perspectiva histórica .....	24
2.2 O cenário contemporâneo.....	30
3. DOM PEDRITO, RS .....	35
3.1 “Passo minha lida inteira entre o galpão e o campo” .....	35
3.2 “Se pudesse, só viveria da gineteadá” .....	52
3.3 “Nossa forma de vida não é nem moderna e nem antiga” .....	57
3.4 “Quem produz bastante é desenvolvido”.....	63
4. ROSÁRIO DO SUL, RS .....	66
4.1 “Vamos para um mate no galpão!” .....	66
4.2 “Orgulho-me em ser um homem rural, um homem do campo” .....	78
4.3 “Temos televisão, celular... aí estamos mais informados, mais humano” .....	82
4.4 “A região é desenvolvida porque sai produção daqui”.....	91
5. QUARAÍ, RS.....	95
5.1 “Quando não estamos no campo, ficamos proseando no galpão” .....	95
5.2 “Se gostar da lida campeira, qualquer um pode ser peão” .....	106
5.3 “A lida campeira é algo antigo que existe até hoje” .....	110
5.4 “Se o bicho está no aperto, que desenvolvimento vai ter?” .....	116
6. CONCLUSÃO.....	120
7. REFERENCIAS .....	126

## 1. INTRODUÇÃO

A compreensão da heterogeneidade do país está, sob certa influência, calcada no contexto de vida de cada indivíduo. Quem reside no “interior do interior” do país pode pensar que o Brasil é bem diferente daquele pensado pelos indivíduos residentes nos grandes centros. A perspectiva pela qual se desenrola a vida do interiorano, tanto no contexto das relações diretas do cotidiano quanto das geradas por dispositivos mediadores, pode levar a uma compreensão além do que somente de casa, rua, jeitinho e malandragem se faz o Brasil, como tão bem apresenta Roberto DaMatta.

O que é vivido por esses indivíduos contrasta com o que é representado. O conteúdo dos meios de comunicação de massa, por exemplo, em sua maioria, propaga o *way of life* carioca/paulista. A vida é bem diferente para um trabalhador rural do interior do Rio Grande do Sul, distante 350 km do mar. Ruben Oliven (2006) sentencia que há outro Brasil após os trópicos, um Brasil não-exótico, distante daquele do carnaval, samba, praia, etc., ou seja, distante das representações que o tropical sugere. O antropólogo inspira uma compreensão de um Brasil-diversidade, na qual o mosaico da nação é desenhado por partes singulares e únicas.

Consideração válida, mas que não minimiza a centralidade que os grandes centros inferem às partes-periferia, na qual o interiorano habita. A dicotomia interiorano *versus* cosmopolita sugere maior consideração e representação do último, o que se supõem condizente. Afinal, o Brasil é formado por 84,2% da população urbana, num universo de mais de 190 milhões de pessoas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2005).

No entanto, a homogeneização do urbano é limitada pela presença do interiorano rural, que corresponde a 15,8% dos habitantes do Brasil<sup>1</sup>. Diante disso, surge a

---

<sup>1</sup> Números que poderiam ser maiores se fossem considerados os estudos de José Eli da Veiga em *Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula*, 2002. Veiga sustenta que o Brasil é mais rural do que se imagina, ao analisar os indicadores e metodologias que definem o que é urbano e rural no Brasil.

indagação: Como está representado e analisado o território<sup>2</sup> distante da praia, do concreto e asfalto? Somente nas (re) apropriações e (re) territorialização cultural?

A reflexão sobre esses questionamentos sugere a compreensão do urbano e rural no centro do debate. A discussão não é original, pois a razão dualística permeia as concepções e análises econômicas, sociais e culturais desde longa data. É comum a antítese entre urbano x rural, sociedade x comunidade, global x local, moderno x arcaico, etc. Todas, à sua maneira, contrapondo pensamentos e, muitas vezes, considerando o sucesso de uma e a sujeição de outra. A própria situação econômica do Brasil ficou inserida no debate entre desenvolvido x subdesenvolvido, um conflito marcado pelo dualismo arcaico x moderno (OLIVEIRA, 2003: 32).

Este estudo baseia-se em dois pontos. Primeiramente, é um exercício na tentativa de reordenar e superar a razão dicotômica, passando a considerar as instâncias relacionais que as categorias podem possuir, como sugere Nestor Garcia Canclini (2007:28), ao propor uma superação do dualismo abstração x concretude, destacando que nem tudo é somente oriundo da primeira (global e sociedade) ou da segunda (local e a comunidade). É preciso pensar uma interpenetração de categorias entre o global e o local, que resulta num “glocalismo”, por exemplo.

O pensamento de Canclini, principalmente no campo da abstração, é aplicado com êxito. Porém, mesmo pensando em uma interpenetração de categorias, a centralidade ainda está nos pontos que privilegiam a sociedade, o urbano, o global e o moderno. Pensa-se a relação dessas categorias com a comunidade, o rural, o local e o arcaico a partir da visão dos primeiros pontos. A questão da identidade cultural regional é um exemplo. A discussão, em muitos casos, gira em torno da apropriação de uma cultura no contexto urbano-societal.

Assim, o segundo ponto deste estudo se insere no exercício analítico da interseção, assimétrica, entre rural x urbano, a partir da esfera, aqui entendida, menos

---

<sup>2</sup> De antemão, é preciso pensar o território através da interação homem, espaço e natureza, formado no transcorrer da História, com a apropriação do homem de um conjunto natural pré-existente. Neste conceito, destacam-se os aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais, entrelaçados em decorrência do movimento da sociedade sob a ordem da história e do desenvolvimento das técnicas (SANTOS, 2002).

privilegiada: o território onde se dá a corporeidade da vida dos indivíduos (MARTÍN-BARBERO, 2003: 58); o local rural onde ainda é possível inferir contextos e relações comunitárias, onde “todo mundo se conhece” e, principalmente, onde se concretizarão as formas, práticas e costumes abstratizadas pelo urbano, pela sociedade.

O exercício de deslocamento de perspectivas encontra no Estado do Rio Grande do Sul uma possibilidade de compreensão. Para efeito de análise, sob dois aspectos, econômico e cultural, o Estado é palco de acaloradas discussões científicas. No primeiro, correlacionando território com o modelo de desenvolvimento, sugere-se que a formação histórica do Estado é decorrente de uma dinâmica econômica peculiar. Fragmentado em diferentes formas e tipos de povoamento e ocupação, divisão fundiária, atividade econômica e origens culturais, o Rio Grande do Sul constitui um mosaico de processos e representações diferenciadas de desenvolvimento.

A mesorregião do sudoeste riograndense, conhecida como a região predominantemente da Campanha, é um território que exemplifica essa asserção. Especializada na agropecuária de grande latifúndio (principalmente a pecuária extensiva de bovinos, ovinos e equinos e o cultivo de soja), com baixa densidade demográfica e concentração e distribuição de renda desigual<sup>3</sup>, a região é representada como “estagnada” e de parco desenvolvimento econômico.

Por outro lado, na inserção cultural, a região da Campanha é baluarte de uma identidade cultural representada como homogênea, sendo apropriada no ambiente urbano e no rural, que não possui nenhuma similitude com a identidade oriunda desta região do Estado. Devido à institucionalização das fazendas e do tipo de atividade econômica presente, a região manteve um tipo de trabalhador rural entendido como peão de estância ou peão campeiro. A imagem desses indivíduos não é mera coincidência ao “tipo” de gaúcho mitificado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho e

---

<sup>3</sup> Ver Rio Grande do Sul, Mapas e Dados. CD ROM. Fundação de Economia do Estado – FEE e Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. 2007.

pela mídia, são semelhanças de um modelo cultuado que encontra no peão campeiro um espelho ou, quem sabe, um reflexo<sup>4</sup>.

Quando Ieda Gutfreind desprende-se da ideia do gaúcho como um gentílico de quem nasceu no Estado do Rio Grande do Sul ou de uma figura mitificada e o entende como “o habitante de um espaço delimitado à zona da Campanha e como um agente social que constrói, a partir de suas vivências, sua cultura” (GUTFREIND, 2006: 241), a autora lança as bases para a compreensão destes indivíduos como um tipo sociológico delimitado no tempo e no espaço. Esses gaúchos campeiros não estão estanques no tempo e no espaço; houve e há alterações, mas eles conservam determinados traços que os caracterizam peculiarmente, podendo ser definidos como uma comunidade rural.

A comunidade está na base das relações históricas e sociais, pois a “comunalização”, aos moldes weberianos, inscreve-se na “relação social que se baseia no sentimento subjetivo dos participantes de pertencerem a um mesmo todo, originando-se tal sentimento, seja na tradição, seja na afetividade” (GALLIANO, 1981: 120). Ela está ligada ao território e sugere que os agentes pertencentes são conscientes das relações que envolvem o tempo, o lugar e os demais conjuntos de assuntos que configuram o modo de vida.

Destarte, ao pensar os peões campeiros como uma comunidade rural, é proposta desta pesquisa o estudo compreensivo de como esses atores sociais constroem o sentido de desenvolvimento, bem como definem o território da campanha em relação ao termo, além de verificar a disponibilidade e correlação da mídia no contexto de vida, incidindo diretamente na compreensão do que significaria desenvolvimento. Para isso, três noções foram relevantes à análise: cultura, mídia e desenvolvimento.

A cultura é entendida como formada por aspectos tangíveis e intangíveis. Ou seja, inicialmente pensada como as crenças, costumes e práticas cotidianas, além de objetos, símbolos, vestimentas (GIDDENS, 2005:38). Essa definição antropológica alia-

---

<sup>4</sup> “Assim, ao mesmo tempo que são conferidos determinadas características *ao gaúcho*, figura emblemática, elas acabam envolvendo também *os gaúchos*. E como é construída a partir de um modelo baseado no homem do campo, confunde-se com ele” (MACIEL, 1994:32)



se também a cultura, “como o conjunto de processos de produção, circulação e consumo das significações na vida social” (CANCLINI, 2007: 78).

A segunda noção de estudo – mídia – vai ao encontro das perspectivas dualísticas. Ainda há lacunas na análise entre o rural e o urbano, tanto em “visões” quanto em práticas sociais. Por não pensá-las em relação, dá-se maior destaque aos estudos que privilegiam o urbano e, nessa ordem, sugerem-se generalizações<sup>5</sup>. A inserção da mídia no cotidiano dos agentes sociais atinge, dentre outras, a própria interpretação de desenvolvimento. Por tal motivo, nesse estudo, a mídia foi pensada no contexto de sua efetivação como meio de comunicação, sendo prerrogativa a ação (e tudo que está por trás) dos atores sociais, o meio e a mensagem refletida no cotidiano da vida<sup>6</sup>.

A mídia atingiu projeções que dinamizaram a vida dos indivíduos, atuando em proporções interculturais e reconfigurando as culturas na ordem local e global. A forma diferenciada como a inserção midiática ordenou-se nos territórios amplificou uma interação cultural, que se realiza mais por meio de comunicações do que por movimentos espaciais migratórios (CANCLINI, 2007:73). Se essa sentença se efetiva, não se pode ignorar a presença da mídia nas condições contextuais da vida dos peões.

A última noção – desenvolvimento – diz respeito ao sentido do termo. Não através de uma predefinição, mas pela ausência de qualquer conceito que o envolva: ambiental, econômico, social, cultural, etc. Diante da polissemia que o termo encontra no campo acadêmico e do prisma urbanóide que qualquer visão preliminar possa sugerir, tornou-se condizente não aplicar nenhuma proposição, permitindo ao transcorrer da pesquisa uma possível construção do significado.

---

<sup>5</sup> Como exemplo, é válida uma reportagem no Jornal Diário de Santa Maria, publicada nos dias 20/21 de setembro de 2008, cuja manchete salienta a relação urbano-rural: “Gaúcho Urbano: Estilo gaudério sai do campo e ganha ares de cidade”. Segundo a reportagem, as roupas usadas pelos gaúchos no campo são incorporadas no dia-a-dia da cidade com “muito estilo”.

<sup>6</sup> As palavras de Silverstone são categóricas para concluir o pensamento da mídia nesse estudo: “Eu penso que um ponto de partida metodológico é a dúvida, estar aberto a uma gama de diferentes possibilidades na sociologia da mídia e ver o processo e suas dinâmicas: indivíduos e suas relações com a mídia, se transformando nos espaços sociais e, também, os espaços sociais se modificando” (SILVERSTONE, 2005: 130).

O caráter regional (região) que reveste estes pontos implica três dimensões: física, econômica e simbólica. A primeira diz respeito a uma região delimitada por aspectos de relevo, vegetação e demais condições edafoclimáticas<sup>7</sup>. A segunda compreende o sistema econômico e suas características: latifúndio e atividade agropastoril, por exemplo.

O último ponto, fundamental a este estudo, enfatiza a noção de regionalização, além da localização no espaço, também como referência ao zoneamento do tempo-espaço em relação às práticas sociais rotinizadas<sup>8</sup>. Como destaca Giddens (2003:143), região envolve sempre a conotação da estruturação da conduta social através do tempo-espaço. Assim, existe um forte grau de diferenciação regional, em termos de relações e demais critérios sociais, destacando-se, nesse caso, a cultura.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a divisão política da Campanha do Rio Grande do Sul está contida na mesorregião Sudoeste Rio-grandense (ilustração 01), formada pela Campanha Ocidental (Alegrete, Barra do Quaraí, Garruchos, Itaquí, Maçambará, Manoel Viana, Quaraí, São Borja, São Francisco de Assis e Uruguaiana), Campanha Central (Rosário do Sul, Santana do Livramento, Santa Margarida do Sul e São Gabriel) e Campanha Meridional (Aceguá, Bagé, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul)<sup>9</sup>. Através de uma proposta etnográfica<sup>10</sup> foram selecionados três municípios da mesorregião. Um município de cada microrregião que compõem o Sudoeste Rio-grandense: Dom Pedrito, Rosário do Sul e Quaraí. Contando com informações de familiares e relações de amizade, foram

---

<sup>7</sup> Sobre esses pontos, vale as considerações de Bernardes (1997) sobre o Estado do Rio Grande do Sul.

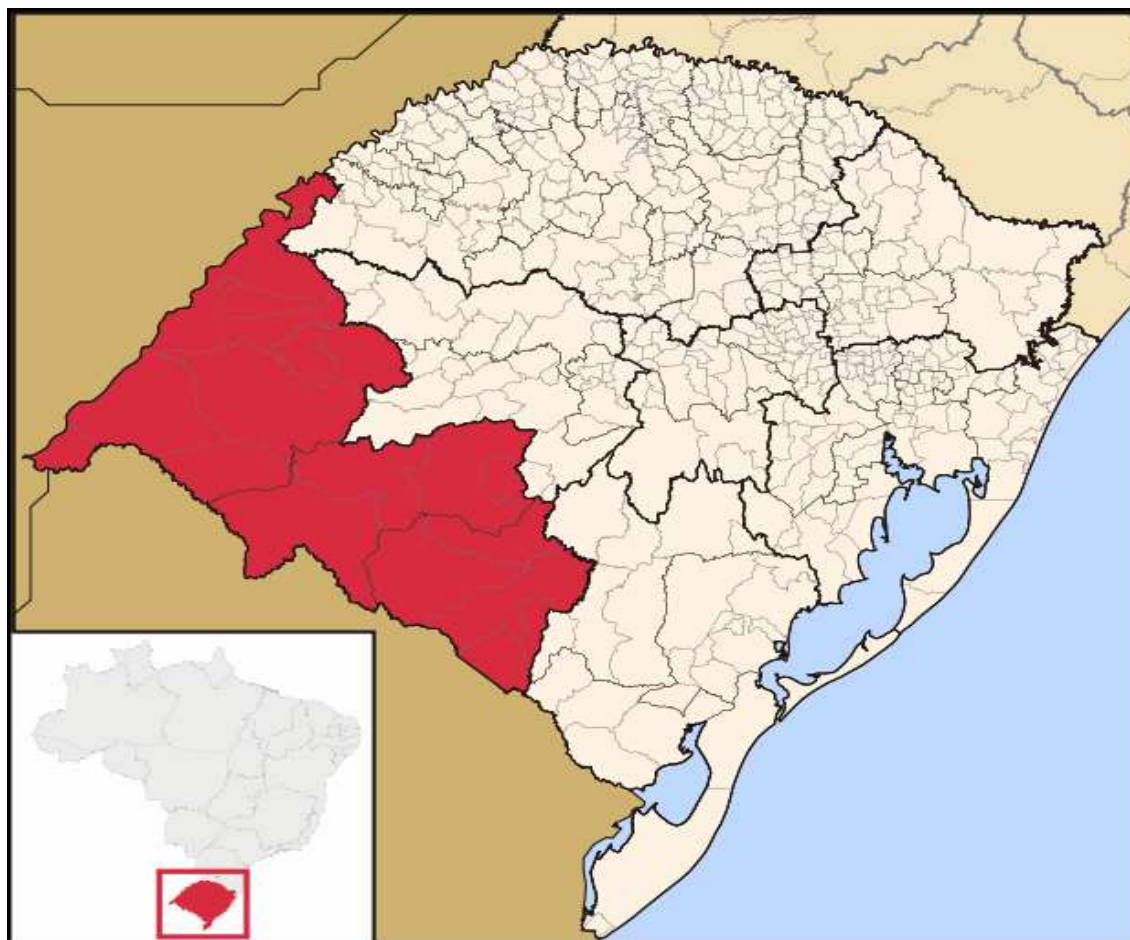
<sup>8</sup> “Práticas”, no sentido de esquemas que são compartilhados pela comunidade. “Estas práticas envolvem um investimento imediato de sentimentos sobre os instrumentos utilizados – incluindo os signos – e sobre outros seres humanos, com quem as práticas são compartilhadas” (LASH, 1997: 188). Ou seja, a prática existe “quando um determinado estilo de vestir, trajetórias de tempo-espaço similares e neologismos similares começam sistematicamente a se repetir” (LASH, 1997:192). “Rotina” refere-se à natureza repetitiva das atividades realizadas de maneira análoga dia após dia. A rotina funda-se na tradição, costume ou hábito e se estrutura na temporalidade e espacialidade da vida social (GIDDENS, 2003:XXVI).

<sup>9</sup> Em 2000 havia 17 municípios na mesorregião. Atualmente, são 19 municípios com a emancipação de Santa Margarida do Sul e Aceguá.

<sup>10</sup> Giddens (2005: 514) sugere que a etnografia é a pesquisa realizada por um período de tempo, entre meses e anos. Não foi o caso desse estudo. No entanto, buscou-se a análise de pessoas durante alguns dias através de pesquisa participante e entrevista, procurando desvendar o comportamento social e os significados que sustentam as ações sociais de um grupo.

contatadas fazendas e possíveis peões campeiros, em cada município, para agendamento de visitas realizadas durante o ano de 2008: Dom Pedrito em abril, Rosário do Sul em maio e Quaraí em agosto.

Ilustração 1 – Divisão política da mesorregião Sudoeste Riograndense, IBGE.



Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/>

O arcabouço teórico utilizado para compreender a dinâmica da cultura, mídia e desenvolvimento tem como ponto de partida as propostas da etnometodologia<sup>11</sup>, sendo esta percebida como um método de abordagem e não uma técnica de pesquisa. Essa teoria “contempla os métodos que as pessoas usam para dar sentido ao que os outros fazem e, em particular, ao que dizem” (GIDDENS, 2005: 87), pensando a realidade social como constantemente criada pelo atores e fazendo do senso comum uma categoria de compreensão (COULON, 1995:30).

<sup>11</sup> O termo Etnometodologia surgiu na Califórnia, no final da década de 60, designando uma corrente da sociologia americana. A obra fundadora é “*Studies in Ethnomethodology*”, de Harold Garfinkel (1967).

A etnometodologia tem correlação com o *approach* teórico da fenomenologia de Alfred Schutz e do interacionismo simbólico de George Mead. Dessas correntes, a etnometodologia busca “ver o mundo através dos olhos dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações sociais que desenvolvem” (HAGUETTE, 2007:52). Ou seja, os indivíduos conferem sentido através do processo de interação uns com os outros e consigo próprios, realizando a interpretação do seu mundo significativo.

Assim, algumas percepções etnometodológicas devem ser destacadas como uma proposta lógica de investigação: a realidade social é constantemente criada pelos atores, não é preexistente; seu estudo deve concentrar-se na prática, no cotidiano, fazendo do senso comum não mais uma categoria residual, mas como uma categoria interpretativa.

Outro ponto está em perceber a vida social como constituída através da linguagem, incluindo a do dia-a-dia. Resulta disso o caráter definido como indiciabilidade, que busca perceber todas as determinações que se ligam a uma palavra, a uma situação. A significação de uma palavra decorre de fatores contextuais, como a biografia, a intenção imediata, a relação que mantém com seu ouvinte e suas conversações passadas (COULON, 1995:33). A indiciabilidade salienta a incompletude que as palavras possuem e que, para serem compreendidas, devem estar situadas num contexto específico para revestir-se de significado (VOTRE & FIGUEIREDO, 2003).

Outro ponto da etnometodologia está em considerar o mundo social como algo disponível, relatável, analisável. Esse *accountability* se manifesta nas ações práticas dos atores. Tornar o mundo visível refere-se a tornar a ação compreensível, manifestando o sentido desse mundo pela revelação dos processos pelos quais há o relato (COULON, 1995: 45). Desta forma, sugere-se que o indivíduo é um “teórico social prático”, capaz de construir, relatar e dispor o mundo social através do que diz e do que faz.

Por último, tem-se a noção de membro, numa referência às competências sociais particulares de cada ator social que se estende ao grupo. Além de interpretar corretamente o mundo, através do senso comum partilhado, os membros produzem, constantemente, novos atos e enunciações conectadas com as práticas partilhadas

(MONTENEGRO, 1997:07). O domínio da linguagem e a comum unidade de pensamento são pressupostos para entender a noção de membro na etnometodologia<sup>12</sup>.

É sobre essa base teórica que se estruturou a pesquisa proposta. No transcorrer do estudo, será possível perceber outras referências teóricas que complementam alguns pontos da etnometodologia. Toma-se emprestado alguns conceitos da teoria da estruturação de Anthony Giddens, que, se não estão claramente expressos, apresentam-se de forma subentendida nas formas interpretativas da análise.

A etnometodologia não se interessa em saber como uma definição predomina durante certo tempo, espaço e grupo; as diferentes definições não são vistas como competitivas e nem como tendo origem nas instituições protegidas pelo poder (HAGUETTE, 2007:51). Nesse sentido, Giddens (2003) auxilia nas construções teóricas sobre tempo e espaço, relações entre agentes, instituições, etc<sup>13</sup>.

Ainda sobre o procedimento metodológico, vale destacar que a realização das três viagens “etnográficas” teve como ponto de partida o município de Santa Maria. A amostra intencional privilegiou a disponibilidade de locais rurais na qual as fazendas e os peões pudessem acolher o pesquisador por um período de tempo.

Por outro lado, a análise desses indivíduos obedeceu a critérios definidos anteriormente, tais como: vinculação com o território (naturalidade: o local de nascimento dos peões deveria estar ligado com a região de estudo; familiar: indivíduos com famílias historicamente oriundas do ambiente rural e das atividades campeiras; profissional: por se tratar de peões foi premissa recorrer a indivíduos que atuavam profissionalmente com a lida do campo referente à pecuária); e mobilidade espacial (os peões não deveriam ter residido em outras regiões ou áreas densamente urbanizadas).

---

<sup>12</sup> Chama-se de membro aquele que possui “o domínio da linguagem natural”, a competência social da coletividade em que vive. Não se deve perder de vista o princípio do **diálogo etnográfico**, que consiste em obter, de um informante, o saber socialmente sancionado de sua comunidade; suas descrições e suas explicações são reconhecidas como válidas, apropriadas, pelos outros membros competentes da comunidade (COULON, 1995: 90) [**grifo meu**].

<sup>13</sup> Pela análise teórica previamente realizada, percebe-se uma expressiva complementaridade entre tais teorias. Giddens utiliza a base conceitual de *self* de Mead e tem similares noções teóricas sobre a indiciabilidade e *accountability*, aproximando-se das definições de consciência prática e consciência discursiva. São três conceitos apresentados no decorrer do estudo.

O convívio, mesmo por um curto período de tempo, possibilitou o registro de diálogos, através de entrevistas e imagens mas, principalmente, da observação do contexto de vida e do cotidiano dos peões campeiros.

Diante dessa dupla hermenêutica da realidade<sup>14</sup>, as páginas a seguir são as concatenações das interpretações sugeridas durante a pesquisa. O primeiro capítulo faz uma breve contextualização histórica e atual da região e, por consequência, dos indivíduos – peões campeiros. A perspectiva histórica torna-se fundamental para compreensão das relações econômicas e da institucionalização das fazendas como constituinte dessa comunidade rural. O processo de povoamento e formação econômica e cultural sugere rupturas e transformações sequenciais no território da Campanha, tanto sob condições históricas quanto contemporâneas.

As observações de cada “mergulho etnográfico” estão descritas nos capítulos dois, três e quatro. Estes foram divididos, igualmente em seu conteúdo, de acordo com cada fazenda do município estudado. Os subcapítulos possuem títulos extraídos de sentenças apresentadas pelos peões entrevistados. Assim, pretendeu-se, a partir da teorização dos peões, ordenar uma leitura por capítulo ou através de cada subcapítulo que corresponda à sentenças similares.

Desta forma, o presente estudo é um exercício reflexivo de como certos indivíduos, com práticas, rotinas e compreensões específicas, podem interpretar e construir a realidade, especialmente numa época na qual as mídias adentram em cenários urbanos e rurais com grande intensidade e, por outro lado, as discussões em torno de ações e interpretações sobre o desenvolvimento encontram no território as singularidades que lhe são pertinentes.

Portanto, sugere-se que, na relação cultural entre urbano e rural, muito se sabe sobre o que deste último foi absorvido no urbano, como “o uso de imagens camponesas pela publicidade para sugerir o caráter ‘natural’ de um produto recém-inventado”

---

<sup>14</sup> A maneira de conceber a realidade está no reconhecimento de que a interpretação é inevitável. “A realidade como tal não depende da interpretação para existir: existe com ou sem intérprete. Mas a realidade conhecida é inevitavelmente aquela interpretada” (DEMO, 1997: 22). Dupla, no sentido de que há uma interpretação do peão e outra do pesquisador.

(CANCLINI, 1983:52). No entanto, pouco se sabe ou se procura saber sobre como o rural se orienta e se apropria das formas urbanas no seu cotidiano. Assim, essa dissertação visa contribuir com o deslocamento de perspectivas, para que a compressão da realidade seja ampliada em suas diferentes circunstâncias de reflexão.

## 2. DA CAMPANHA

### 2.1 Uma perspectiva histórica

Ao se pensar a formação social e cultural de um grupo de indivíduos, é preciso analisar, antes de tudo, a relação deste com o espaço<sup>15</sup>. No Rio Grande do Sul, essa preocupação se torna mais evidente a partir do momento em que se estuda a formação do território, especialmente a região da Campanha.

A ocupação da Campanha e a constituição do Rio Grande do Sul é um dos últimos processos de povoamento do território por parte dos lusitanos. Os vários tratados – Tordesilhas (1494), Madrid (1750), Pardo (1761) e Santo Idelfonso (1777), consolidaram uma alternância de dominação entre Coroas. Duas forças rivais foram dominantes na formação do Rio Grande do Sul: a expansão espanhola, representada pelos Jesuítas a serviço dessa nacionalidade e a portuguesa, encarnada inicialmente pelos Bandeirantes (CESAR, 1969:29).

A primazia da influência espanhola na formação do Rio Grande do Sul deve ser pensada a partir de 1535, quando Pedro de Mendoza desembarca no porto de Buenos Aires (ORNELLAS, 1999: 35). Em sua bagagem, havia cavalos e gados que adensaram os campos e homens que se misturaram com os índios no território.

Entre 1626 e 1634, com a organização da província do Tape<sup>16</sup>, os jesuítas começam a por em prática o projeto de aldear e submeter os povos indígenas à autoridade colonial espanhola e ao cristianismo<sup>17</sup>. Sob a concepção da organização política e econômica nas Missões Jesuítas formaram-se grandes estâncias, que auxiliavam no abastecimento de alimentos e meios de transporte. Essas propriedades eram amplas e dominavam um extenso espaço na Campanha do Rio Grande do Sul. A

---

<sup>15</sup> “*La casa, el lugar de trabajo, los puntos de encuentro, los caminos que unen esos puntos, son igualmente elementos pasivos que condicionan la actividad de los hombres y rigen la práctica social*”. (Santos, 1995: 28).

<sup>16</sup> Segundo Maestri (2006), nos atuais territórios do Rio Grande do Sul.

<sup>17</sup> De 1580 a 1640, Portugal e Espanha estavam unidas por uma mesma coroa. Com essa união, os jesuítas espanhóis fundaram 18 reduções no Rio Grande do Sul.



“Estância de São Nicolau”, que atingia os municípios de Rosário do Sul e Dom Pedrito, é um exemplo de como se desenvolveu o projeto jesuíta no território rio-grandense<sup>18</sup>.

Porém, ao mesmo tempo em que a ocupação desse território se conformava ao projeto jesuítico, por outro lado havia o interesse dos luso-brasileiros. Se o século XVI foi marcado por um inicial desinteresse dos portugueses, é no século seguinte que as incursões Bandeirantes descobriram os “recursos” úteis à atividade econômica desenvolvida no nordeste brasileiro. O século XVII foi marcado pela única atividade exploratória luso-brasileira de “prear<sup>19</sup>” indígenas e gado, culminando com o assolamento das reduções jesuíticas. Esse processo configurou o Rio Grande do Sul como um grande campo de pastagem limitado pelas matas<sup>20</sup>, sendo, por longo período, uma área pastoril (BERNARDES, 1997:65).

Esta configuração inicial centralizava a atividade principal na pecuária. O trabalho relacionado era realizado por indígenas e mestiços, que desconsideravam os limites estabelecidos e vagavam por todo o território platino. Os índios, através do desenvolvimento de técnicas de criação e pastoreio, além do uso de artefatos, foram fundamentais para tal atividade. Indígenas e mestiços atuavam na lida como força de trabalho, obedecendo às suas características (por vezes adquiridas com os jesuítas) nômades ou sedentárias; alguns arrebanhavam manadas para os tropeiros luso-brasileiros e outros realizavam trocas com os colonizadores (REICHEL, 2006; MAESTRI, 2006).

Esse processo culmina com a (trans)formação de um segmento social compreendido como “gaúcho”. Sem a preocupação com os limites, esses homens, que administravam o seu tempo de trabalho, eram considerados “vagos” ou “gaudérios”. “Gaúcho”, assim, no que se refere à sociedade do período colonial, compreende

---

<sup>18</sup> Em 1682, após expulsos, os padres da Companhia de Jesus voltaram e tentaram recuperar os rebanhos (REICHEL, 2006).

<sup>19</sup> “Animal caçado”. Aqui entendido como “preiar”, no sentido de capturar, caçar.

<sup>20</sup> É importante citar que, somente quando se incorporou a margem esquerda do rio Uruguai é que o Estado começou a definir sua fisionomia (1801- conquista dos Sete Povos das Missões).

‘peões’, ‘vagos’, ‘gaudérios’ ou qualquer outra denominação que represente o homem da Campanha”<sup>21</sup>. (GUTFREIND, 2006: 242).

A cobiça da coroa portuguesa pelos verdejantes campos, densamente ocupada por gados e equinos, criados extensivamente, foi decisiva para o povoamento do território sul-riograndense. A partir dos anos de 1730, foram concedidas as primeiras sesmarias no litoral norte do Rio Grande do Sul (MAESTRI, 2006:20); na seqüência essas doações se estenderam ao oeste do território. A doação de sesmarias de terras visava à manutenção do arrebanhamento de gado e, por conseqüência, o povoamento e ocupação do território. Com a apropriação do modelo jesuíta de propriedade, concatenado com a doação de terras, ocorre uma amplificação das estâncias na Campanha do Rio Grande do Sul.

Porém, a viabilidade de se ter acesso a terra não ocorria somente pela outorga de sesmarias; dava-se, também, através da guerra e da ocupação ilícita. Bandos guerreiros ou tropeiros de gado fixavam residência e estabeleciam estâncias que formaram o tronco das famílias sulinas. “Constituíram-se assim clãs familiares, que assumiam no contexto local uma situação de predomínio face ao monopólio da terra e do rebanho, constituído na luta contra o castelhano e legitimado pela coroa portuguesa” (PESAVENTO, 1986:15).

O contexto político e econômico assumido por esta propriedade privada e pela atividade que nela era realizada respondeu por uma demanda importante à conjuntura econômica da época. Pouco a pouco, elas cresceram em número de unidades, em população e em bens materiais. No ano de 1797, Souza Docca *apud* Medeiros (1975:25) salienta que existiam em torno de 539 unidades estancieiras.

Essa dinâmica respondeu por um importante aspecto da formação territorial na Campanha do Rio Grande do Sul, principalmente no que diz respeito aos habitantes desse território. A noção de “vago” ou “vagabundo” direcionava-se, num mesmo conjunto, aos trabalhadores sem emprego ou ladrões de gado. As estâncias requeriam

---

<sup>21</sup> Vale lembrar que os espanhóis, por concessão dos jesuítas, caçavam gado na Vacaria do Mar e eram denominados *corambreros*. Os clandestinos eram conhecidos como *changadores* (MAESTRI, 2006:33). A presença de tais indivíduos contribuiu para essa miscigenação e para a designação do termo “gaúcho”.

uma pequena quantidade de mão-de-obra permanente. Uma estância com seis mil cabeças de gado necessitava de um capataz e de uns dez peões (MAESTRI, 2006:104). A condição da forma de ocupação propiciou o surgimento deste “gaúcho vago”<sup>22</sup>.

Porém, era na atividade temporária e sazonal que os trabalhadores avulsos suplantavam as capacidades físicas sobre as intelectuais. Contratados para realizar a marcação, a castração ou a tosquia dos animais, esse habitante da Campanha apresentava manifestações culturais relacionadas com o seu cotidiano, com sua forma de viver (GUTFREIND, 2006). Por conseqüência, os “gaúchos” foram, paulatinamente, transformando seu modo de vida e de homens livres, sem limites e vínculo laboral. Alguns, pelas circunstâncias, fixaram-se nas estâncias, num processo de sedentarização.

No entanto, a presença de gaúchos na região da Campanha não tinha apenas importância econômica, mas também militar. Não se poderia lograr uma vitória nas guerras, assaltos e pilhagens com poucos homens. Até o primeiro quartel do século XX, os grupos paramilitares foram importantes na região, especialmente para regradar conflitos com os platinos e no envolvimento nas guerras internas, como em 1835-45, 1893-95 e 1923.

Assim, vale frisar a importância das estâncias nesse processo. Desde as primeiras doações de sesmarias e a constituição das estâncias, estava presente a preocupação com a ocupação de terras e a garantia dessa ocupação pela ordenação militar dos próprios estancieiros (PESAVENTO, 1986). Assim, pelos fatores que representou, há de se conferir uma centralidade social assentada neste primitivo núcleo de produção rural denominada estância<sup>23</sup>, voltada para a figura do estancieiro e circunscrita em torno de sua família, escravos e peões (trabalhadores campeiros).

---

<sup>22</sup> Gutfreind (2006: 242), sugere que “a presença desse desocupado, vagueando pelos campos, era fruto da realidade social rural, onde a pecuária, com seu sistema de produção baseado na estância e no uso extensivo da terra, impedia que o homem se fixasse com sua família e ali fizesse proliferar os ranchos e povoados”.

<sup>23</sup> Para Xavier (1969:55), “trata-se de um complexo familiar comunal aplicado a criação, que se constitui em linha mestra do desenvolvimento econômico desta região (Campanha) (...) ligada a determinados meios de produção e às suas conseqüentes relações”.

Esse estabelecimento pastoril correspondeu e representou um nível de desenvolvimento econômico de certo tipo, prematuro, de estágio técnico de produção, que até outrora não existia (XAVIER, 1969; PESAVENTO, 1986). Com o fim das concessões de sesmarias (1822) e a promulgação da Lei de Terras (1850), ocorreu uma mudança na concepção de propriedade no Rio Grande do Sul. A partir de 1870, inicia-se o processo de cercamento dos campos. A propriedade pecuária, que outrora criava o gado de forma extensiva, em campo livre e nativo, é suplantada pelos alambrados e cercas divisórias (PESAVENTO, 1986:17). A “estância perfeita”, delimitada pelas condições naturais do espaço, de Nicolau Dreys, dá lugar à “fazenda-modelo”, limitada pelo fio de aço e pelos palanques verticais separando campos<sup>24</sup>.

O processo de transformação das estâncias em fazendas propalou uma série de superações e implantações de técnicas e de vínculos comerciais, incidindo, inclusive, nas relações sociais da produção camponesa. A fixação do estancieiro na cidade representou o desligamento progressivo de sua família com a propriedade rural. Por outro lado, o trabalhador camponês deparou-se com uma ordem mais tecnicada, incidindo nas lidas laborais e excluindo certas atividades, como a do posteiro (encarregado da manutenção de um espaço de terra da estância, o posto).

O trabalhador rural, peão das estâncias, (re) configura a vida na perspectiva das fazendas. O gado foi visto como uma mercadoria e, nessa ordem, se baseou todo o processo produtivo do campo, inclusive as relações trabalhistas que envolviam patrão/peão. A Campanha do Rio Grande do Sul, até o início do século XX, situa-se entre as fazendas, a produção de charque e das indústrias frigoríficas da carne (PESAVENTO, 1986). O trabalhador rural manteve-se constante nessa região, sofrendo transformações gradativas nas relações de trabalho e adaptando seu *modus vivendi* de acordo com a conjuntura de cada época.

---

<sup>24</sup> A leitura de Cesar (1978) sobre a Estância da Música (instruções de João Francisco Braga, proprietário, ao capataz da estância em 1832), destaca alguns fatores auxiliares à análise: a primeira constatação é que Francisco Braga não residia na estância; muitas práticas da lida campeira realizavam-se na época, como marcação, castração, tropeada e reponte (translado de animais); os peões eram negros escravos, ou, mais comum, índios ou *gaúchos* assalariados, com a função de velar pela manutenção dos animais; por fim, o trabalho assalariado presente na contratação e demissão de peões pela adequação do “piso” salarial sugerida por Braga (especialmente o artigo 16 e 35 das instruções, páginas 41 e 44 respectivamente).

Neste ponto, pela breve contextualização histórica, sugere-se a apresentação de um vocábulo de análise: desencantamento. Antes de qualquer coisa, é preciso assentar as bases teóricas em que se pensa o desencantamento, para evitar conceitos amplos e vagos como critica Pierucci (2003). O termo surge da sociologia weberiana e está sempre inferido numa complementaridade entre religião e técnica<sup>25</sup>.

Desencantamento pode sugerir a racionalidade técnica da conduta diária, em troca das compreensões místicas e espirituais que permeavam a vida e as relações dos indivíduos. A contemplação e apego as coisas sagradas, as crenças e alegorias são suplantadas por uma ordem racional, tecnicada em novos meios e condutas de vida.

Assim, com essa breve contextualização histórica, sugere-se um processo de desencantamento gradativo no território da Campanha, recaindo diretamente nos indivíduos que habitaram tal espaço. Ao referir-se sobre o segmento social ora gaúcho, ora peão, compreende-se um desencantamento histórico entre homem, sistema econômico e espaço.

A vida errante do “gaúcho vago” estava direcionada ao contexto “harmônico” do pampa e dos seus abundantes rebanhos de animais (GUTFREIND, 2006:242). Quando o processo de exploração “campereou”<sup>26</sup> lado a lado com o de ocupação, as estâncias tornaram-se o núcleo social que fixou considerável parte desses indivíduos, gerando uma sedentarização pela “técnica” de ocupação (racionalidade política) e de exploração da pecuária (racionalidade econômica). Esses homens perceberam o esvanecer da vida livre diante da subordinação a uma nova instituição/organização<sup>27</sup>.

Assim, a efetivação das estâncias na Campanha do Rio Grande do Sul respondeu por um processo de racionalização da instituição, primeira nesse sentido, que também esteve presente no âmbito das ações e relações sociais, das atividades, das práticas e

---

<sup>25</sup> “O termo ‘desencantamento’, acompanhado ou desacompanhado de seu complemento ‘do mundo’, tem dois significados na obra de Weber: desencantamento do mundo *pela religião* (sentido ‘a’) e desencantamento do mundo *pela ciência* (sentido ‘b’) (PIERUCCI, 2003: 219).

<sup>26</sup> Camperear: “Percorrer o campo à procura do gado ou verificar suas condições”. (BOSSLE, 2003: 113).

<sup>27</sup> O processo de desencantamento implica uma crescente subordinação de indivíduos e coletividades às organizações, instituições e sistemas, articulados ou em descompasso, mas em geral em cadeia. (IANNI, 2000:185).

ideias que envolviam todos os indivíduos do seu contexto. O gaúcho, o peão, aos poucos, se “vê delimitado, confinado, subordinado, adjetivado, administrado” (IANNI, 2000: 186); é um desencantamento gradativo do seu modo de vida.

O desencantamento do universo dos peões pode ser identificado em um segundo estágio. O surgimento de cercas e alambrados trouxe em seu bojo a substituição de técnicas no campo, a delimitação dos campos para o gado e, conseqüentemente, igual delimitação das atividades do peão.

No plano social, o incipiente surgimento de povoados e cidades salienta o surgimento de outros atores sociais. No plano místico, “o jogo do sobrenatural era repartido entre o padre e o médico: detentores da mais antiga magia” (XAVIER, 1969: 65). No sentido literal de Weber, havia um processo de desmagificação do mundo desses atores rurais<sup>28</sup>.

Destarte, no plano histórico, essas notas são reflexivas para a compreensão do processo de ruptura e transformação numa ordem racional moderna, expressa pelo desencantamento do mundo desse segmento social. No entanto, essa ruptura não representou uma quebra de padrão no comportamento e no modo de vida “típico” do contexto rural da Campanha do Rio Grande do Sul. Práticas, costumes, comportamentos, objetos, etc., seguiram uma constância, pondo em relação o que representa o arcaico e o moderno, talvez pela parca ação deste último no sistema produtivo configurado até os dias atuais na Campanha.

## 2.2 O cenário contemporâneo

A reflexão histórica anterior sugere uma análise das condições atuais que configuram a região da Campanha, especialmente no que tange aos assuntos desse estudo. Contemporaneamente, é sugestivo visualizar a presença da população rural

---

<sup>28</sup> Desencantamento, “em alemão *Entzauberung*, significa literalmente ‘desmagificação’. *Zauber* quer dizer magia, feitiço, encantamento e por extensão encanto, enlevo, fascínio, charme, atração, sedução...” (PIERUCCI, 2003:07).

nesse território. Afinal, em que situação social e econômica esse segmento social está inserido atualmente? Respostas absolutas tornam-se difíceis de serem formuladas. Porém, a compreensão da vida desses habitantes do meio rural pode ser contextualizada a partir de dados macros que apresentam preliminarmente a condição humana no ambiente rural da Campanha gaúcha.

Assim, em 1991, esta população representava 5,19% da população rural do Rio Grande do Sul (2.142.128 habitantes). Em 2000, esse índice permaneceu constante em termos percentuais, com cerca de 5,39% em relação ao Estado (1.869.814 habitantes) (IBGE/IDH, 1991/2000)<sup>29</sup>.

A região, fazendo uma comparação interna, possuía uma população rural, em 1991, representando 16,11%, em comparação com a população total (690.156 habitantes). Em 2000, a população rural estava em torno de 13,5% da população total (747.115 habitantes). Assim, em números absolutos, a Campanha perdeu, no intervalo de nove anos, cerca de 10.300 habitantes no espaço rural (IBGE/IDH, 1991/2000)<sup>30</sup>.

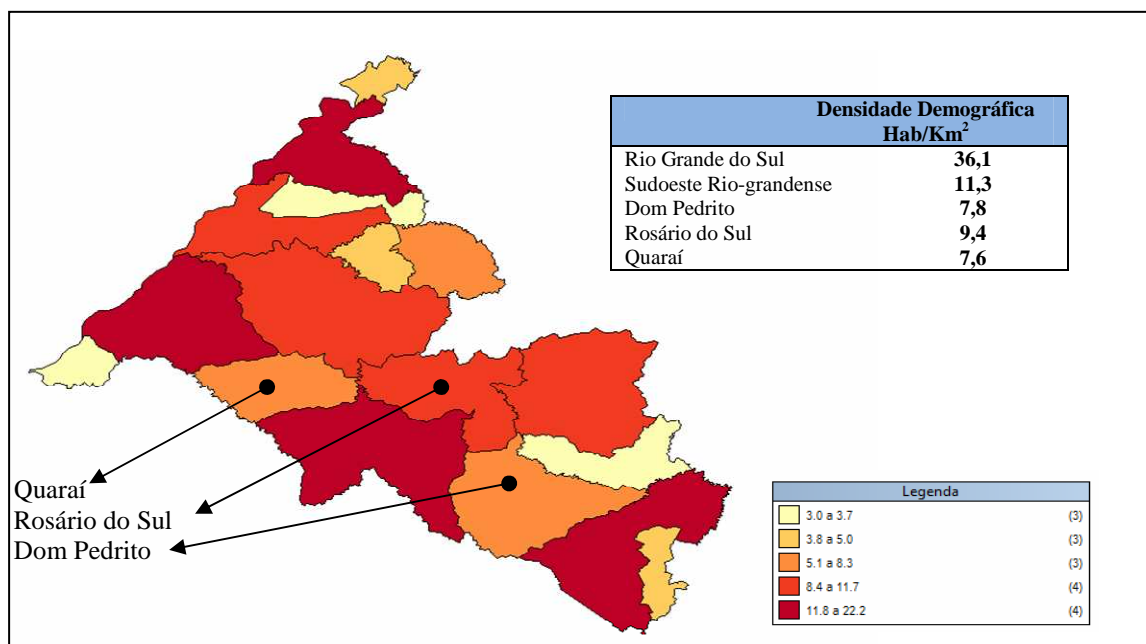
No que tange a área em quilômetros quadrados, os 19 municípios da região correspondem a um percentual em torno de 22,4% da área do Rio Grande do Sul (281.724 Km<sup>2</sup>). Os municípios de Dom Pedrito, Rosário do Sul e Quaraí possuem, respectivamente, 5.194,8 Km<sup>2</sup>, 4.357,2 Km<sup>2</sup> e 3.148,8 Km<sup>2</sup>. A população e a área total dos municípios são significativas para a compreensão da densidade demográfica, principalmente pela presença do tipo de propriedade fundiária (latifúndio pastoril) na região (ilustração 02).

---

<sup>29</sup> Ainda não foram divulgados os dados do Censo 2007 sobre a população rural.

<sup>30</sup> População rural dos municípios visitados.

Ilustração 2 – Densidade Demográfica, Rio Grande do Sul e municípios da região Sudoeste Rio-grandense, 2000.



Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano, IBGE, 2000.

As informações apresentam uma significativa diferença na densidade demográfica entre o Estado, a região e os municípios selecionados para o estudo. A população está concentrada nas áreas urbanas. Devido à grande área de terra, nota-se uma população rarefeita na região sudoeste riograndense.

A situação econômica, no que tange a atividade produtiva, está direcionada para o setor primário. Como historicamente se apresenta, a região está voltada para a criação de bovinos, ovinos e equinos. No quadro a seguir (ilustração 03), tem-se a participação percentual das mesorregiões com referência ao Rio Grande do Sul.



Ilustração 3 – Participação percentual da região e dos municípios no efetivo dos rebanhos de Bovinos, Ovinos e Equinos em relação ao número de cabeças no Rio Grande do Sul, 2006.

Estado (cabeças) Região-município (%)	Bovinos (cab.) (13.974.827)	Ovinos (cab.) (3.764.031)	Equinos (cab.) (468.447)
Sudoeste Riograndense	33,91	52,91	31,60
Noroeste Riograndense	18,99	6,78	11,57
Nordeste Riograndense	6,22	1,67	4,89
Centro-ocidental Riograndense	11,28	7,42	8,88
Centro-oriental Riograndense	6,10	3,68	5,47
Sudeste Riograndense	15,69	24,12	21,65
Metropolitana de POA	7,78	3,38	15,90

Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal, 2006. IBGE/SIDRA.

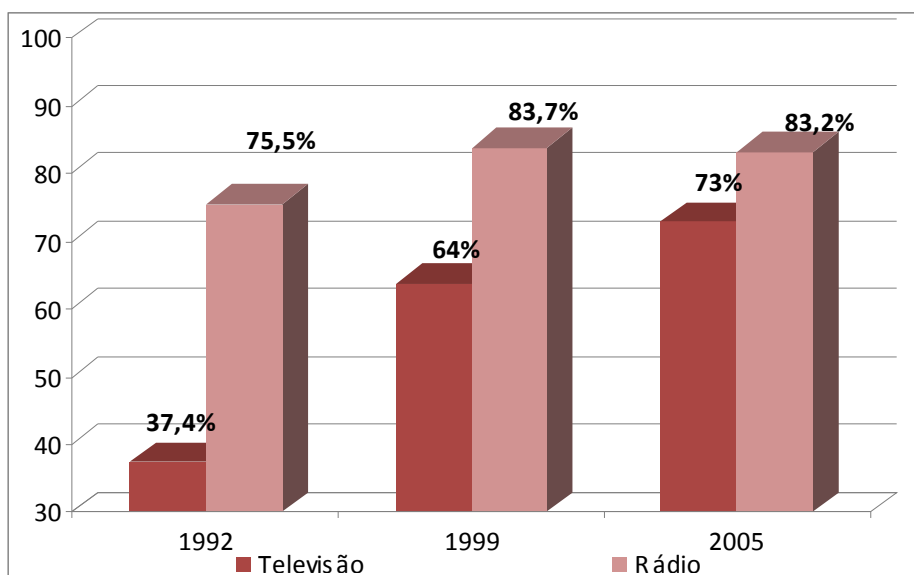
Percebe-se que, dos 497 municípios do Estado do Rio Grande do Sul, apenas os 19 municípios da mesorregião absorvem o maior percentual na criação dos rebanhos bovinos, ovinos e equinos. São informações que salientam a permanência da estrutura fundiária e produtiva da região, oriunda do processo de povoamento do Estado e presente até os dias atuais. Portanto, houve uma institucionalização da pecuária e das fazendas como núcleo produtivo, presente em 22,4% da área do Rio Grande do Sul.

Por outro lado, após a contextualização atual e, conseqüente correlação com as questões históricas da região, neste estágio é sugestivo analisar outro ponto, envolvendo o sudoeste riograndense: a mídia. O tipo de povoamento e a atividade econômica realizada demonstram a importância do meio rural. No entanto, as poucas demandas por meios técnicos à atividade refletiram uma ínfima “modernização” desse território, incidindo, inclusive, na disponibilização de recursos como a energia elétrica<sup>31</sup>.

Por conta disso, a presença de dispositivos tecnológicos como rádio, televisão, telefone e aparelhos de CD/DVD, tiveram sua utilização tardia em regiões como o sudoeste gaúcho. O rádio, pela funcionalidade, com baterias auxiliares, fixou-se primeiramente no meio rural. A seguir (ilustração 04) têm-se os percentuais de penetração do rádio e da televisão no meio rural.

<sup>31</sup> Em 2000, a estimativa era de que apenas 30% dos domicílios rurais no Brasil possuíam energia elétrica. Em 1991, a região possuía 83,9% de domicílios (rurais e urbanos) com energia. Em 2000, esse índice subiu para 95% (Atlas IDH, IBGE, 2000).

Ilustração 4 – Inserção do rádio e televisão no meio rural no Brasil (1992, 1999 e 2005).



Fonte: Tendência Consultoria, 2007.

O rádio é a mídia mais presente no meio rural, mas o destaque nesse período de uma década é a presença da televisão, que triplicou sua inserção neste meio. No Rio Grande do Sul, segundo o IBGE (2006), mais de 95% dos domicílios no Estado possuem rádio e/ou TV. Em geral, dos domicílios gaúchos, 95,9% possuem TVs e 95,6% possuem rádios<sup>32</sup>.

Ou seja, as informações apresentadas salientam um contexto rural onde a inserção midiática amplificou-se na última década. As mídias consolidaram-se como uma via de informação, de relação social e de formação de opinião e consciência. Sob um meio “arcaico”, a presença das mídias contribui para ampliação da realidade social dos habitantes da Campanha do Rio Grande do Sul. Sendo assim, para analisar a articulação e o sentido do desenvolvimento desta comunidade, é relevante atentar-se ao contexto midiático presente no dia-a-dia dos atores sociais estudados. Nesta breve análise histórica e contemporânea, fixaram-se as bases reflexivas para a compreensão e a realização das viagens etnográficas descritas a seguir.

<sup>32</sup> Pesquisa publicada no jornal Zero Hora do dia 16/09/06.

### 3. DOM PEDRITO, RS

#### 3.1 “Passo minha lida inteira entre o galpão e o campo”

*Vou num carro são/Sigo essa frente fria/Pampa a dentro e através/Desde o que é Libres sigo livre/E me espalho sob o céu/Que estende tanta luz/No campo verde a meus pés/(...)Eu indo ao pampa/O pampa indo em mim. (Indo Ao Pampa, Vitor Ramil. Composição: Vitor Ramil).*

A primeira “imersão etnográfica” da pesquisa ocorreu no município de Dom Pedrito, mais especificamente na divisa entre este e o município de Rosário do Sul. No caminho até Dom Pedrito, já ficou visível que a pampa não é mais a mesma de outrora. Além de campos nativos, o viajante vislumbra algumas plantações artificiais de eucalipto e grandes extensões de lavouras de grãos no decorrer da viagem. É um cenário modificado, em grande medida, se comparado as descrições de Saint-Hilaire, entre 1820 e 1821. À época, sem alambrados, somente pastagens, capão de mato e muitos animais selvagens. Hoje, as pastagens alternam-se com as lavouras e os animais selvagens já não são abundantes. Quando o são, o viajante identifica-os na beira da estrada, falecidos por atropelamento dos carros e caminhões que cruzam a pampa.

Próximo a Dom Pedrito, surge uma blitz da polícia rodoviária federal. Sou inquerido por policiais. Da enquete policial, passamos para uma conversa informal sobre desenvolvimento regional, mídia e peões de estância. A curiosidade é tanta que pergunto aos patrulheiros seus municípios: Dom Pedrito e Cachoeira do Sul.

A viagem é demorada e boa parte dela se faz por estradas com baixo fluxo de carros. As condições da estrada exigem cuidados por parte do motorista. Nas proximidades de Dom Pedrito, avista-se um número cada vez maior de camionetas de grandes proprietários rurais (com placas do município de D. Pedrito) sobre o asfalto de condição irregular.

Na cidade, o pesquisador é recebido pelo advogado e fazendeiro, senhor de sobrenome Gonçalves, cuja cordialidade e atenção são condizentes com sua posição

social perante Dom Pedrito. Da cidade ao campo, são 50 km de chão batido. No caminho, de cada veículo ou transeunte vem um aceno com o braço, pois é uma postura indispensável. Pelo caminho, encontrou-se pelo menos dois indivíduos, a pé, embriagados. Não poderia generalizar tal constatação, mas a interpretação inevitável era de que o processo de exclusão/inclusão está na cidade e no campo da mesma forma.

Até a fazenda, os campos são ocupados por animais (bovinos, ovinos e eqüinos) ou grãos. As casas são pouco frequentes, não diferenciando das descrições de Saint-Hilaire (1974:82) em visita à região. O que chama atenção são as taperas<sup>33</sup>, construções que denunciam uma evasão populacional do trabalhador rural. Se for válido considerar a rua um lugar de movimento, espaço de pessoas indiferenciadas e desconhecidas (DAMATTA, 1986: 24), no campo a estrada, mesmo com o grande espaço, torna as pessoas diferenciadas e conhecidas. Assim, compreendeu-se os acenos aos transeuntes e os sinais de luz emitidos pelos veículos que cruzavam em direção oposta. Pela limitada quantidade de propriedades privadas, a pessoalidade é inevitável.

Ao percorrer uma dessas estradas, chegou-se à sede da fazenda na qual iria se realizar a pesquisa. Na região da Campanha, por contextos históricos já apresentados, o núcleo populacional ficou concentrado em volta das estâncias, hoje fazendas. De modo geral, na fazenda, há a casa do proprietário e o galpão<sup>34</sup> que, para muitos peões torna-se a “sua casa”. É desta forma que, se na cidade há a casa para trabalhador urbano, no rural existe o galpão para o trabalhador do campo.

Nesta primeira fazenda, a casa do proprietário confundia-se com o galpão do peão, dada a proximidade espacial entre ambas. O galpão não é galpão se não possuir as seguintes condições: uma churrasqueira ou uma lareira para preparar o alimento e aquecer os dias de inverno; materiais de encilhar cavalo; fármacos para trato animal; cachorros à sua porta e um rádio AM/FM (Ilustração 05).

---

<sup>33</sup> Tapera: “rancho, casa ou qualquer habitação velha abandonada, geralmente já em ruínas invadida pelo mato” (BOSSLE, 2003: 484).

<sup>34</sup> Sob o olhar regional, o galpão é uma “construção rústica edificada na sede da estância, destinada ao abrigo de homens e animais bem como a guarda de materiais e outras serventias. Possui, geralmente, uma área de chão batido e uma outra assoalhada com madeira bruta para guardar ração, arreios, ferramentas e outros utensílios” (BOSSLE, 2003: 259).

Mas quando se fala em galpão, assim como Roberto DaMatta fala em casa, não se está falando somente num local de dormitório, refeitório ou de proteção contra as intempéries climáticas. Está se falando, também, num conjunto de objetos, relações, valores e construções que os grupos adquirem e preservam<sup>35</sup>.

No entanto, o galpão não ordena um mundo à parte do campo, da estrada, pois está presente na cotidianidade do peão campeiro. O galpão relaciona-se com o campo, numa complementaridade que envolve o viés econômico, a condição social e as percepções culturais. Assim encontra-se o galpão da fazenda em Dom Pedrito. Ao contrário das casas urbanas, lá encontrou-se a porta do galpão aberta para o campo, como uma extensão da vida de indivíduos pensados como uma comunidade.

Ilustração 5 – Foto do galpão no município de Dom Pedrito (objetos de encilhar cavalo, mala de garupa<sup>36</sup>, etc.).



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

<sup>35</sup> Está contida “uma dimensão da vida social permeada de valores e de realidades múltiplas. Coisas que vem do passado e objetos que estão presentes, pessoas que estão saindo deste mundo e pessoas que a ele estão chegando (...)”. (DAMATTA, 1986:19).

<sup>36</sup> “Pequeno saco, com uma abertura central, no sentido longitudinal, que o cavaleiro carrega na parte superior do lombilho ou serigote, à maneira de alforjes, por baixo dos pelegos; maleta” (BOSSLE, 2003: 313).

Um detalhe interessante nesse referido galpão, que pode elucidar a questão econômica e social envolvendo esses indivíduos, é a presença da “cartilha do patrão”, fixada acima da lareira. Segundo ela, algumas ações e atitudes devem ser tomadas pelo peão no decorrer do seu trabalho:

- Quando o patrão estiver no estabelecimento, dialogar sobre as lidas prioritárias para o patrão não ficar de visita;
  - Trabalhar com as mangueiras<sup>37</sup> folgadas, para melhor manejo, sem causar hematomas nos animais;
  - Mangueiras sem cachorro e sem quizo;
  - Qualquer lida de gado de cria nas mangueiras, separar os terneiros do gado adulto;
  - Colocar na balança somente um animal por vez;
  - Cavalos em pastagem artificial só com ordem do patrão;
  - Nunca reprimir empregado na frente dos outros, mas sim, em particular;
  - Nunca ter pressa para terminar o serviço, trabalhar de cara alegre, pois cara feia é quem está com dor de barriga e salário atrasado;
  - Capataz e peão não fazerem comentários de seus ex-patrões para o patrão atual. Nem comparações com estabelecimento e maneiras de trabalho;
  - Cavalos casqueados, tosados, não encilhar o mesmo de manhã e à tarde, sempre trocar. Lavar os xergões de 15 em 15 dias no mínimo. Caso pisar o lombo, comunicar o patrão;
  - Receber o patrão de cara alegre e disponibilidade para qualquer serviço;
  - Ser amigo e fiel ao patrão é fundamental para o estabelecimento ir bem e o emprego ser duradouro;
  - Mentira jamais, pois tem perna curta;
  - Quem madruga, Deus ajuda.
- O dia que decorares esta cartilha a vida será bem melhor, podes acreditar. (Cartilha do Patrão)

As regras e condutas que recaem sobre a relação econômica – patrão x peão – adquirem uma configuração específica no campo, nas atividades agropastoris. Representam relações de poder existentes como em qualquer outra ordem na qual está presente o capital. O peão campeiro está ciente, neste caso mais claramente ainda, que sua posição não envolve somente a condição de valores, comportamentos e atitudes. Envolve, e muito, sua relação econômica, seu trabalho sobre a base institucionalizada da fazenda.

---

<sup>37</sup> Mangueira é um “grande curral de arame, pedra, madeira, junto à casa da estância, onde se encerra o gado para marcação, cura de bicheiras, castração, aparte, etc.” (BOSSLE, 2003: 320).

É entre o campo e o galpão que está presente o trabalho. Ou, como dizem os peões, a lida campeira. A rotinização<sup>38</sup> da vida dos peões está alicerçada nas relações entre o galpão, o campo e a lida. Porém, ao mesmo tempo em que o campo é o mediador entre o galpão e a lida, para o peão ele configura-se no próprio trabalho.

Assim pôde-se perceber como, inicialmente, estão posicionados esses indivíduos diante das relações sociais e de trabalho, estruturados nos encontros no tempo-espaço em torno do campo, do galpão e da lida.

Nesta perspectiva compreensiva, o pesquisador foi apresentado a um peão campeiro como se pré-visualizara. Como diz o poema “filho de pai brasileiro, hijo de madre oriental”, Vicente Da Silva é um peão de 44 anos, altura em torno de 1,80 m. Meri, sua companheira, tem 46 anos e cerca de 1,65 m. Ambos são peões campeiros e possuem suas carteiras de trabalho como trabalhadores rurais. Suas ocupações diárias assemelham-se a descrição de Nicolau Dreys, em 1839: “sua ocupação consiste em velar sobre os animais, contê-los nos limites da estância, reuni-los, guardá-los e apartá-los quando é mister” (DREYS, 1990: 94).

“Meu avô lutou naquela revolução de São Paulo, esfregou as esporas na parede do palácio”. Foi assim que, logo nos primeiros diálogos, Vicente já demonstrou o orgulho de ser peão e de possuir familiares combatentes em revoluções. Percebeu-se que não se precisaria de muitos “rodeios” para se fazer perguntas. O mais encabulado era o pesquisador. As conversas eram as mais diversas: a soja tomando conta, o eucalipto... e, para espanto, a crise no Detran-RS (“deu no jornal nacional!”), sem contar a dengue<sup>39</sup>.

Neste ponto já se notou que a mídia, definitivamente, não poderia ser esquecida. Aliás, começou-se a contar histórias e Meri fala: “uma vez apareceu a fazenda das pedras numa novela do SBT, mas já faz uns oito anos”. A interpretação de que a mídia atuava no processo de (re) valorização das lidas e da forma de vida desses indivíduos

---

<sup>38</sup> Rotinização é “o caráter habitual e assente da maior parte das atividades da vida social cotidiana; a preponderância de estilos e formas de conduta familiares, sustentando e sendo sustentada por um senso de segurança ontológica” (GIDDENS, 2003: 444).

<sup>39</sup> Notícias que engendram as discussões da mídia no período de realização da viagem.

havia sentido. Cabia agora, compreender, aos poucos, com qual intensidade e com que mídia isso era mais expressivo.

No mesmo dia da chegada, saiu-se para camperear com o fazendeiro. Ouviu-se histórias, viu-se cavalos, ovelhas e novilhos. O mais indicado foi usar botas e bombacha, o que para eles é o mais correto para quem anda a cavalo. Na volta, desencilhando o baio<sup>40</sup>, percebe-se uma música ao fundo. No galpão (no quarto do casal), um aparelho de DVD e uma TV iluminavam o entardecer e faziam aqueles campos escurecerem ao som das músicas de Teixeira (cantor regional).

A mídia, pela segunda vez em 3 horas de estadia. Sem dúvida alguma, as relações sociais e culturais na Campanha, como em outro lugar, não permaneceram inalteradas com a inserção midiática<sup>41</sup>. Se no meio urbano analisar a influência midiática confunde-se com o próprio meio, aqui no campo, no ambiente rural, perceber tal contexto torna-se mais acessível. Ou seja, de antemão, onde tudo na cidade representa o “moderno”, naqueles campos ainda sopra um vento do “tradicional”. Consequentemente, fica mais fácil olhar o “moderno” como algo de diferente.

No jantar, mais conversas. Vicente e a esposa são muito agradáveis. Outra conversa sobre a soja, os venenos na lavoura e os antibióticos em animais. Vicente diz: “como fala o fulano, é a modernidade”. Ou seja, nota-se que o uso de remédios e venenos é apresentado como um avanço no campo, uma modernidade.

A janta é baseada em proteínas. Arroz, feijão e carne de ovelha na panela. O fazendeiro fala em venenos nas saladas compradas, na tentativa de incentivar o plantio pra consumo próprio. Em vão. Como ele diz: “não adianta, eu tento, mas eles são do campo”.

Vicente conta que é domador; seu pai também é e cuida a outra ponta da fazenda. Diz que conhece os municípios de Santa Cruz do Sul, Rio Pardo, mas nunca

---

<sup>40</sup> A pelagem do animal. Amarelo meio-loiro.

<sup>41</sup> Thompson (1998).



foi para Santa Maria. Comenta que o Rio Grande do Sul é grande, mas que conhece pouco lugares no Estado.

As 21h30min foi a hora de se recolher. Por método indutivo, poderia-se crer que, no outro dia, por volta das 5hs, o mate já estaria cevado.

O dia começou cedo, pelo menos para o Vicente. Nesse dia saiu-se para camperear com o dono da fazenda. Vicente ficou preparando as ovelhas na mangueira e foi para carnear. Após o almoço, uma sesteada até as 15hs. Procurou-se descobrir se o ato de dormir após o almoço era comum. A explicação veio com a estação do ano. Quando o calor é intenso, é praticamente impossível sair para lida. Geralmente no inverno, a situação melhora e não há a sesta. Como versa Jayme Caetano Braun, “o sol parece uma brasa na cinza do firmamento. Sobre o campo sonolento ninguém está de vigília (...). No galpão tudo é silêncio, a cachorrada cochila e a peonada se perfila estirada nos arreios” (1996: 85).

Da Silva, Gonçalves e o pesquisador saíram para mais uma campereada, agora com o objetivo de contar o gado. No início da noite regressou-se, o que apresenta, de certa forma, a relação existente em tempo e espaço na vida desses peões. Pela grande extensão de terras, onde o campo é o espaço do trabalho, o tempo se esvai na mesma proporção do espaço de trabalho.

O Senhor Gonçalves procurou mostrar a fazenda e deixar uma imagem de que a propriedade é produtiva e tem utilidade. Também falou que pagou cursos ao Vicente, com o objetivo de melhor qualificá-lo na atividade profissional. Tempo depois, Vicente me informou que os cursos não serviam para nada. Segundo ele, eram formas diferentes de explicar aquilo que, na prática, ele já sabia realizar. Na campereada, encontrou-se um senhor, outro peão campeiro. Marcou-se uma visita, na sua casa, para realizar a entrevista.

De volta ao galpão, local da maioria das relações sociais na fazenda, registrou-se alguns momentos em imagem fotográfica. Numa delas, com Méri sentada em frente à TV, teve-se a seguinte impressão: nas questões de tempo e espaço, o primeiro para o

pesquisador, pela disponibilidade de informações, é o mesmo de um peão campeiro e um morador de uma grande cidade. Já o espaço, neste ponto, está sendo o diferencial. Nesses campos essa noção de distância (inclusive de distância dos grandes centros) é preponderante.

Na região rural da pesquisa, pensa-se que o tempo é igual para todos. Pois o contato com as mídias destaca essa impressão. TV, jornais informativos, novelas e filmes não desconectam o indivíduo do que acontece “lá fora”. Por outro lado, o rádio é um veículo de informação local. Antes de outras tecnologias, o rádio era veículo de recado entre famílias: “Dona Fulana avisa que vai almoçar nesse domingo na casa do Senhor, seu Beltrano”.

Fica saliente que o que acontece além da fronteira não é estranho, ou melhor, pode até ser estranho, mas não é novo. Faz parte do cotidiano e, às vezes, é motivo para conversas. A questão do espaço já é diferente, pois os limites de viagem do casal são limitados. Méri foi até Santa Maria. Vicente conhece Porto Alegre (foi uma vez). Mas o máximo mesmo que se deslocou foi até Pantano Grande, Rio Pardo.

Nesta relação entre tempo e espaço, é que se pode pensar a regionalização nos pensamentos, hábitos e cotidiano, como sendo limitada por esse espaço geográfico. Se o espaço está condicionado pelas distâncias (e na Campanha tudo é longe), essa mesma distância, pelas observações iniciais, não é empecilho para relações sociais e nem para uma forma similar de pensamento. Como teoriza Méri, ao comentar sobre a cidade: “lá as pessoas não se dão adeus, não conversam. Aqui a gente se dá com todo mundo, conversa”. Segundo ela, quando há uma folga, costumam visitar os parentes e ir em algum rodeio<sup>42</sup>, para manutenção dos contatos sociais.

---

<sup>42</sup> O rodeio tem uma orientação interessante na vida dessas pessoas. Considerado em muitos casos como a consagração de uma tradição reinventada no urbano, ele adquire outro sentido no contexto rural. No ambiente do campo e da lida de um peão, percebe-se que os rodeios são feitos por indivíduos que conhecem a atividade campeira. Em Dom Pedrito, nos dias da pesquisa, presenciei conversas entre peões que acertavam os detalhes para a realização do evento. Só que não havia a interferência do Movimento Tradicionalista nem qualquer tipo de divulgação midiática, a não ser o aviso de boca-em-boca. Neste contexto, prefere-se pensar o rodeio como uma forma de entretenimento e de estreitamento das relações sociais no campo. Como teoriza Da Silva (2008), “a gente se diverte e encontra os parceiros”.

Na janta, um churrasco de ovelha carneada no dia (ilustração 06). Uma solicitação de Vicente e Méri para ver as fotos ordenou duas constatações: Primeiro, o notebook não foi visto como espanto, “nossa uma coisa moderna! Não entendo disso”, mas apenas como curiosidade. Ou seja, não foi tão alienígena ao meio, por que a mídia já mostrou que existia. Segundo, na hora de assar a carne, Vicente preenchia as imagens captadas pelos olhos com o cuidado em assar a carne e com o cuidado em saber como o ator Edson Celulari, interpretando um personagem, estava, após perder seu estabelecimento comercial na telenovela transmitida via satélite.

Ilustração 6 – Foto da lida de Vicente Da Silva (carneação de ovino para consumo na fazenda).



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

No outro dia, domingo, 06 de abril de 2008, pela manhã saiu-se pra contar o gado. Nesses três dias, já ficou comprovado que a rotina do peão estava centrada na campereadas, contagem e manutenção dos rebanhos.

Ao regressar, o almoço estava pronto, tendo como base nutritiva, novamente, carne ovina. Após a refeição, o Sr. Gonçalves se despediu. À tarde, houve visita a parentes dos entrevistados (Méiri, Da Silva e o pesquisador). Tirou-se fotos e conversou-se com várias pessoas da localidade. Todos estavam curiosos por saber o que se fazia e se o pesquisador era repórter. As pessoas foram bem receptivas e, assim como respondiam também perguntavam. Num bolicho de campanha<sup>43</sup> (ilustração 07), conversou-se com o proprietário, que informou não possuir aparelho de televisão em casa. Depois descobriu-se que pensava ser uma má influência às filhas. Mas é uma exceção. Todos possuíam acesso ao rádio e a TV.

Ilustração 7 – Foto do bolicho (divisa entre o município de Rosário do Sul e Dom Pedrito).



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

<sup>43</sup> “Pequeno estabelecimento comercial; bar, vendinha, bodega, taberninha” (BOSSLE, 2003: 86). Domingo “era dia de maior frequência no bolicho. A peonada de folga depois de ‘enfeitar’, encilhava seus pingos (...), rumava para o bolicho, a se encontrar com os companheiros. Nessas ocasiões, acertavam carreiras, bailes, negócios, ou contavam seus feitos ou proezas” (GONÇALVES, 1984: 96). No bolicho, ficaram comprovados os diálogos etnográficos aos quais se atenta a etnometodologia.

Naquele dia marcou-se de retornar no dia seguinte para conversar com outras pessoas. Algumas, pensando que o pesquisador fosse realmente repórter, ficaram empolgadas com a ideia de aparecerem num jornal ou na TV.

Durante essas visitas, uma observação foi lembrada. Se na década de oitenta percebeu-se o impacto da TV no campo (GOLIN, METZ e OSÓRIO, 2006:60), hoje, pode-se afirmar que o que está gerando uma nova transformação no cotidiano é o celular. Todos os peões campeiros possuem um aparelho de telefonia móvel. Mesmo que o sinal seja pífio, lá está ele ocupando espaço na guaiaca<sup>44</sup> do peão campeiro. O celular parece que chegou para facilitar a vida no campo e ampliar as relações sociais.

Cada dia de convívio com esses membros da comunidade rural fez o tempo deles parecer ser similar ao do pesquisador. No entanto, é a noção de espaço que possui léguas de diferença. Para eles, mesmo sendo cedo para postular tal constatação, o Rio Grande do Sul é a Campanha. O território pensado como o Estado restringe-se aos deslocamentos no entorno de suas vidas e atividades profissionais. Falar em qualquer outra região pertencente ao Rio Grande do Sul torna-se uma dificuldade.

Naquele dia, todas as pessoas confidenciaram que pensam estar numa região desenvolvida. Preliminarmente, pode-se informar que a noção do termo vai ao encontro da ideia de produtividade. Onde tem produtividade (gado e a lavoura), há desenvolvimento. Essas grandes extensões de terra são fundamentais pra que ocorra uma boa produtividade. A noção deles é, sem dúvida, condicionada pela atividade laboral e pelo espaço (o campo, a pampa).

Na tarde quente daquele dia foi possível compreender que o gaúcho do campo tem dificuldades, pois está longe de médicos; escolas; etc. Porém, vive numa situação em que não se acha pobre e nem vive em subcidadania. Para esse gaúcho, pobreza é não ter onde morar e não ter o que comer e na Campanha isso é difícil de ocorrer.

---

<sup>44</sup> “Cinto largo de couro macio, com uma ou duas fivelas, bolso para relógio à esquerda, uma bolsinha para moedas, um bolso maior às costas e meio coldre de lado de laçar” (Bossle, 2003: 273).

Outra observação realizada refere-se às relações sociais. Naquele dia, havia várias pessoas no bolicho, dentre elas um senhor de descendência italiana. Sua fisionomia diferia significativamente dos demais. Além disso, sua vestimenta também não se assemelhava aos dos peões presentes. Este senhor fez parte da roda de conversa. Porém, no entanto não emitia opinião e, por vezes, parecia deslocado daquele grupo.

Algum tempo depois foi-se com outros dois peões verificar a pista de rodeio nas proximidades. Naquele momento, eles comentaram sobre a agricultura na Campanha do Rio Grande do Sul. Falaram da fazenda do Movimento Sem-Terra na região e da situação constrangedora que a região estava vivendo, com a presença daquela fazenda. Quando perguntou-se sobre quem era o senhor de descendência italiana, eles informaram que era um indivíduo residente há algum tempo e que só se dedicava a agricultura.

A situação entre os peões, percebida naquele momento, refletia uma noção na qual a profissão rural voltada à agricultura era vista com certa discriminação. Ao comentarem sobre o MST e desprezarem o indivíduo “diferente” deles, ficou saliente a perspectiva de considerar a profissão de peão campeiro como superior à do trabalhador agrícola. Uma alteridade diante de um segmento de trabalhador que habita o mesmo tipo de espaço. Esse comportamento já foi, por vezes, retratado pela literatura. Roque Calage, em “Terra Gaúcha: cenas da vida rio-grandense”, retrata essa relação:

“De tempos para cá, um vida nova, uma existência estranha vinha se abrindo, vinha-se rasgando pelos escamados de outrora, mudados então naquela colonização estrangeira, avançando, avidamente, pelas terras da fazenda onde ele nacera, mermando-lhe a vida (...). Só havia gente baiana, uns sotretas que não sabia pealar um novilho magro, nem repontar um bagual... Final de contas, uma disgracia!..” (CALLAGE, 2000:21).

Aquela situação e o retrato literal demonstram o quanto os indivíduos podem estar vinculados ao território e ao sentimento de pertencimento, uma reação que não é exclusiva dos peões campeiros, repetindo-se em demais circunstâncias que envolvem indivíduos fortemente fixados e limitados em determinados espaços.

No outro dia pela manhã, já se estava novamente no povoado, com mais conversas e mais fotos. Algumas entrevistas foram realizadas, inclusive com a Dona de um bolicho de Campanha (ilustração 08). Ela também confirmou que considera a região desenvolvida. Queixou-se da infelicidade das pessoas que saem da campanha, mas depois contam os dias para voltarem.

Sem ser da lida de peão, ela e o marido resolveram atuar nos serviços que envolvem a cadeia produtiva do campo. Eles tiram o sustento na região com comércio, com o trabalho com o couro e a lã que enviam ao município de Guaíba e com o material reciclável, oriundo da peonada e da lida do campo.

Outros diálogos realizados nesse dia foram com duas senhoras que trabalharam a vida toda com a lã, produzindo de palas, cobertores, xergãos, etc. A conversa foi ótima. A forma do trabalho é antigüíssima. Numa casa com celular e antena parabólica, ainda perpetua-se uma forma artesanal de produção que gera o sustento.

Ilustração 8 – Foto do segundo bolicho visitado.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

O arcaico e o moderno se relacionam. Porém, outro detalhe chamou a atenção e auxilia na visão endógena de desenvolvimento que foi encontrada na região: Maria Vargas da Silva informou que havia sido convidada para fazer parte dos artesãos do município de Rosário do Sul. O objetivo era vender seu trabalho além fronteiras. A resposta foi não. Ela desistiu e preferiu continuar comercializando seus produtos para o pessoal da Campanha. Como ela disse: “não vou abandonar os trabalhos para aqueles que sempre compraram de mim. Por aqui, sempre me sustentei e não preciso vender pra outro lugar”.

Essa ideia instigou o pesquisador e muito se pode sugerir, tanto para a ideia de desenvolvimento econômico, pois o excedente deve ser exportável, quanto pela de pensar no abastecimento do comércio interno. Um exemplo para pensar o desenvolvimento e, principalmente, para compreender a visão endógena sobre o tema.

Ao meio-dia almoçou-sena casa do pai da Méri (ilustração 09). Seu Leonino sempre foi peão campeiro. Hoje tem sua propriedade, não muito grande, mas suficiente pra ter gado, ovelhas, cavalos, porcos e aves, além de uma camioneta tracionada, de marca japonesa. Seu Leonino é meio quieto, mas contou causos e trocou um cheque para que se pudesse adquirir um cobertor de lã.

Notou-se naqueles dias que as refeições servidas na Campanha são ricas em proteínas, como arroz, feijão e carne (de ovelha). Em alguns dias, era servida uma massa. Outrora se descrevia o hábito alimentar do habitante da região como extremamente carnívoro: “assim eis um homem que apenas se nutre de carne, carne de dureza notável (...)” (SAINT-HILAIRE, 1974: 110). Atualmente, confirma-se uma tendência das palavras de Saint-Hilaire. A carne vermelha ainda é a base da alimentação desses indivíduos. No entanto, o consumo volta-se para os ovinos. Na casa de Leonino, uma pequena diferença: ensopado de batata, milho, ervilha e cenoura, um excelente cardápio para quem ficou comendo o trivial.

Realmente, a sesteada é fundamental na Campanha, quando o calor é intenso. Tudo adormece devido ao forte calor. Com isso, regressou-se rapidamente para a



fazenda. Naquele momento, Da Silva, Méri e o próprio pesquisador não resistiram ao intenso calor.

Ilustração 9 – Foto do Senhor Leonino.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

À tarde, Da Silva demonstrou vontade em responder a pesquisa. A cada pergunta, ele fazia um esforço para pensar, na busca de palavras condizentes que o fizessem entendido. Respondia firme. Às vezes, se fazia um teste para ver a coerência

nas respostas e ele se saía bem. Sabia o que estava dizendo, pois seu pensamento tinha lógica<sup>45</sup>.

Sobre outro ponto, é preciso assinalar a relação que o peão campeiro possui com dois animais: cachorro e cavalo. O primeiro parece ser um “Sancho Pança” do peão, fiel escudeiro e companheiro para o manejo do gado e ovelhas, sempre ao lado e sempre obediente ao mesmo. Em todos os lugares e entrevistas, eram constantes os pedidos para fotografar os animais e os peões falavam, com entusiasmo, o nome e as peripécias deles. Uma relação forte, que só é inferior a benevolência com os cavalos. Neste ponto, percebeu-se a relação entre o homem e o cavalo pelo próprio contexto de vida do peão, conferindo não somente uma função econômica mas uma função social<sup>46</sup> e, quiçá, cultural, deste animal.

Assim, nos dias de pesquisa, foi possível contatar que tudo acontece sob certa estrutura na Campanha, na vida desses peões; seja de cunho histórico, na manufatura da lã, através do cavalo, etc; seja pela presença dos dispositivos midiáticos. Este processo flui numa relação que, em nenhum momento, contrapõem o arcaico com o moderno, pois ambos não concorrem, interagem. Ambos tem os seus espaços e convivem com harmonia. Por exemplo, o DVD não fez do peão menos rural e mais urbano. Pelo que percebi, reafirmou ser o peão o que realmente é e gosta de ser. Por duas vezes, viu-se Vicente assistindo um DVD de gineteada<sup>47</sup> (ilustração 10), algo tão arcaico como uma gineteada em potro xucro, através de um aparelho tão moderno. O peão campeiro constrói o seu mundo, os seus significados e a si num processo de reafirmação constante.

Para os peões campeiros, pouco importa se Tau Golin lança mais um livro contra gauchismos, tradicionalismos, etc. Ou se Paixão Cortês está em Santa Maria proferindo uma palestra sobre o folclore e tradicionalismo. Eles usam bombacha porque já

---

<sup>45</sup> Vale lembrar a noção de consciência discursiva: “o que os atores são capazes de dizer, ou expressar verbalmente, acerca das condições sociais, incluindo especialmente as condições de sua própria ação; consciência que tem uma forma discursiva” (GIDDENS, 2003:440).

<sup>46</sup> Uma análise sociológica sobre a relação entre o peão-campeiro e o cavalo pode ser encontrada em Oliveira Viana, Populações meridionais: o campeador rio-grandense. Niterói: Eduff, 1987.

<sup>47</sup> Gineteada é a ação de ginetear: “Andar em cavalo arisco ou xucro. Aguentar firme na sela os corcovos do animal. Fazer o animal corcovear” (BOSSLE, 2003: 268).

nasceram com ela, não por norma de um CTG. Eles tomam chimarrão por hábito, não por símbolo de alteridade. Eles fazem os rodeios e bailes de campanha não para manter a estrutura de um mito, como sustenta Moacyr Flores (2007:05), mas por costume e entretenimento.

Ilustração 10 – Foto do galpão no município de Dom Pedrito.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Em meio ao debate entre inventado ou reapropriado, está um grupo de pessoas que, mesmo tendo sido o baluarte do debate, parece não ser o seu fim. Pensar nessas definições é algo muito “pós”, que esquece ou exclui coisas, fatos e pessoas que vivem em uma condição que não pode ser unicamente considerada arcaica ou moderna.

Os debates acadêmicos, por vezes, concentram-se no simbólico e esquecem do real desses peões. Seriam eles inventados pela mídia ou por algum folclorista? Se a mídia tem alguma importância aqui é a de reafirmar, a sua maneira, um modo de vida que se conserva e se coloca como um espelho dessas próprias pessoas, além de refleti-

las às demais<sup>48</sup>. Isso alimenta a “ vaidade”, tanto de um peão campeiro que se vê gineteando quanto de um doutor que é entrevistado pelo Jornal do Almoço. A mídia auxilia e maximiza as possibilidades de construção do *self*, como bem apresenta Giddens (2003).

Neste primeiro relato, buscou-se apresentar a dimensão vivida dos peões, através do ordenamento da vida e das interações no tempo e no espaço. Se as informações coligidas foram pertinentes, faz-se necessário, neste ponto, entender como esses indivíduos narram e constroem sua identidade.

### 3.2 “Se pudesse, só viveria da gineteada”

*A tarde cai, eu camboneio um mate/Junto ao  
braseiro do fogo de chão/O pai-de-fogo, puro cerne  
de branquilha/Queimando aos poucos na paz do  
galpão. (Na Paz do Galpão, César Passarinho. Composição:  
Gujo Teixeira / Marcello Caminha).*

Na introdução do estudo, foi informado o uso de elementos da teoria da estruturação, pois o objetivo é fazer do indivíduo o ponto de partida para a compreensão do social. Silverstone faz uma observação oportuna sobre essa perspectiva teórica, sugerindo que ela propõe algumas repostas. Porém, por outro lado, o autor alerta que ela também oferece problemas. “ficamos sem saber se o crucial é nos dedicarmos às questões do *self*, da identidade, da memória ou a todas aquelas coisas as quais o indivíduo utiliza para se fixar em dado contexto social e histórico” (SILVERSTONE, 2005: 130). Neste estudo, buscou-se perceber e descrever a maior gama de possibilidades do fenômeno que envolve os peões campeiros, no entendimento reflexivo de si e do coletivo.

Assim, pergunta-se: o que é como se constitui a vida dos peões campeiros? Uma pergunta difícil de ser respondida pelo tempo de contato com tais peões. No entanto,

---

<sup>48</sup> O espelho traduz reflexivamente o mundo sensível, fechando em sua superfície tudo o que pode ser refletido. A mídiatização simula o espelho, mas não é seu puro reflexo, pois condiciona aquilo que reflete. A noção de espelho “é a forma condicionante da experiência vivida, com características particulares de temporalidade e espacialização (...)” (SODRÉ, 2006: 23).

alguns pontos são possíveis de destacar. A natureza do “eu” está condicionada por fatores que se tornam comuns a estes membros da comunidade dos peões campeiros.

Como estes atores se constroem ativamente? Isto está representado pela construção do *self*<sup>49</sup>, um processo que resulta numa identidade coletiva e que direciona a forma como esses indivíduos estão estruturados no sistema social do qual fazem parte. Desta maneira, lançam-se as bases para compreender como o mundo (social, cultural, histórico e natural), ao invés de ser um dado já constituído para o sujeito é, ao contrário, construído pelo sujeito<sup>50</sup>.

Compreender a centralidade que envolve o campo, o galpão e a lida permitem analisar como esses indivíduos pensam sua constituição diante do mundo que os cerca. A natureza do “eu” pressupõe uma interpretação de “si”, percebendo o mundo e os outros. Isso denota que a forma hermenêutica de análise está condicionada pela história de vida, pelas relações e práticas sociais e pela rotina de vida.

Vicente começou a trabalhar como peão campeiro a partir dos 10 anos de idade. Natural de Dom Pedrito, neto de um argentino, filho de uma uruguaia com um brasileiro, Vicente morou até os 12 anos de idade num sanatório no Uruguai, pois sua mãe estava enferma até tal época.

Seu pai era peão e, devido às condições financeiras da época, ele cursou até a 6ª série do atual ensino fundamental. Da Silva diz que a vida toda foi peão, ginete e domador. Aprendeu tudo o que sabe sobre a lida campeira com seus familiares e com outros peões. Foi com a prática e com o convívio que ele se tornou peão campeiro. Perguntado sobre o que mais valoriza na profissão, ele respondeu:

---

<sup>49</sup> Giddens (2003:58) fala em “ator” ou “agente”, ou seja, o sujeito humano que está localizado no tempo-espaço corpóreo do organismo vivo. Para o sociólogo, “o *self* é a soma daquelas formas de recordação, por meio das quais o agente caracteriza reflexivamente ‘o que’ está na origem de sua ação. O *self* é o agente enquanto caracterizado pelo agente”. Ou, de outra forma, “*self* é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente. É um projeto que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhe são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade”. (THOMPSON, 1998:183).

<sup>50</sup> “O mundo me aparece sob uma perspectiva determinada e eu organizo em um mundo do qual eu sou o centro. O mesmo ocorre com meu semelhante. Eis então que o mundo social se organiza: eu estou aqui e meu semelhante lá” (CAPALBO, 1979:37).

É a gineteada. Se pudesse, só viveria da gineteada. Lidar com um aporreado pra mim é a melhor felicidade. Já meu pai é a doma. Mas pra mim nunca foi meu ofício. Tirei dois anos só na gineteada. Ali eu peguei o gosto e se pudesse só ficaria gineteando em rodeio<sup>51</sup> (Da SILVA, 2008).

A valorização na profissão relaciona-se com o fator ter mais felicidade em fazer determinado ofício. Da Silva gostava de gineteada; seu pai, segundo ele, já ficava mais feliz com a doma de cavalos. Méri, sua esposa, tem preferência pelo tiro de laço para pegar bovinos.

Outros dois pontos devem ser destacados para entender como eles organizam o mundo e sua atividade. O primeiro surgiu quando foi questionado sobre a importância da profissão. Na opinião de Da Silva, “o dia que terminar o homem do campo, termina tudo aqui. Quantas toneladas de carne saem daqui, tudo criado pelo homem do campo. O agravante é que muitas coisas são produzidas aqui no Brasil, vão embora e depois voltam pra cá”.<sup>52</sup>

Noutro ponto, há uma referência ao universo de profissões possíveis. Percebe-se uma centralidade naquelas que fazem parte do universo campeiro ou que representam algum tipo de bravura que, de certa maneira, se exige no ambiente rural.

A outra profissão que queria ter era ser da Brigada Militar. O resto nada chama atenção. Fui inseminador, sempre fiz bem, mas não gostava. Mas a profissão que eu vejo é essa da polícia. Queria ser capataz de estância, mas não tenho curso de computação. (Da SILVA, 2008).

Na busca de elementos que diferenciavam sua vida profissional, perguntou-se o que era preciso para ser um peão. Vicente foi categórico, dizendo que qualquer um pode ser peão, basta querer aprender o ofício. Para ser peão, é preciso “ser bem campeiro. É o essencial. Ser bem campeiro é saber dá uma injeção, saber tirar uma vaca do rodeio, sabe carnear, saber quando um bicho está com tristeza e por aí vai” (Da SILVA, 2008).

<sup>51</sup> Aporreado é o “cavalo que o domador nunca conseguiu amansar, acabando por abandoná-lo; indomável. (São disputados para rodeios por sua persistência em corcovar)” (BOSSLE, 2003: 43).

<sup>52</sup> Sobre a última sentença, vale destacar, a noção que Vicente apresentou sobre a questão da produção no campo. Do jeito teórico-prático, ele demonstrou sua preocupação com produtos que são exportados como *commodities* e que retornam ao Brasil como manufaturas transformadas.

Discursivamente, não se apresentou elementos que selecionam, diferenciam ou limitam qualquer indivíduo para se tornar peão campeiro. Em termos práticos, numa consciência prática, nota-se que as inúmeras restrições para o desempenho da atividade são postas. Aqueles elementos que, discursivamente, Da Silva não apresentou, podem ser compreendidos empiricamente em suas ações cotidianas<sup>53</sup>.

Não é tão simples tornar-se um peão. Além das ações profissionais do trabalho rural, das práticas que estão perpetuadas no tempo e do entendimento prático da relação com a pecuária (bovinos, ovinos e eqüinos), é preciso compreender os valores, as condutas e os códigos (principalmente da linguagem) através dos quais esses atores se estruturam, no entendimento que possuem, de serem membros de um grupo peculiar.

O uso de termos de linguagem restrito ao universo de compreensão dos peões torna-se um exemplo de diferenciação e de delimitação da regionalização na forma de construir o mundo, estruturar a realidade e manter as relações sociais<sup>54</sup>.

Sobre este último tópico, relações sociais, era preciso compreender se, mesmo com as distâncias postas ao casal, por inferência aos outros peões, as relações sociais se efetivavam com certa frequência e intensidade<sup>55</sup>.

Segundo Da Silva, o pessoal da campanha tem o costume de visitar amigos e parentes. A frequência é limitada pelo trabalho, que demanda muito tempo, além da preocupação em deixar a fazenda sem um responsável. Eles frequentam bailes e rodeios, sempre que é possível, e vão até a cidade pelo menos uma vez por mês. Mesmo que o espaço, a distância entre lugares, seja, aparentemente, um empecilho para a manutenção

---

<sup>53</sup> Acrescenta-se a já apresentada “consciência discursiva”, outra categoria de análise: consciência prática, “o que os atores sabem (crêem) acerca das condições sociais, incluindo especialmente as de sua própria ação, mas não podem expressar discursivamente” (GIDDENS, 2003: 440).

<sup>54</sup> As ideias de Alfred Schutz sobre a questão da linguagem, mais especificamente da comunicação social, dão conta que os signos serão tanto mais objetivos quanto mais anônimos forem os interlocutores. Ou seja, quanto maior for o anonimato na relação social (CAPALBO, 1979:40). Para os peões, o anonimato entre os membros é pífio, o que pressupõe uma significação de contexto muito subjetivo.

<sup>55</sup> Na perspectiva weberiana, é preciso compreender ação social e relação social. Sumariamente, a primeira é a ação realizada pelo indivíduo pensando em outros indivíduos. “Por mais individual que seja o sentido de minha ação, o fato de agir levando em consideração o outro dá um caráter social a toda ação humana” (COSTA, 1997: 73). Já a segunda parte do objetivo comum da ação por vários sujeitos. Ou seja, sentidos compartilhados e ações recíprocas constituem a trama das relações sociais entre indivíduos. (GALLIANO, 1981).

das relações sociais, isso não foi apresentado como um problema. Manter relações demandava um maior tempo para tal finalidade, não um menor espaço.

As relações sociais seguem uma ordenação voltada aos familiares, amigos de longa data e de peões de fazendas vizinhas. São relações comunitárias, que demonstram um sentimento subjetivo dos atores, de pertencimento afetivo ou tradicional ao mesmo grupo<sup>56</sup>. Mas vale dizer que isso não os coloca numa comunalização hermética das relações.

Essa dinâmica está intimamente ligada com a identidade compartilhada por esses atores. É baseada em um conjunto de objetos comuns, de valores e de experiências que as relações sociais perpetuam em uma identidade coletiva<sup>57</sup>. Assim como, identitariamente, o peão constitui um sentido para si mesmo, ele estrutura uma identidade coletiva de todos os peões<sup>58</sup>.

Da Silva reconhece que seus gestos, atitudes, vestimentas e objetos o tornam diferente das pessoas que residem nas cidades. Mencionou que o jeito que ele e os demais peões conversam já é um pouco diferente das pessoas da cidade, principalmente porque essas últimas não compreendem muito a lida deles.

O distanciamento das relações sociais entre o urbano e o rural ficou evidente quando perguntou-se de que forma ele ia à cidade e se ele se achava diferente. “Em vários lugares, a gente vai e fica o pessoal da cidade falando: aí vem um grosso, um cheio. O pessoal debochava: ‘aí vem um bombachinha’. Em cidade pequena ou grande, sempre tem gente pra debochar do nosso jeito” (Da SILVA, 2008).

---

<sup>56</sup> Noções da perspectiva sociológica de Max Weber (1864 – 1920).

<sup>57</sup> A Identidade coletiva “é o sentido que cada um tem de si mesmo como membro de um grupo social ou coletividade; é um sentido de pertença, de ser parte de um grupo social que tem uma história própria e um destino coletivo” (THOMPSON, 1998: 165).

<sup>58</sup> As relações sociais e a identidade coletiva incidem sobre a própria auto-identidade do peão. Isto está no centro da constituição do *self*. Nessas circunstâncias, penso o processo de formação de identidade como Thompson (1998) e Giddens (2005): “nunca pode começar do nada; sempre se constrói sobre um conjunto de material simbólico preexistente que constitui a fonte da identidade” (THOMPSON, 1998: 165).



O uso da bombacha<sup>59</sup> é objeto de diferenciação. No entanto, ele minimizou o seu uso como algo que os torne diferente de outras pessoas, procurando destacar a questão econômica: “Colocar uma bombacha ou uma calça, o pano é o mesmo. A diferença é o punho. Às vezes, aquele que anda de bombacha tem um bom dinheiro no bolso e aquele que anda de calça não tem um tostão pra comer um sorvete” (Da SILVA, 2008).

Assim, percebo que Da Silva constitui a si mesmo de uma forma singular. Vicente se considera uma pessoa simples, com pouco conhecimento, mas que gosta da vida de peão e crê que a profissão seja suficiente para sua vida. Ser peão, para este homem, parece ser bem mais do que uma profissão, pois representa um modo de vida. Da Silva recorre a atitudes e ações sempre identificadas com os demais peões e faz disso sua base de interpretação para o mundo e as relações. A construção de si está condicionada pelo espaço e tempo, nas voltas do galpão, do campo e do trabalho, pela sua história pessoal, pela sua profissão e pelas relações sociais e identitárias.

### 3.3 “Nossa forma de vida não é nem moderna e nem antiga”

*Quanta alma coração e eu ressentido ouvindo rádio,  
pensativo/Barba feita, pilcha nova e uma estampa  
de caudilho/Pelo jeito, coração ando louco de  
ansiedade/Escorado nos aperos, dos arreios de  
galpão/ (O Galpão da Globalização, Beto Alves. Composição:  
Mauro Moraes).*

O próprio tipo de atividade laboral, institucionalizado pelas presenças das fazendas e pela produção capitalista, não dinamizou a vida no ambiente rural como acontecera com o urbano.

Isso está representado, tanto em formas de vestir e comportamentos quanto em técnicas e aparelhos auxiliares no trabalho dos peões. Há um ambiente arcaico e outro moderno ao mesmo tempo. Na comunidade rural, fica mais fácil perceber a existência de ambos. Na cidade, por exemplo, diante de um alto grau de acesso e disponibilidade

---

<sup>59</sup> “Calças muito largas em toda a perna, menos no tornozelo, onde são presas por botões, possuem dois bolsos grandes na lateral e o cós é largo e sem alças” (BOSSLE, 2003: 87).

de meios tecnológicos, a ação de perceber o moderno torna-se um exercício mais difícil, pois este já se confunde com o próprio meio.

Por outro lado, no espaço rural, qualquer constatação do moderno apresenta-se saliente, pois vários traços do antigo ainda conservam-se forte no meio. Porém, a constatação maior, neste contexto do arcaico e moderno, está na característica não excludente entre eles. Está numa relação de co-existência e complementaridade.

Assim, quando no início do capítulo sugeriu-se que não existia galpão sem materiais de encilhar cavalo, fármacos, cachorros e rádio AM/FM, por certo essa afirmação se confirma. No entanto, neste momento arrisca-se a dizer que um peão não vive sem esses itens acrescidos de uma antena parabólica, um DVD e um aparelho de telefonia móvel (celular), sendo que esses últimos estão, geralmente, na casa e não no galpão.

É nesta paulatina apropriação dos meios tecnológicos que o peão constrói seu entendimento de si, do mundo e das relações sociais. Se, anteriormente, as interações sociais estavam zoneadas no tempo e no espaço, produzindo interações somente face-a-face, atualmente percebe-se mecanismos de desencaixe que possibilitam uma interação mediada por dispositivos tecnológicos<sup>60</sup>.

Com este propósito questionou-se Da Silva a respeito de como ele entendia sua profissão: “minha lida é antiga. Desde o início do mundo. Tem coisas que não mudam. Por exemplo, a doma antiga: colocar num palanque, quebrar o queixo. Isso é coisa muito antiga que não muda” (Da SILVA, 2008).

No entanto, quanto interrogou-se a respeito da vida, não da profissão, ele foi coerente em dizer que: “nossa forma de vida não é nem moderna e nem antiga. Ela não está muito atrasada e nem muito evoluída. Está no meio. Não é antiga porque já temos

---

<sup>60</sup> Peter Berger e Thomas Luckmann (1995) salientam a interação *face-to-face* como uma abordagem construtivista das relações e realidade social; Giddens (1991:58) comenta os mecanismos de desencaixe, sumariamente compreendidos como a retirada das atividades sociais dos contextos localizados e reordenados através de grandes distâncias tempo-espaciais; e Thompson (1995:39) apresenta o conceito de “socialidade mediada”, aos moldes de uma “interação mediada”.

carro, telefone celular, televisão, DVD. Mas não é moderna como a da cidade” (Da SILVA, 2008).

O ponto de parâmetro são os dispositivos tecnológicos (ilustração 11). Tanto que, ao perguntar o que era moderno, ele exemplificara com outro artefato tecnológico. “Pra mim, a modernidade é o celular. É uma modernidade e uma utilidade. Numa necessidade tu ligas pra uma ajuda, chama alguém. Foi a melhor coisa que inventaram até hoje” (Da SILVA, 2008).

Ilustração 11 – Foto de Leonino procurando sinal de acesso ao telefone móvel.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Como se sugere, o antigo é o trabalho de peão. O moderno está em novos aparelhos e novas técnicas. É o que teoriza Da Silva (2008):

Essas inseminações modernizaram muito o campo. Já não se tira leite mais, agora tem ordenhadeira. Além disso, onde foram os tropeiros? Agora é tudo com os caminhões. Minha profissão é das mais antigas, mas as coisas modernas estão tomando conta. Ela é antiga, continua a mesma, mas já está mudando (Da SILVA, 2008).

Diante disso, seria um equívoco não procurar compreender melhor como as mídias (celular, TV, rádio e DVD) relacionam-se com o peão campeiro. Afinal, é o moderno em consonância com o arcaico, refletindo sobre determinados indivíduos.

Em tempos de reflexividade social, foi possível perceber como essas mídias atuavam reflexivamente sobre a forma de pensar, agir e se comportar desses peões, contribuindo ativamente na construção do *self* e no caráter identitário de tais atores<sup>61</sup>. Um exemplo empírico foi quando Da Silva, por ocasião da ida ao povoado, prendeu num lado da guaiaca sua faca e do outro o aparelho de celular, que naquelas circunstâncias não teria nenhuma finalidade, pois sinal de acesso não havia (ilustração 12). Constata-se que o celular já está inserido no cotidiano da vida de Da Silva.

Já a televisão e o DVD estavam presentes no galpão cercados por materiais de encilhar cavalo, ferros para marcar o gado, laços, etc. Mais de uma vez foi possível ver vídeos de gineteadas e rodeios. O ofício de domar cavalo, realizado por Da Silva, poderia ser visto e comentado diante do aparelho televisivo. Ou seja, uma ação reflexiva do “eu” e a experiência num mundo mediado, sendo esse mundo o “meu” próprio.

No entanto, o cotidiano desse peão e a interação com as mídias vão além dessas ações. Na análise etnográfica, constatou-se que o rádio é a mídia mais presente no dia-a-dia do peão. Pela manhã, por volta das seis horas, o rádio fica ligado em uma emissora local, acompanha Da Silva no chimarrão e informa as notícias do Rio Grande do Sul e da região.

Ao meio-dia, a mídia também é usada como entretenimento e como meio de comunicar mensagens de órgãos localizados na cidade (sindicato rural, bancos, fórum da cidade, etc.). Um ponto em destaque é a transferência de utilidade dessa mídia no campo. Ele já havia sido utilizado como meio de comunicação interpessoal entre famílias. Com a expansão do celular, o rádio (re)configurou sua atuação, deixando de ser meio de recados e convites entre amigos e familiares.

---

<sup>61</sup> “Viver em uma era da informação, na minha opinião, significa um aumento da reflexividade social. A reflexividade social refere-se à necessidade de estarmos sempre pensando, ou refletindo, a respeito das circunstâncias em que nossas vidas se desenrolam” (GIDDENS, 2005: 540).

Hoje em dia o rádio já está muito fraco por causa do celular. Geralmente um aviso no rádio é avisando de algum enterro, cobrando conta de alguém, chamando no fórum, essas coisas. O celular está tomando conta, mesmo não pegando bem aqui na campanha. Qualquer um tem um celular (Da SILVA, 2008).

Ilustração 12 – Foto de Vicente Da Silva com o telefone móvel na guaiaca.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Já a utilização da televisão volta-se para o período da noite. São assistidos programas jornalísticos das principais emissoras de televisão via satélite. Os dados comparativos para entender o moderno estão presentes na imagem da televisão. O que é

moderno passa na TV. Porém, o que mais chama atenção está no conteúdo que é transmitido.

O que mais chama atenção na TV é a guerra, violência e corrupção. No dia-a-dia não há quando não se liga o Jornal Nacional que não aparece que prenderam seu fulano, prenderam o político que tava roubando, prenderam um ladrão... não tem dia que não apareça isso daí (Da SILVA, 2008).

Na busca de compreender como a mídia TV influenciava na formação identitária deste peão, questionou-se sobre o que ele assistia na televisão sobre a região, que tipo de programa estava alimentando sua condição e posição de ser um peão campeão.

A gente não ouve as notícias daqui da região no rádio, a gente não escuta porque nunca estamos em casa, sempre no campo. Na TV, não pegamos a RBS TV e aí não assistimos também. Só quando dá no Jornal Nacional, quando falam de invasão das fazendas dos eucaliptos, só raramente aparece, mas só quando é notícia ruim. Notícias do dia-a-dia, como de rodeio, festa popular aí só no rádio<sup>62</sup> (Da SILVA, 2008).

Isso destaca o papel preponderante do rádio e relativiza a atuação da televisão regional na reflexividade identitária desse peão. O que acontece, no entender do pesquisador, é que o rádio “nutre” esse processo. Mas é com o DVD que tal processo se consolida. Como já salientado, imagens de gineteadas, rodeios, shows nativistas e festas crioulas foram comuns nesses dias de análise.

Mesmo com a parca “noticiabilidade” da região, o peão demonstra a nuclearidade de como ele pensa e reflete sobre o seu espaço, sua atividade e sua sociabilidade<sup>63</sup>. “As notícias de rodeio a gente fica sempre feliz. Muita coisa a gente não pode ir, mas quando a gente vê fica feliz. É do que o cara gosta, já puxou pra gostar. Fico feliz em vê um aporreado no palanque, uma gineteada. É o que eu fico mais feliz de ficar vendo” (Da SILVA, 2008).

---

<sup>62</sup> De entendimento das noções de membro da etnometodologia, compreende-se o relato iniciado com a apresentação de “A gente...”.

<sup>63</sup> Baseio-me na compreensão de Martín-Barbero (2006), que sugere a mídia como elemento integrante de sistemas de maior porte, como o econômico, cultural e político, abandonando o *mediacentrismo* ao entender que o sistema da mídia estaria perdendo parte de sua especificidade.

Singularmente, sem generalizações apressadas, é possível iniciar uma compreensão de como as mídias atuam na ordenação reflexiva do peão. Assim como o arcaico e o moderno estão relacionados, é preciso pensar as mídias da mesma forma. O uso dos meios está relacionado com o contexto e o conteúdo (texto). Sugerir uma centralidade midiática, por enquanto, é ignorar todo o contexto do espaço vivido e das relações existentes.

No entanto, ignorá-la é uma atitude por demasiada errada. Talvez seja preciso pensar a mídia como mediadora das formas de se constituir como sujeito e comunidade, além de, principalmente, pensá-la como mediadora das formas de construir, ordenar e interpretar o mundo e seus significados.

#### 3.4 “Quem produz bastante é desenvolvido”

*Não existe um “sentido original”, pois as próprias palavras não passam de interpretações, antes mesmo de serem signos. (Ideias de Nietzsche. In: Nietzsche, Friedrich. Obras Incompletas. São Paulo: Abril Cultural, 1983).*

O que se pretendeu, até aqui, foi ordenar as estruturas possíveis e existentes na constituição do ator social, o peão campeiro. Contemplar os tópicos anteriores tornou-se um exercício reflexivo que compreende o indivíduo como entendendo o mundo social a partir da sua centralidade nesse mundo.

Percebeu-se uma coerência na forma de agir, se relacionar e se constituir dentro do universo de possibilidades desse ator. A situação do ator dirá muito da sua ação e do sentido sobre o mundo e o conhecimento<sup>64</sup>.

É na possibilidade de entender o sentido de desenvolvimento regional e o que o peão campeiro pensa do espaço onde habita que este tópico explorou o sentido de desenvolvimento teorizado pelo ator social referido<sup>65</sup>.

---

<sup>64</sup> Schutz destaca as “esferas delimitadas de sentido”. Cada esfera delimitada de sentido tem seu estilo cognitivo particular, intervindo, para a sua constituição, diversas características relativas à tensão específica da consciência, a forma de espontaneidade, a forma determinada de experiência de si próprio, a forma de sociabilidade, a perspectiva temporal, o tipo de redução (CAPALBO, 1979: 44).

Com os peões pesquisados, foi possível compreender a noção de desenvolvimento diretamente associada com a atividade realizada e com o espaço habitado. Assim, o unísono entendimento de desenvolvimento como produtividade foi constatado na pesquisa, em Dom Pedrito. Santos (2008) salientou que, “quem produz bastante é desenvolvido”.

A mesma opinião tem Da Silva (2008): “acho que pra ser desenvolvido é preciso ter agricultura e pecuária forte. A agricultura e a pecuária são desenvolvidas. Aqui há produtividade e quem tem produção é desenvolvido”.

Pacheco (2008) é da mesma opinião: produzir bastante é ser desenvolvido. “Onde há agricultura e pecuária forte, há desenvolvimento”, destaca. Uma apresentação interessante de Santos (2008) diz respeito à noção de moderno e desenvolvido. “Aqui não tem modernismo. Aqui o serviço é campeiro, coisa antiga que não representa o que é modernismo. A região é desenvolvida, mas não é moderna”.

O sentido de desenvolvimento está inserido no ambiente rural da produção agropecuária. O vínculo com a categoria “espaço” também é evidente. Por exemplo, quanto maior o espaço maiores as condições de engordar os animais e, conseqüentemente, maior produtividade de carne. Nessa ordem, “há desenvolvimento, pois as coisas se desenvolvem”, como sentenciou Pacheco (2008).

Assim, questionados sobre a interpretação da região da Campanha como sendo ou não desenvolvida, os peões entenderam que, dadas às noções de produtividade, a região da campanha seria desenvolvida. Os campos tem grande produção e, nessa ordem, a campanha tem produtividade, gerando desenvolvimento.

Além disso, a hipótese de vincular a noção de desenvolvimento com o espaço e a atividade laboral fica claramente resumida na alegação sugerida por Da Silva (2008).

---

<sup>65</sup> Os tópicos anteriores foram baseados na análise do cotidiano de um peão campeiro. No entanto, durante a pesquisa em Dom Pedrito, foi possível o contato com demais peões que, da mesma forma, foram interpelados sobre questões referentes ao arcaico e moderno e, principalmente, sobre as noções de desenvolvimento. Assim, tem-se a presença de outros dois teóricos sociais práticos: Antônio Pacheco e Nanci dos Santos.



Segundo ele, “a nossa região aqui é desenvolvida, a fronteira é... Lá pra cima, lá é... mas não é tanto. Aqui a nossa têm mais espaço, tudo é mais a vontade”.

Sendo assim, compreender a noção de desenvolvimento formulada pelos peões campeiros da região de Dom Pedrito vai ao encontro da perspectiva de otimizar os recursos disponíveis no espaço vivido. Tais recursos estão direcionados para o contexto de vida e a formação socioeconômica da região. Isso resulta da cognição do termo desenvolvimento estar voltado ao de produtividade. Se o tempo e o espaço são vividos e utilizados na busca de uma maior produtividade, então a Campanha do Rio Grande do Sul é considerada desenvolvida pelos peões campeiros de Dom Pedrito.

## 4. ROSÁRIO DO SUL, RS

### 4.1 “Vamos para um mate no galpão!”

No dia 07 de maio de 2008, quarta-feira, pegou-se o rumo da segunda “imersão etnográfica”. O destino foi o município de Rosário do Sul, mais precisamente a região do Cerro do Caverá, perto de Quaraí, Santana do Livramento e Alegrete.

O início ocorreu no dia 07 de maio, mas prefere-se reportar, como se fosse possível, ao dia 16 de dezembro de 2006, pois este não foi um dia qualquer para o senhor Antonio Vieira e Dona Davina Nunes Vieira; afinal, como eles confidenciaram, foi somente no século XXI que conheceram a energia elétrica em casa. Com tal energia, seguiu-se, no mesmo instante, o funcionamento da geladeira (antes de gás) e o televisor. Aliás, como disse Antônio, naquele dia foi um tal de pedido de antena parabólica nas lojas de Rosário do Sul: “manda uma parabólica pro Caverá, pagamento à vista”. De antemão, já se atenta o quanto antiga pode representar a condição de vida desses indivíduos.

Feito esse parágrafo retroativo, hoje encontra-se Antônio, peão desde os quinze anos de idade, sentado em seu sofá, com o controle remoto em mãos, defronte à TV. Para ver tal imagem, foi preciso enfrentar 48 km de estrada de chão. Como não poderia ser diferente, por todos os lados deparou-se com grandes extensões de terras, cortadas a cada longo período por aramados. Quanto mais distante da cidade de Rosário do Sul, mais difícil ficava encontrar uma casa ou alguma pessoa.

Os campos, a pampa, pareciam ser um mediador entre distâncias pequenas e visões urbanas que se carregava e a compreensão na qual se adentrava em outro contexto de vida e de relações<sup>66</sup>. A pampa estava carregada de subjetividade para melhor entender as condições específicas que se pretendia estudar (ilustração 13).

---

<sup>66</sup> Vale dizer que “espaço e tempo são categorias que antecedem as ideologias e as concepções de mundo, variando com as sociedades às quais correspondem” (ORTIZ, 1999:55).

Ilustração 13 – Foto dos campos da região denominada Caverá.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Com esse pensamento, encontrou-se pelo caminho dois tropeiros, levando uma tropa de gado para o outro lado do município de Rosário. A ausência em grandes espaços da presença humana sugeriu parar e conversar com os dois peões.

Primeiramente, foi possível perceber que a atividade tão antiga como a tropeada de gado ainda existe. Mesmo com caminhões por todos os lados, ainda existe a função do tropeiro (ilustração 14). O antigo resiste ao moderno, talvez por não haver alternativa.

Sob outro ponto, salienta-se como se tem destacado, a questão do espaço como diferenciada para a compreensão do contexto de vida e das relações. Para iniciar o diálogo, com os peões informou-se o paradeiro. “Báh! Mas vão chegar ao final da tarde”, disse um. Com meu pensamento urbanóide ainda não deslocado, duvidou-se da afirmação do peão, em uma clara demonstração de arrogância de quem estava sobre o

lombo de uma cavalo-vapor, contra o conhecimento prático de quem foi criado no lombo de um cavalo.

Depois, ao chegar à casa de Antônio, realmente, o sol já apagava as brasas no poente. Claro! Uma breve parada em um “bolicho” retardou a chegada, mas não justificou um possível erro do peão. Talvez ele soubesse, na sua afirmação, que em tais viagens sempre se para em algum bolicho de beira de estrada.

Ilustração 14 – Foto dos tropeiros no caminho para o Caverá.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Assim, uma opinião sugere-se: quem sempre viveu na cidade e adentra no rural, em especial na Campanha do Rio Grande do Sul, começa a mudar seu conceito sobre distância. O longe e o perto passaram a ter outro significado após essas “andanças”. Deslocado do seu contexto, fica evidente a reordenação do espaço e da distância à sua volta.

Tal condição provocou uma reflexão. De certa maneira, associava-se muito o desenvolvimento com a noção de distância. Uma farmácia na esquina, um mercado ao lado, um açougue a duas quadras daqui, uma escola no bairro... visões de um contexto urbano que faziam pensar em “espaços” desenvolvidos, em desenvolvimento como proximidade. Onde estavam esses estabelecimentos na Campanha? Longe, muito longe, ao ponto da visão filtrar o desenvolvimento pela relação com os longos espaços percorridos.

Após 15 quilômetros, um bolicho de campanha e as primeiras noções de que a presença da energia elétrica era prematura: uma antena parabólica nova na entrada do bolicho. Em conversas com o bolicheiro, este mostra onde estava a outra tecnologia, existente bem antes da eletricidade: o celular. No canto do galpão<sup>67</sup>, tendo como suporte duas garrafas de refrigerantes cortados ao meio, lá estavam os dois celulares (“um pra mim e outro pra mulher”, disse ele).

Diante de condições tão novas na região, obriga-se a lembrar das noções apresentadas por Ortiz (2006), que destaca a presença dos meios de comunicação de massa no processo cultural brasileiro como uma moderna tradição. Mesmo depois de muitos anos, ainda há lugares onde essas mídias são novidades, atuando numa intensidade capaz de transformar o cotidiano dos indivíduos e sem uma ordem cronológica de presença. Aqui o celular chegou primeiro que a televisão.

Mais quinze quilômetros e estava-se na casa de Antônio e Davina, que receberam o pesquisador no momento em que terminavam as lidas do dia. De antemão, percebeu-se que eram trabalhadores rurais por conta própria. O senhor Antônio Vieira havia conseguido seu espaço (vivia nas terras numa forma de comodato) e com o trabalho foi comprando alguns animais (bovinos e ovinos). Hoje, trabalha para o sustento dele e da esposa.

Portanto, a presença de um fazendeiro não existia. A existência de uma casa e de um galpão sim, mas nas circunstâncias de pertencerem a um mesmo indivíduo, um peão

---

<sup>67</sup> Sugere-se a mesma compreensão de galpão descrita no capítulo anterior. No entanto, este galpão foi transformado em estabelecimento comercial.

campeiro. O galpão apresentava os mesmo traços descritos em Dom Pedrito: lareiras, encilha, animais à volta, fármacos, rádio, etc. faziam parte do cenário. A diferença estava na TV e no celular, que se encontravam na casa.

A rusticidade do ambiente era como em Dom Pedrito. A mesma mediação entre o campo e a lida foi percebida no galpão de Antônio. Quando não está no campo, passa mais horas no galpão do que em sua casa, distante alguns passos. Foi lá que ele convidou para tomar um chimarrão e quebrar a formalidade que todo contato social recente exige. O mate foi preparado como um ritual. Baguet, viajante belga em viagem ao Rio Grande do Sul no século XIX, descreve satisfatoriamente o preparo:

“enche-se uma calabaça do tamanho de um coco, na qual se põe água fervente e às vezes açúcar, sendo esta bebida muito amarga; você a aspira por meio de um tubo de prata, em cuja extremidade há uma pequena cavidade com furos. É um poderoso tônico e um não menos poderoso nutriente; os peões (...) forçados a percorrer os campos antes do dia nascer, tomam algumas pintas desta beberagem antes de se porem a caminho, o que lhes permite ficar até dia avançado sem comer nada” (BAGUET, 1997: 51).

Antônio, no início da conversa, ao dirigir a palavra usava o pronome “senhor” para se localizar. Após o rito da conversa do galpão, a formalidade foi sorvida nos goles do chimarrão. O pesquisador passa a ser reconhecido como “Seu Tiago” e a conversa foi sendo construída com menores formalidades. Num período de tempo de aproximadamente 45 minutos. a formalidade desmanchou-se no ar ou, na circunstância vivida, na água do mate<sup>68</sup>.

Nas conversas iniciais, observaram-se formas de pensamento e ação similares aos peões analisados em Dom Pedrito. A noção de “membro” de uma comunidade tinha coerência na sua contemplação; restava saber se seria comprovada com a similar consciência discursiva e prática.

---

<sup>68</sup> Vale a nota para recordar o apontamento de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* sobre o “homem cordial”. Segundo ele, “nosso temperamento admite fórmulas de reverência, e até de bom grado, mas quase somente enquanto não suprimam de todo a possibilidade de convívio familiar. A manifestação normal do respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em regra geral, no desejo de estabelecer intimidade” (HOLANDA, 2006: 161).

Na hora da janta, foi possível verificar, com maior profundidade, essa hermenêutica na forma de se ver, compreender a realidade, o contexto e a atuação de vida. Dentre as situações semelhantes, o uso do DVD é um exemplo. Parece supérfluo, mas a mesma vontade de ver vídeos de gineteada de Vicente existia com Antônio.

Percebeu-se, cada vez mais, a necessidade de análise dos aspectos daquilo que uns dizem ser apropriado e forjado na cidade como algo de costume, prática, algo de rotina no campo, fazendo uso das mídias para sua manutenção. A proposta do estudo é similar, em certo sentido, a pesquisa de Nilda Jacks<sup>69</sup> (não em sua metodologia e objetivos), na qual a pesquisadora trabalhou uma forma de cultura regional, mediando às percepções dos produtos midiáticos – em especial uma telenovela.

Porém, a autora discute a cultura gaúcha estruturada na visão de (re)apropriação, fazendo menção às ideologias do Movimento Tradicionalista Gaúcho e da mídia (vale ressaltar que ela não fala em ideologias), inseridas no ambiente urbano.

Na Campanha, a cultura regional está inserida no cotidiano, nas práticas do dia-a-dia. Não se pode negar que a mídia pauta e age reflexivamente, excluindo e incluindo certas coisas. Mas a impressão que se tem é que a mídia não percebe a concretude do homem da Campanha do Rio Grande do Sul, preferindo debater a abstração do simbólico – mito (tanto aos adeptos quanto aos críticos) – do que a condição da mídia sobre o habitante rural estruturado neste território (ilustração 15).

Nesse estudo, foi intenção enxergar o homem do campo em sua rotina, ou seja, ver Antônio e inúmeros outros peões como se está vendo: encilhando um cavalo não como “alegoria”, tomando chimarrão, trabalhando no campo, contando causos e usando bombacha, não como “fantasia”. Percebê-los com sua cultura construindo e interpretando a realidade e, acima de tudo, fazendo uso reflexivo das mídias para a manutenção dessa cultura.

---

<sup>69</sup> Ver JACKS, Nilda. *Querência – Cultura Regional como Mediação Simbólica – um estudo de recepção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

A janta foi muito bem preparada por Davina. Percebe-se uma definição de desenvolvimento relacionada com autossuficiência. Com exceção do arroz, toda a janta foi produzida lá: feijão, carne, mandioca, moranga e pepino. Para finalizar, a sobremesa continha pêssegos e figos em calda, ambos produzidos pela senhora. Essa autossuficiência vai ao encontro das noções de produtividade com a definição de desenvolvimento, pois eles são praticamente suficientes em alimentação e, se assim o são, é devido ao campo ser produtivo.

Ilustração 15 – *Outdoor* temático de empresa na Semana Farroupilha



Fonte: [www.cafeiguacu.com.br](http://www.cafeiguacu.com.br)

Após a refeição, resolveu-se não discutir o tema da pesquisa com Antônio. Mesmo com a formalidade diminuindo paulatinamente, preferiu-se manter uma maior intimidade e confiança com Antônio. Além disso, pela prematura existência da energia elétrica, foi oportuno observar as relações do antigo com o moderno e a amplificação das possibilidades de perceber e interpretar a realidade que Antônio e Davina adquiriram com a TV e o celular.



“Onde é o Tibet?” Perguntou Antônio. “E aquele padre dos balões!” comenta Davina. A destreza no manuseio do controle remoto denunciava a importância que a TV e a parabólica produziram. Uma troca de canal ali e outra mais adiante são suficientes para Antônio “ficar a par do noticiário das coisas que acontecem nesse mundo”. Um mundo de possibilidades e cores em que Davina mergulha sempre após as refeições, denunciando o que, para muitos, “vale a pena ver de novo” e o que para ela vale muito a pena ver pela primeira vez.

Por volta das 21h30min, Nereu (o cicerone da viagem) e o pesquisador já estavam recolhidos ao aposento ofertado pela casa, impressionados com o tratamento recebido pelo casal. Logo compreendeu-se que, se o dia começava mais cedo para o peão campeiro, terminava da mesma forma.

No outro dia, pelas seis da manhã, já se ouvia movimentos pela casa. Às 7hs a casa silenciou e, neste momento, já se estava no galpão, nas voltas do fogo de chão, sorvendo um chimarrão com água quente das cambonas<sup>70</sup> (Ilustração 16). É uma prática antiga que, mesmo com o fogão a gás e a garrafa térmica, ainda se perpetua. Aliás, a presença das visitas fez Antônio trazer para a beira da lareira uma garrafa térmica. Parece ser sem fundamento tal colocação, mas diante da cena ficou evidente a relação entre arcaico e moderno. Sim, uma garrafa térmica representa uma modernidade; talvez não aos nossos olhos da cidade, mas para o pessoal da Campanha sim.

---

<sup>70</sup> Cambona é “uma chaleira rústica, feita de uma lata com alça de arame (...) chicolateira” (BOSSLE, 2003: 111). A cambona é encostada junto ao fogo, nos braseiros, para conservar a água quente para o chimarrão.

Ilustração 16 – Foto Antônio Vieira no galpão.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Encostado na lareira, estava o companheiro de alvoradas de Antônio: o rádio. Ele comenta sobre as notícias locais divulgadas pelo rádio numa mesma compreensão analisada em Dom Pedrito. Fala das lidas de campeiro e conta fatos ocorridos com outros peões da proximidade. Tempo depois, pede licença e vai tirar leite das vacas, arrebanhar uma ponta de gado e, por último, trazer as ovelhas para a mangueira (ilustração 17). Nessas lidas passou-se a manhã.

À tarde, resolveu-se visitar uma fazenda próxima, Santo Augustinho, com pastagens boas de engorda e uma paisagem que resume a dimensão da pampa. O que chamou atenção na fazenda foi a presença de um onipotente cemitério, perdido no meio da Campanha. Era um local com uma grande capela, vários túmulos, muitas escrituras e baús com ossadas. sem contar a arte na pedra de santos e Jesus Cristo. Algo instigante, com datas e nomes de diferentes épocas e famílias. Na escritura mais alta dizia: “Estevão Gimenez”. Enfim, muitas histórias e curiosidades.

Noutro lado, distante um quilômetro e meio dali havia outro cemitério, este bem menos pomposo, pois tratava-se do destinado aos escravos. Era fácil de confundi-lo com a paisagem, pois o cemitério só era visualizado pela cerca de pedra que o

delimitava. Estava sem santos, cruzeiros, escrituras, datas, etc. Percebeu-se ali as diferenças sociais que os livros de história contam sobre as relações escravocratas. Dois espaços mortos: a casa grande e a senzala de outros tempos agora, ambos, eram cemitérios esquecidos na pampa, que conviviam diariamente com os peões campeiros do lugar.

O regresso à casa de Antônio não teria nada de especial, se não fosse pelo encontro dos mesmos tropeiros do dia anterior. Reconhece-se que não se acreditava naquilo. O que se havia feito em poucas horas com o carro eles estavam fazendo há um dia. O tropeirismo ainda resistia diante dos olhos. E as mesmas histórias dos livros sobre pedir pouso em fazenda também (não se está exagerando nesse relato). Os dois tropeiros do início do tópic, um senhor grisalho e outro moreno, pediram pouso na fazenda para continuar o trajeto no alvorecer do dia seguinte.

Ilustração 17 – Foto da rotina da lida: saída para o campo.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Poderia se imaginar muita coisa: hospitalidade e fideducia são algumas. Mas entender isso demanda tempo e comprometimento. Além daquilo, que se busca aplicar

na pesquisa, há uma grande dose de relativismo cultural<sup>71</sup>. As experiências na fazenda “Santo Augustinho” reportaram às discussões de tempo e espaço. Afinal, a visualização dos cemitérios e o encontro com os tropeiros são múltiplas formas de compreender as dimensões e possibilidades de estar no espaço e no tempo.

Antes de encerrar o dia, outra situação denunciou as reflexões anteriores. Pela prematura existência da energia elétrica, os banhos de chuveiro são de curto período de tempo. Davina e Antônio ainda estavam habituados, pelo menos mentalmente, ao chuveiro de campanha: um pequeno tonel com uma torneira em formato de chuveiro, no qual era depositada água quente aquecida em fogão à lenha. Como o banho realizado com esse tipo de artefato dura um período de tempo reduzido, os banhos com chuveiro elétrico realizam-se no mesmo tempo. Foi uma observação providencial para que não se alongasse demasiadamente na minha vez.

Pela manhã, ao saber da partida no início da tarde, Antônio solicita que fosse levada uma ovelha carneada para Rosário do Sul. Para efetuar a carneação da ovelha, é preciso reponer e apartar a que está num bom peso. Lá foi Antônio campo a fora, sempre com seus cachorros parceiros. Aproveita-se pra sentar numa pilha de lenha já preparada para o inverno e fica-se contemplando a imagem do peão em cima do seu cavalo. O que será que ele está pensando? Sobre o que reflete? O que está pontuando sobre o pesquisador que surge no seu espaço, para estudar o modo como ele vive e pensa? Enfim, qual a reflexividade de Antônio?

Após 40 minutos, ele encerra as ovelhas na mangueira. Pergunta-se qual era o seu maior sonho, vivendo aqui no campo. Alguns instantes de silêncio e a resposta: “olha seu Tiago! Acho que eu tenho tudo que preciso. Mas um sonho mesmo que tenho e que pretendo realizar é conhecer o mar. Quero muito ver como é o mar e as ondas. Isso ainda irei conhecer”.

---

<sup>71</sup>Anthony Giddens entende que o relativismo cultural consiste em “suspender suas próprias crenças culturais profundamente sustentadas e examinar uma situação de acordo com os padrões de outra cultura” (GIDDENS, 2005: 42). Esse conceito, de certa forma, foi pensado no início do capítulo, quando sugeriu-se a entrada no espaço da pampa como um filtro mediador das concepções urbanas diante das rurais.

Naquele momento, recordou-se algumas colocações apontadas por Saint-Hilaire em 1820. Durante grande parte do seu diário, o viajante comenta a pífia preocupação com o futuro que os habitantes da Campanha possuíam. Na visão européia-ocidental de Hilaire, não havia nenhum interesse no futuro ou maiores pretensões de vida entre os índios e os peões. Num certo trecho ele afirma:

“Meus homens são de tal modo inimigos de tudo quanto se relaciona com o futuro que, ao terem o estômago cheio, acham prazer em lançar fora o que podia dar para viverem vários dias, mesmo quando têm a certeza de nada encontrarem no dia seguinte” (SAINT-HILAIRE, 1974:143).

Há mais diferenças do que semelhanças entre o peão do viajante e o que foi entrevistado. No entanto, a visão de futuro pode ser interpretada como o olhar desprezioso sobre o amanhã. O peão de agora constrói seu amanhã dentro da perspectiva possível do seu mundo. A visão de futuro está condicionada pela condição de vida e isso se torna o parâmetro para Antônio entender que dispõe de tudo o que precisa para uma vida suficiente. Sob certa medida, não muito diferente do peão de Saint-Hilaire.

Com a ovelha enxergando o mundo de cabeça pra baixo, Antônio Vieira partiu para carnear (Ilustração 18). Passou-se pouco mais de 20 minutos e já foi possível fotografar as seccionadas partes do animal, descansando em ganchos presos aos galhos de um cinamomo. O fato interessante, nessa hora, foi o surgimento de uma dezena de aves, chamadas por Davina de Galhas, indo ao encontro da carne e retirando todo o excesso de graxa a bicadas. Algo estranho, mas uma sincronia entre homem e natureza pra evitar uma taxa de colesterol mais elevada, pensa-se.

Aqueles instantes finais, na casa de pessoas tão hospitaleiras, geraram momentos de extrema reflexão. A observação direta, pela segunda vez, na Campanha do Rio Grande do Sul, salienta espaços de vida construídos e delimitados pelo campo, pela lida e pelo galpão. O peão campeiro, dentro da estruturação de vida e pensamento, apresenta coerência entre a situação e a reflexão/ação possível.

Ilustração 18 – Rotina da lida II: carneação de ovino.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

#### 4.2 “Orgulho-me em ser um homem rural, um homem do campo”

*E se carrego este orgulho por ter a alma gaúcha/É que a vida não é mansa quando manda um coração/Sou terra, campo e galpão, e algum manojó de crina. (De Terra, Campo e Galpão, Luiz Marengo. Composição: Alex Silveira / Roberto Luçardo).*

A solicitação de compreender a constituição do *self* é, neste estudo, um exercício que busca identificar fatores que se tornam comuns na comunidade reflexiva dos peões campeiros. Se, nessa proposta, é possível entender um processo individual que ressoa numa identidade coletiva, isso facilitará a percepção de como os peões interpretam o mundo e constroem os significados.

As rotinas e práticas, a história de vida e as relações sociais estão na base da constituição do “eu”. Esses fatores, como se procura salientar, estão inseridos na centralidade sugerida que envolve o campo, o galpão e a lida. No acompanhamento realizado com Antônio Vieira, essa perspectiva de análise prossegue.

Desde os 10 anos de idade, Vieira acorda todos os dias por volta das 06 horas da manhã. Mas foi somente com 15 anos de idade que começou a receber algum pagamento, por conta da consideração de ser um peão campeiro. A prematura inserção na atividade laboral fez com que ele completasse seus estudos até o 4º ano do atual ensino fundamental.

Nascido na região de Rosário do Sul, em ambiente rural, Antônio Vieira teve o contato com a lida campeira através do espaço vivido e da relação familiar com a atividade. Seu pai era peão de estância na região e seu avô descendeu de uma profissão rara em tempos atuais, o tropeiro. Ele conta que seu avô fez muitas tropeadas pelo Rio Grande do Sul, inclusive deslocando-se para outros estados, como São Paulo e Minas Gerais.

No universo familiar da vida campeira, ele foi peão e domador. Porém, devido ao avanço da idade, Vieira preferiu abandonar a atividade da doma de cavalos. Nesse entendimento de ser um simples peão, ele deixa claro o que mais valoriza na profissão: “a própria lida do campo. Orgulho-me de ser um homem rural, um homem do campo” (Vieira, 2008).

O orgulho de ser um homem do campo reflete-se diretamente na importância apresentada por Vieira, com relação à profissão de peão. Aliás, em uma de suas afirmações, ele sintetiza o sentimento que relaciona a atividade campeira com o contexto de vida. Segundo ele,

a profissão é fundamental para o Rio Grande do Sul. Por pouco que a gente produz, isso pesa alguma coisa na balança. E mais é o costume de uma geração para outra. Que inclusive o dia que eu me for o meu guri ficará na mesma função. Isso também é importante (VIEIRA, 2008)<sup>72</sup>.

A importância dada à produção e a sucessão familiar no campo ordena um orgulho naquilo que Vieira sempre realizou na vida. Tanto que, ao ser questionado sobre outra profissão, ele deixou claro que não tinha nenhum interesse. Para ele, bastava ser o que era. É aceitável sugerir que tal peão entende que sua função vem de gerações, pois ele nasceu fazendo isso e, por consequência, sabe fazer bem o que se propõem. Não é preciso realizar outra atividade para se considerar importante no contexto de vida que o cerca.

Como aconteceu em Dom Pedrito, a intenção da pesquisa foi compreender elementos que diferenciavam a vida profissional do peão com relação à destreza e aptidão. A resposta de Da Silva repetiu-se com Vieira. Segundo este último,

Qualquer um pode ser peão, se gostar da lida, se tiver vontade de ser um peão de estância consegue ser. Mas o principal é gostar da vida do campo. A pessoa que não gosta começa a judiar dos animais. Aí já não serve. Para ser peão, é preciso gostar da lida e depois é ter o conhecimento que a profissão precisa (VIEIRA, 2008).

Vieira, subjetivamente, faz menção à consciência prática de atuar na profissão, ou seja, ao conhecimento prático que é necessário para ser um peão. A leitura para “ser” um peão está na correlação entre “gostar” e “fazer”.

Porém, ainda assim, não há elementos salientes de uma distinção no que o peão realiza que faça ele se considerar diferente pela profissão. Mesmo com uma pista da consciência prática de Vieira, este não apresentou elementos que fundamentam uma aptidão “concreta” para ser um peão campeiro.

Novamente, o conhecimento prático é fundamental para o entendimento das atividades singulares que definem o peão campeiro. Os aspectos de diferenciação estão inseridos no próprio contexto de vida desses atores e isso não é perceptível por eles

---

<sup>72</sup> Vale lembrar que a consciência discursiva em afirmar “por pouco que a gente produz” está relacionada à extensão de sua propriedade, menor que as outras da região e por trabalhar sozinho como peão campeiro.



como possível parâmetro comparativo. Afinal, a rotina está diretamente associada à constituição do “eu” peão.

Outro ponto de reflexão está nas relações sociais, diante da configuração do tempo e do espaço do peão. A formação de “si” está condicionada pelo sentimento de pertencimento a um grupo que tem, em grande medida, uma história similar. A contextualização das relações sociais auxilia o entendimento desses atores no tempo e no espaço.

Vieira e esposa salientaram que costumam visitar amigos e parentes. As visitas são comuns, mas dependem do dia da semana e do trabalho por fazer no campo. Segundo ele, o dia mais apropriado é o domingo.

Às vezes a gente sai. Geralmente no domingo, quando tem algum evento na região. A gente procura sair e se divertir e rever os amigos. Não é sempre, mas quando *hay* nós vamos (VIEIRA, 2008).

Os encontros são mantidos, em sua maioria, com parentes. Os amigos também são visitados, mas nos dias da semana, em virtude dos deslocamentos na lida campeira e nos encontros no bolicho, para compra de algum suprimento. Vieira também destacou que costumam receber visitas de amigos no final de semana.

As relações sociais também obedecem ao período do ano em sua intensidade. Quando é época de castração e marcação de animais, por exemplo, os peões e familiares deslocam-se para a fazenda na qual haverá o evento e todos ajudam nas atividades que o trabalho exige. “Uns ajudam os outros e isso torna a lida menos cansativa e a gente se diverte também” (VIEIRA, 2008).

A situação se repete em outras atividades, como a carneação de um bovino, nas quais se percebe uma solidariedade entre esses indivíduos. Vieira comentou que, sempre quando há uma carneação, seja de bovino ou ovino, o peão presenteia quem o ajuda ou quem é vizinho próximo. Assim, há um estreitamento de laços comunitários, mesmo com a distância imposta aos peões campeiros.

A frequência com a qual se deslocam à cidade também foi destacada. Geralmente, isso ocorre uma vez por mês, dependendo de qual tipo de atividade será realizada no ambiente urbano. Há circunstâncias em que eles ficam de um dia para o outro na cidade, na casa de parentes.

Vamos à cidade sempre que é preciso. Vamos à inspetoria veterinária, sindicato rural, banco Sicredi e se tem algum evento gauchesco, quando eu me desocupo, também dou uma passada (VIEIRA, 2008).

As inquirições realizadas com Vieira tornaram possível reafirmar que as relações sociais estão ordenadas para o contato entre familiares e peões amigos de fazendas “próximas”. A parca mobilidade espacial nessas relações evidencia o posicionamento fundamental da crença em valores, experiências e objetos comuns aos membros da comunidade dos peões campeiros. Isso condiciona diretamente a formação pessoal e identitária desse atores sociais. Nessa perspectiva, se as categorias referenciadas acima contribuem para a constituição do peão enquanto indivíduo, elas também atuam, por consequência, para a constituição de uma comunidade.

#### 4.3 “Temos televisão, celular... aí estamos mais informados, mais humano”

A análise do dualismo não excludente, mas relacional, entre arcaico e moderno, novamente se percebe em Rosário do Sul. O ambiente rural do peão campeiro conserva formas, práticas, técnicas e, conseqüentemente, um *modus vivendi* com uma dinâmica peculiar no tempo e espaço.

Uma breve leitura sobre os registros dos costumes e práticas dos peões na literatura regional são esclarecedores nesse sentido. A marcação, dia de carniça, rodeio, esquila, marca, etc., são atividades da lida campeira que se mantem padronizadas no tempo e espaço vivido.

No entanto, essa relação é dinâmica e seria um erro pensá-la como conservada, natural ou em essência. Ela sofre hibridismos que, como salientado no capítulo anterior, são mais fáceis de serem percebidas no ambiente rural. Pela singularidade do tempo e

do espaço, é possível visualizar como o arcaico e moderno estão em processo de constante complementaridade no campo.

O espaço do galpão em Rosário do Sul segue essa perspectiva. Empiricamente, foi possível contemplar objetos de uso cotidiano, utilizados na lida campeira, que estão presente há tempos (ilustração 19): a tesoura de tosquiador de ovelhas; o laço trançado de couro para laçar um bovino; velhas esporas para cutucar os cavalos; a marca de ferro, para registrar o proprietário dos bovinos no couro do animal; as cambonas na beira do fogo de chão, para manter a água aquecida para o chimarrão; etc.

É entre objetos e práticas que o peão está inserido num ambiente arcaico. Deslocado desse contexto, o peão se desloca do sentido de sua existência. Mas isso não impede que outras formas materiais e simbólicas possam ser apropriadas e inseridas no cotidiano desses indivíduos. Diante de um conceito estruturado de vida, na qual esses peões fazem parte, essas formas podem ser assimiladas ou rejeitas<sup>73</sup>.

Nessa ordem, o peão vai além de uma inserção arcaica, convivendo, da mesma maneira, com um ambiente moderno. É assim que percebeu-se outros objetos e práticas no cotidiano de Vieira. No galpão, a garrafa térmica acompanhando as cambonas, um rádio AM/FM abafando a sonoridade da lenha queimando e do ronco da cuia no terminar de um mate. Na casa, um console ao lado do fogão à lenha, para acomodar o aparelho celular. Na sala de estar a televisão, o DVD e o receptor de parabólica faziam daquele ambiente da casa um espaço recentemente habitado. Enfim, o moderno sendo (re)configurado no contexto de vida dos peões. Novas configurações na vida de Vieira, que possibilitam uma hermenêutica ampliada de si, do mundo e das relações sociais.

---

<sup>73</sup> Thompson (1995: 79) diz que, “Por formas simbólicas, eu entendo um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como constructo significativos”. Vale lembrar que para o mesmo autor essas formas simbólicas, por minha extensão também as materiais, são postas em contextos sociais específicos que sugerem uma interpretação de acordo com a situação sociohistórica específica e por demais tipos de recursos individuais.

Ilustração 19 – Rotina da lida III: manutenção dos ovinos.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Quando Vieira passa a agir como um teórico social-prático, ficaram mais acessível as considerações anteriores. Questionou-se sobre a compreensão de como ele pensava a profissão e a vida. Segundo Vieira (2008), a lida do campo, de peão campeiro, era uma função muito antiga que vinha de geração em geração. A profissão poderia ser pensada como arcaica, tanto pela atividade em si quanto pelos objetos e recursos utilizados.

Ao refletir sobre a condição de vida, ele demonstrou uma diferença com argumentos coerentes na forma de entender. A “vida do jeito que está já está moderna. Não está mais atrasada. Está moderna por que temos conforto, estamos a par de tudo. Temos televisão, celular... Aí estamos mais informados, mais humanos com tudo isso” (VIEIRA, 2008).

Os parâmetros de referência são os dispositivos tecnológicos, particularmente os que transmitem informações. Vieira foi ter acesso à energia elétrica em 2006. A dificuldade de não dispor de energia poderia supor uma resposta que salientasse o conforto em possuir uma geladeira ou um chuveiro elétrico. No entanto, a disponibilidade de informação foi mais relevante. Por exemplo, o uso do celular para adquirir informações sobre os familiares foi ressaltado pelo peão.

Ainda sobre a energia elétrica, esta foi destacada, quando questionado sobre o que ele pensava em morar no campo. Foi possível perceber um sentimento de pertencimento muito forte ao território vivido<sup>74</sup>. “Morar longe da cidade para mim é muito bom. Não troco de lugar, sou do campo e sempre serei. E agora, com a luz ficou melhor ainda”, sentenciou Vieira (2008).

O reconhecimento da importância das mídias não poderia ser negado. Mas é preciso compreender a dinâmica do arcaico/moderno pela ordem midiática. Para isso, é preciso relembrar momentos da pesquisa.

Quando se esteve no bolicho, recebido com um “buenas tardes” e um “toma um amargo?”, como prólogo do breve diálogo com o dono do pequeno comércio, contemplou-se dois celulares presos em garrafas de refrigerante dentro do galpão (ilustração 20). A visualização dos aparelhos recordou os depoimentos de Golin, Metz e Osório sobre a televisão. Na década de oitenta, os três cavaleiros salientaram a explosão

---

<sup>74</sup> O sentido comunitário no qual a pesquisa se baseia e procura deixar expressa até o momento, sugere a relação entre o pertencimento e a territorialidade desses indivíduos. A expressão “território vivido” segue o raciocínio de uma “comunidade vivida” ou “comunidade real”, sempre associado às categorias tempo e espaço. Sobre esses conceitos, ver o ensaio de Barichello (2006), *Mídia, territorialidades e sociabilidades*, Anais do 15º encontro Anual da COMPÓS, UNESP, 2006.

da TV no campo. Na atualidade, no Caverá, dissertou-se mentalmente sobre o que comentaram. A televisão realmente entrou no campo rasgando, impondo-se<sup>75</sup>.

Mas, pelo menos hoje, o que se percebe não denuncia essa forma tão “avassaladora” assim. Uma visão pessimista, típica do estilo da Escola de Frankfurt, na qual os discípulos de Karl Marx - Adorno e Horkheimer - denunciavam o caráter alienante e desrespeitador da “indústria cultural”<sup>76</sup>.

Ilustração 20 – Aparelhos de telefonia móvel no bolicho em Rosário do Sul.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

A TV, por consequência do seu uso, mudou a rotina dos peões, pois a realidade ampliou os horizontes e o acesso a informação amplificou-se. O recurso visual proporcionou a formação de imagens e realidades que, outrora, somente eram construídas pelas ondas sonoras. Vieira, por exemplo, disse que conheceu o rosto do

<sup>75</sup> “Ela, fria, a última e por certo a mais bem montada linhagem de tantos quantos caudilhos que já sonharam existir, está não nos palanques oficiais apenas. Nem nos palácios tampouco. Ela está em todos: no coração dos caudilhos, no coração dos camponeses. E sem pedir licença ou passagem” (METZ, OSÓRIO & GOLIN, 2006: 22).

<sup>76</sup> Adorno (1971).

meteorologista Cléo Kuhn, que outrora era imaginado pela previsão do tempo da Amplitude Modular – AM.

Empiricamente, percebe-se que os indivíduos com acesso aos meios de comunicação não são passivos diante da mensagem e dos próprios meios. São agentes que se apropriam e relacionam-se com tais meios de forma única e peculiar, ou seja, contextualizada<sup>77</sup>.

Por outro lado, a presença do rádio está em sincronia com Vieira. A mídia rádio está consolidada no campo e se transformou para além de um simples meio de “comunicação de massa”. Por muito tempo representou (assim como em Dom Pedrito), um meio de comunicação interpessoal indireto (se nossa definição é válida, ele funcionava como troca de mensagem e recados entre famílias: Vieira contou um “causo” de um aviso que fizera certa vez no rádio). No galpão de Vieira, o rádio está situado de uma forma bem rotinizada. O aparelho se adaptou, há tempos, às práticas da lida no campo. Ou seria Vieira que se adaptou a ele?

Mas a lembrança, no galpão bolicho, dos três “campeiros/pesquisadores” decorreu do motivo de estar diante de outra “invasão”. Na década de 2000, a disponibilidade do aparelho de celular alterou a vida no campo. Mas ele não reduziu o uso do rádio, apenas o reconfigurou. O rádio ampliou seu caráter de entretenimento e ainda faz parte do cotidiano dos peões. Segundo o peão, “eu continuo escutando rádio: têm notícias importantes da prefeitura, do sindicato rural e tem um programa de música que sempre escuto” (VIEIRA, 2008).

É preciso atentar para o processo de consolidação do aparelho de celular no campo. Em Dom Pedrito, já se havia percebido a reação dos peões diante de um aparelho com tanta tecnologia e nos campos do Caverá ficou evidente. Era questão de dias e a guaiaca, que outrora carregava uma garrucha e uma *Solingen*<sup>78</sup>, agora iria dar

---

<sup>77</sup> Esse *approach* teórico referido é encontrado em pesquisadores como Thompson (1995), Martín-Barbero (2006) e Silverstone (2005).

<sup>78</sup> Nome de uma indústria alemã que produz facas e que é reverenciada pelos peões campeiros como a melhor em produção de facas e adagas.

espaço pra um celular – a mais nova “arma” de um peão campeiro. Como constata o peão,

Antes da luz nós já tínhamos o celular aqui na campanha. Nós carregávamos na bateria da caminhoneta. Usávamos em certos horários além de sempre estar procurando um lugar para conseguir o sinal. O celular é de muita utilidade, muito importante<sup>79</sup> (VIEIRA, 2008).

A utilização do celular remete à outra constatação. O peão fica se sentindo menos isolado com o telefone celular. O aparelho pode não ter funcionalidade em certos locais e circunstâncias de trabalho, mas ele sabe que pode ser “alcançável” por quem por ele procure. Essa sensação de onipresença que o celular oferece pode ter contribuído para “quebrar” o isolamento do peão. Quando não havia energia elétrica, Vieira ligava o celular em certos horários e abria a conexão com os distantes, tornando-se presente e localizável pelos outros. Enfim, ele prova de uma nova condição nesse desencaixe do tempo e do espaço causada pela modernidade.

A cotidianidade e a interação das mídias na vida do peão seguem outras observações possíveis. O uso do rádio, como em Dom Pedrito, ocorre no período da manhã. Pelas seis horas, Vieira liga o aparelho com o objetivo de ouvir as notícias do informativo rural, do hospital e da cidade. Antes do almoço, o aparelho é novamente utilizado mais como entretenimento (músicas regionais). Situações econômicas ligadas ao campo e músicas que destacam uma identidade cultural regional estão na pauta do rádio de Vieira.

A televisão tem uma importância maior no conteúdo transmitido. O rádio é mais local, numa produção do “eu”. A TV, referida pelas emissoras de televisão, é mais o global, uma apresentação do “outro”, do que ocorre lá fora. “A TV tem mais importância. Qualquer novidade a TV tem mais aproveitamento. Transmite mais coisas importantes. O rádio é mais informação local, municipal” (VIEIRA, 2008).

---

<sup>79</sup> Uma constatação, em grande medida irônica, sob a perspectiva da utilidade do celular, na visão urbano-moderna: para os peões o celular serve para fazer ligações a outras pessoas. Ou seja, única e exclusivamente utilizado para falar com outras pessoas pela voz. Eles desconhecem qualquer outro recurso disponível na tecnologia *hight tech* do celular.



O peão relatou que gostava de assistir programas de notícia na televisão, entre os quais citou o Jornal Nacional e o Jornal da Band. Além disso, salientou que gostava muito de olhar o Canal Rural e Terra Viva (canais voltados para questões da agropecuária), principalmente quando estes transmitiam gineteadas e arremates.

Quando interpelado sobre quais notícias chamavam atenção e o que elas diziam sobre a região da Campanha ele comentou: “chama atenção as notícias de crime e de violência. A gente fica torcendo para que se resolva, por que a gente não gosta das coisas erradas”. (...) “Aparece, geralmente, coisas ruins sobre a região. Na maioria é tragédia que aparece. Notícia sobre a Campanha nunca aparece” (VIEIRA, 2008).

Sobre uma possível visualização do peão campeiro na mídia, o gaúcho, para ele foi possível reafirmar, como no capítulo precedente, a importância da TV e do DVD. O uso do aparelho direciona o conteúdo para situações de orgulho e, conseqüentemente, pertencimento ao território.

Fico feliz quando vejo notícia sobre o gaúcho. Fico satisfeito e emocionado de estar assistindo uma coisa verdadeira. Assistir gineteada, essas coisas que aparecem no DVD que eu já participei. São coisas verdadeiras que fazem parte do nosso cotidiano. Aí fazem concurso e provas de tudo que é coisa. Mas é uma coisa que todo o peão faz na lida (VIEIRA, 2008).

Diante do depoimento de Vieira, percebe-se a relação entre mídia (conteúdo), território e pertencimento. Pertencer à Campanha e ser um peão campeiro é um orgulho saliente em Vieira, como sugerido na afirmação, na seqüência dessas perguntas, que vale a análise.

O Rio Grande do Sul é um Estado gaúcho para nós. Que cultua muito aquilo que tem dentro dele. Eu tenho um orgulho de ser gaúcho. Não tem para mim outro lugar do que o Rio Grande do Sul. Aqui na fronteira-oeste é muito cultuado as nossas coisas, os nossos costumes (VIEIRA, 2008).

Neste ponto, cabem alguns questionamentos: onde está a centralidade da mídia na vida de Vieira se ele só possuiu televisão e DVD a partir de 2006? Qual a “força” do

rádio para “forjar” um costume, um modo de vestir, uma forma de se orgulhar? O celular mudou a vestimenta do peão ou foi adaptado à sua forma?

Essas perguntas não geram respostas diretas, mas reflexões possíveis. Na análise dos peões campeiros, até o momento realizada, é aceitável questionar como a mídia é central na vida desses indivíduos. O que se considera central são as mediações e, principalmente, o conteúdo transmitido<sup>80</sup>: as notícias que refletem tanto o contexto de vida quanto as situações econômicas, a estrutura cultural e identitária que fazem parte do “eu” peão.

É assim com o celular, que se volta para as relações sociais de cada peão. Da mesma forma é com o rádio, que remete para as informações locais e regionais, além de mediar um processo identitário, através da música regional. E não é diferente com a televisão, quando denuncia o caráter ativo do peão campeiro ao escolher aquilo que mais lhe chama atenção na hora de assisti-la: notícias gerais, mas, principalmente, imagens, realidades e conteúdo próximo da compreensão de vida e do cotidiano desses peões.

A mediação que envolve as vidas desses peões desloca a centralidade da mídia e sugere a importância do território e da atividade laboral para a compreensão de si e do mundo. Assim, pode-se sugerir que a centralidade não está na mídia, mas na reflexividade social que o seu conteúdo produz. Os peões campeiros são exemplos de que, diante do amplificado fluxo informacional, que adentrou no urbano e no rural, não é possível habitar o mundo sem algum tipo de “ancoragem territorial”<sup>81</sup>.

---

<sup>80</sup> Martín-Barbero (2006) trata do assunto quando sugere o deslocamento dos meios para as mediações. Existem estruturas que condicionam a recepção dos meios massivos e, de outra forma, os mesmos meios se tornam mediadores que condicionam a interação das (entre) pessoas e das formas simbólicas.

<sup>81</sup> Como diz Martín-Barbero (2003), “já que é no lugar, no território, que se desenrola a corporeidade da vida cotidiana e a temporalidade – a história – da ação coletiva, base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, características da comunicação humana, pois, mesmo atravessado pelas redes do global, o lugar segue feito tecido das proximidades e das solidariedades” (MARTÍN-BARBERO, 2003: 58).

#### 4.4 “A região é desenvolvida porque sai produção daqui”

*E assim segue a lida/Tranqueando na  
estância/Firmando a constância/De manter  
existência/Levando a pecuária/Em ranchos e  
galpões/Em sobrados e mansões/Em longínquas  
querências (O Campo, César Oliveira e Rogério Melo.  
Composição: André Oliveira e Rogério Melo).*

A forma determinada da experiência de si, as sociabilidades, a ordenação do tempo e espaço e a condição cultural são prismas que atuam e condicionam as “esferas delimitadas de sentido”, produzidas pelos indivíduos sobre a realidade.

Estruturado numa perspectiva comunitária, a constituição do peão campeiro, enquanto agente reflexivo, segue uma dinâmica de entendimento condizente com a situação de vida. As representações possíveis de objetos, palavras e ações se inscrevem em diferentes formas e situações do ator reflexivo<sup>82</sup>. É nessa ordem que, por exemplo, Dom Quixote vê numa bacia o escudo miraculoso de Mambrino e Sancho Pança apenas uma bacia comum de barbeiro<sup>83</sup>.

Pelo seu contexto de realidade, que na região da Campanha tem em destaque as peculiaridades históricas e a reduzida estrutura social, o peão constitui significados e construções sociais de acordo com sua existência cotidiana, posição biográfica e o lugar que ocupa nesse “universo”.

É nesta base que deve ser pensado o entendimento de desenvolvimento expressa pelos peões campeiros. Nas duas “imersões etnográficas”, procurou-se entender melhor como ocorre essa dinâmica de interpretação e ação desses atores sociais.

---

<sup>82</sup> Usa-se, neste momento a noção de “significado” similar ao de “representação”. “As representações estão intimamente ligadas aos seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade – elas são produzidas no bojo dos processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade; por outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais”. (FRANÇA, 2004: 19).

<sup>83</sup> Alfred Schutz entende que as “diversas fases das aventuras do Dom Quixote são variações cuidadosamente elaboradas do tema principal, ou seja, de que forma experimentamos a realidade. (...) Dom Quixote vivia num mundo da cavalaria e era a esse mundo que ele confere o valor da realidade”. (SCHUTZ, 1983:193).

O significado de desenvolvimento, pensado por Vieira, segue a mesma lógica encontrada nos peões em Dom Pedrito. Ser membro dessa comunidade os torna teóricos sociais e práticos, que formulam o significado de desenvolvimento como algo relacionado ao de produtividade.

Quando comparado o significado do que é desenvolvimento e o que é moderno, percebe-se uma construção teórica condizente. “Desenvolvido é uma coisa que está produzindo, que está em evolução, saindo do pior para o melhor” (VIEIRA, 2008). Já moderno refere-se à técnica que auxilia no desenvolvimento. O uso de novos aparelhos, por exemplo, é uma “modernidade” que contribui para a produtividade – desenvolvimento. Se for possível a interpretação, “moderno é uma coisa mais moderna que vem para a região” (VIEIRA, 2008), ou seja, “uma situação que ainda não havia se realizado de fato” na região (ORTIZ, 2006:209). Vale lembrar que o celular foi defendido como uma modernidade para os peões e, no caso específico de Vieira, a própria energia elétrica.

Tem-se uma compreensão de desenvolvimento como produtividade. No entanto, foi proposta deste trabalho analisar como o peão campeiro compreendia o território onde habitava. Como em Dom Pedrito, perguntou-se: a região onde o senhor vive é desenvolvida?

Com a centralidade da vida pensada em meio à produção agropecuária, no qual o espaço é utilizado para criação de animais e, conseqüentemente, onde há mais espaço, há mais pasto e isso aumenta a produtividade, o peão entende a Campanha como desenvolvida.

Vieira seguiu o pensamento dos peões campeiros de Dom Pedrito. Ele foi esclarecedor, ao afirmar que na região sai produção e, portanto, era desenvolvida.

A região é desenvolvida por que sai produção daqui. As terras produzem e isso dá renda para o município. Não é em alto patamar, mas que ela produz e ajuda o município, ela ajuda. Para mim a região é desenvolvida sim (VIEIRA, 2008).

Outros dois pontos que devem ser destacados e que corroboram para compreender a centralidade do espaço e da produção foram sugeridos quando se perguntou sobre o que poderia melhorar na região e qual região ele achava mais desenvolvida.

Vieira destacou a agricultura como uma alternativa para melhorar o desenvolvimento. “o que poderia melhorar aqui para desenvolver era a agricultura que não *hay*. Isso ia melhorar o desenvolvimento por que estamos só com a pecuária” (VIEIRA, 2008). A pouca mobilidade no espaço confirmou-se ao teorizar sobre outra região. Vieira não destacou uma região afastada da Campanha. Na hora de responder, permaneceu em silêncio e restringiu-se ao âmbito municipal. “Dentro do município, para mim, é a região do Campo Seco. Há muita produção na pecuária, na soja e no arroz. A região do Campo Seco é a mais desenvolvida”<sup>84</sup> (VIEIRA, 2008).

No entanto, neste ponto vale outra reflexão que está latente nas entrelinhas deste estudo. A análise da cotidianidade, do tempo/espaço, arcaico/moderno e da constituição de “si” reflete uma interpretação de desenvolvimento coerente com a vida desses peões. Mas será que o estudo de outros indivíduos, tendo os mesmos critérios de compreensão, não poderia concluir que o território não fosse desenvolvido?

Pelas considerações de Vieira e por ser ele um peão “autônomo” (trabalhando para si), foi possível dimensionar a importância do sentimento de pertencimento ao território. Os relatos dos peões, de uma maneira geral, denunciam tal afirmação. O orgulho em ser peão; a honradez de ser um trabalhador rural; o entusiasmo em ser gaúcho da Campanha; a alegria de ver notícias do Rio Grande do Sul; etc.

Para os peões campeiros, o espaço da Campanha se torna um território de orgulho e pertencimento. por que eles entendem que fazem parte e dão sustentação a

---

<sup>84</sup> Duas considerações são explicativas: Vieira permaneceu em silêncio antes de responder a pergunta, como se tentando, pela consciência prática, achar uma resposta discursiva. Pela pouca mobilidade espacial em sua vida, ele optou por referir a outro espaço localizado na divisão política do próprio município de Rosário do Sul; o segundo ponto de comentário é que a região do Campo Seco é limítrofe ao município de Dom Pedrito, justamente no primeiro lugar de visita da pesquisa. Na ocasião, dois entrevistados (Pacheco e Santos) foram interpelados em Campo Seco.

essa condição. Ou seja, se a região se “sustenta”, muito se deve ao desempenho desses atores sociais.

Além disso, essa situação é dinamizada pela mídia e novamente a relação do conteúdo midiático com o peão é central para essa reflexividade do pertencimento deste indivíduo em relação ao território. Se eu estou “refletido” na mídia, com orgulho por pertencer a um território, como poderia pensá-lo como não desenvolvido se eu faço parte dessa história, desse orgulho? Essa indagação é sugerida na medida em que se relaciona o espaço, a cultura do peão e o conteúdo midiático que ele assimila e reflete.

Vieira é um exemplo do sentimento de pertencimento. Como ele comenta, o pouco que ele produzia influenciava no desenvolvimento. Além da importância da profissão para a atividade da região, ficou claro o orgulho de ser considerado gaúcho. “Não tem para mim outro lugar do que o Rio Grande do Sul” (VIEIRA, 2008). Assim, a análise desse peão sugere que pensar o desenvolvimento, nessas circunstâncias, é pensar o pertencimento dos atores sociais inseridos no território.

## 5. QUARAÍ, RS

### 5.1 “Quando não estamos no campo, ficamos proseando no galpão”

*“No pampa as impressões são rápidas, espasmódicas, para logo se esfumarem na amplidão do ambiente, sem deixar rastro” (Ricardo Güirales em “Dom Segundo Sombra”, 1997: 63).*

A última experiência etnográfica foi realizada no município de Quaraí, entre os dias 12 a 15 de agosto de 2008. Como foi a terceira viagem, algumas análises já tinham sido realizadas e a ida a Quaraí representava a contraprova dos fenômenos salientados e observados até o momento na pesquisa.

O deslocamento até este município foi o mais longínquo em comparação com as demais viagens. Ao tomar a estrada na direção de Quaraí, naquela tarde quente, percebeu-se que essa seria a “imersão” mais periférica, se comparada ao ponto de partida, neste caso, Santa Maria.

A viagem de estudo a Quaraí teve a intenção de ser uma prova de todas as categorias contempladas até o momento. Nesse interim, depois de duas horas de viagem, percebeu-se atuando salientemente sobre o pesquisador a relação do tempo e do espaço. Quaraí representava ser longe e o tempo parecia confirmar essa representação. Foi uma viagem cansativa que possibilitava, entre uma mirada e outra nos campos ao redor da estrada, a lembrança dos causos dos outros peões e de histórias lidas nos livros (ilustração 21).

Um poeta gaúcho, de Quaraí, disse, certa vez que todos os caminhos eram um atalho para Quaraí. Refleti na viagem o que se busca compreender na pesquisa: a construção de mundo poderia variar conforme o espaço. O ponto de referência era o município de Santa Maria. O dizer do poeta reflete outra centralidade possível.

Ilustração 21 – Foto da dimensão da paisagem em Quaraí.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Essas reflexões são válidas para entender que, quanto mais próximo de Quaraí, mais afastado o pesquisador estava do seu mundo. Mais campo, menos concreto; mais animais, menos pessoas; mais passado, menos presente. É assim que compreendeu-se esse deslocamento. Por certo, podem ser considerações óbvias, mas vale lembrar que



são distâncias não tão extensas (mais ou menos 300km), sem contar que é um mesmo território, politicamente definido como o Rio Grande do Sul, um Estado brasileiro.

Ou seja, a homogeneidade possível num território é desfeita em poucos quilômetros percorridos. Assim, reafirma-se a importância de considerar a etnográfica a melhor forma de entender as dinâmicas territoriais que atuam diretamente nos indivíduos. Por exemplo, a ciência permite ao pesquisador falar da mídia na área rural ou aceita e se embasa em dados que sugerem o entendimento da região em ser “subdesenvolvida”, “estagnada”, etc. Mas ela se restringe, quando esquece os dados primários, quando ignora o que, ou quem, está por trás desses dados.

A chegada ocorreu por volta das 17 horas. Quaraí tem uma atmosfera diferente, talvez pelos poucos metros que dividem duas nações. No centro da cidade, próximo a divisa entre os países, nota-se que os automóveis misturam-se entre o *design* moderno e o de décadas anteriores. Adquiriu-se a informação de que a maioria dos carros antigos pertence aos uruguaios. Este foi o parâmetro superficial de diferenciação entre brasileiros e uruguaios, aplicado nas poucas horas em Quaraí.

O hotel é o reflexo de como é possível pensar o tempo/espaço e o arcaico moderno em relação. Aos olhos de um viajante do século XIX, aquele espaço seria “moderno” em termos de estrutura. Atualmente, poderia ser pensado como “antigo”. É como pensar a cama do século XIX e a televisão do século atual.

No outro dia, pela manhã, houve o encontro com Eduardo Macedo, veterinário, quaraense, que iria nos acompanhar até a fazenda. Eduardo e família foram solidários e prestativos à realização da pesquisa. Passada uma hora, já se estava a caminho de outros galpões e campos. Conversas sobre a situação da Campanha, a criação de bovinos e ovinos, dicas de produção, etc. foram o assunto entre o pesquisador e o veterinário.

Antes de chegar ao destino, houve uma parada oportuna em outra fazenda. Lá encontrou-se o senhor Osvaldino Vieira da Rosa, peão que estava atuando como cabanheiro, cuidando de cavalos (ilustração 22). Osvaldino achou estranha a presença, logo percebendo que não eram pessoas do meio. Aos poucos, a cordialidade já tornou

comunicativos os contatos. Naquela tarde nublada, com o vento minuano soprando forte, houve a proposta de tomar chimarrão na beira do fogo aceso no galpão.

Ilustração 22 – Foto de Osvaldino Da Rosa no galpão.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

A ideia de considerar Quaraí a prova das constatações da pesquisa começava naquele momento. O galpão era igual aos demais; o rádio estava na porta, pois Rosa precisava fazer serviços no lado de fora do recinto. A casa ficava a poucos metros dali.

Porém, como ele mesmo confirmou: “fico mais tempo aqui em volta das coisas da lida do que nas casas”. O Galpão era o espaço mais habitado e uma extensão do campo e da sua atividade laboral.

Osvaldino começou trabalhando como agricultor com a família. Nas folgas da atividade, ele pedia permissão para trabalhar nas estâncias. Foi assim que, com 20 anos, tornou-se um peão campeiro, realizando a maioria das atividades do campo: caseiro, campeiro, sota-capataz e cabanheiro. Agora, encontrou-se Osvaldino na beira do fogo, contando causos e teorizando sobre a lida de peão.

A rotina parece ser a mesma: levantar por volta das seis horas, tomar chimarrão acompanhado do rádio, atender os animais, cuidar os cavalos e sair para o campo. Osvaldino está sozinho nessa propriedade. Recebe a visita diária de pessoas como o veterinário e o proprietário da fazenda. Pelo pouco tempo de convívio, percebeu-se uma vida solitária. Talvez por isso a preferência em ficar no galpão, com os cachorros, à beira do fogo e das coisas do seu universo.

Após algum tempo, o peão se sentiu mais à vontade. Assim, foi possível usar o gravador e fazer algumas inquirições importantes para a pesquisa. Talvez Osvaldino tenha sido o peão com linguagem mais distante do padrão lingüístico em voga que encontrou-se até aquele momento. Seu jeito de compreender as coisas e relatar sua opinião denunciava essa constatação. Fato interessante surgiu quando Osvaldino, em alguns momentos, na tentativa de se expressar discursivamente, recorria ao Eduardo com os dizeres: “Pode ser?” “Não é verdade Seu Macedinho?”, evidenciando uma dúvida no sentido de que suas afirmações poderiam ser ditas da forma como ele se expressava ou se aquela construção verbal estava correta e entendível.

Eduardo, para ele, representa ser uma pessoa “mais culta”, que confirmava sua opinião, como se dizendo: “não estou errado no que digo”. Assim, ele foi construindo as respostas a cada questionamento, usando Eduardo como mediador das suas opiniões, da sua consciência discursiva.

Após a despedida, tomou-se o rumo da fazenda que serviria de base para a fase final da pesquisa.

A fazenda Macedo era distante das estradas principais e de Quaraí. As caixas de reservatório de água e o cata-vento, em estado regular de conservação, salientavam a falta de energia elétrica. Porém, Eduardo explicou que eles já estavam com energia. As caixas e o cata-vento foram meios utilizados para captação de água enquanto a eletricidade não chegava.

O silêncio na fazenda indicava que os peões não estavam. Passou-se dez minutos e ao longe se viu os quatro peões que trabalhavam ali. A presença de vários peões foi fundamental para o encerramento das pesquisas etnográficas. Em Dom Pedrito havia um peão com a esposa; em Rosário do Sul era o peão e a esposa por conta própria; em Quaraí, uma fazenda com quatro peões (três peões e um capataz). Desta forma, poderia analisar o peão campeiro a partir de três maneiras diferentes de convívio social, dentro de um mesmo contexto.

Fui apresentado aos quatro, mas as conversas procuraram ser mantidas com Neri Martins, pois ele seria o ator social principal da análise. Neri era mais conhecido como Belmonte. No início, não se procurou saber o porquê da alcunha, mas logo ficou-se sabendo que decorria do vício de Neri em fumar um cigarro, denominado Belmonte. O vício quase lhe levara a morte e o Belmonte só ficou no apelido.

Outro ponto relevante: Neri é considerado como capataz na fazenda. Isso implicava em algumas responsabilidades que iam além de ser um peão campeiro, como acontecia com os outros três companheiros da fazenda. Conta muito sua experiência e o tempo de trabalho com a família proprietária da fazenda.

Logo nas primeiras conversas, foi-se ver alguns cavalos que recebiam tratamento especial. Martins apresentou-se muito acanhado nos diálogos; contava as ações realizadas na semana, mas mantinha-se tímido com a presença de duas pessoas estranhas ao seu meio.

Nessa fazenda não se foi diretamente para o galpão. Este era um espaço não só de um peão e talvez isso tenha impedido o convite direto. Foi-se para a casa da fazenda, lugar acolhedor e bem abrigado do inverno. Fotos de animais consagrados da fazenda, diplomas e demais fotos familiares preenchiam as paredes da casa. Eduardo deixa o pesquisador à vontade e foi resolver pendências da lida com os peões. Aproveita-se para perceber que o fundo da casa possuía vários cômodos com dormitórios e algum banheiro. Pareciam ser pouco habitados na atualidade, mas retratavam a expressividade que aquela fazenda alcançara no passado.

Pouco tempo, depois houve o convite para passar ao galpão. Com todos os peões, ficou em volta do fogo da lareira num passar de cuia entre um diálogo e outro (ilustração 23). O galpão mostrou-se novamente envolto de artefatos campeiros, pelegos, cachorros, o fogo na lareira, a cambona esquentando a água e o inseparável rádio ligado. Neste galpão, havia a cozinha e os dormitórios dos atuais peões.

Se nas outras fazendas visitadas encontrou-se um galpão solitário com seu peão, em Quaraí percebe-se um galpão que, além da extensão do campo e da lida, servia como lugar das relações sociais entre peões. As conversas giravam em torno das atividades laborais, dos atos de algum animal, da destreza ou fraqueza de algum peão, no dia-a-dia da lida do campo.

O rádio ligado transmitia músicas regionais, como entretenimento ao cozinheiro que preparava a janta e como companheiro dos que tomavam chimarrão. Não havia TV no galpão, pois ela estava na casa. Pela observação e conversa posterior com Neri, ficou a noção de que eles não assistem rotineiramente televisão. Os peões dormem cedo e, além disso, o acesso a casa era comum a Neri, capataz da fazenda.

Aos poucos os peões foram tornando-se receptivos e menos tímidos para conversar. A janta ficou pronta e aí todos perderam a cerimônia que a presença de estranhos havia obrigado-os a realizar. A atividade do dia consumira muita energia e uma janta à base de proteínas era fundamental para repô-la. Nesta janta, havia salada verde, talvez demonstrando que o peão campeiro estava balanceando melhor suas refeições.

Ilustração 23 – Foto do galpão na Fazenda dos Macedos em Quaraí.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Se o dia amanhece mais cedo para o peão, como estou comprovando, anoitece da mesma forma. Logo após a janta, todos se recolheram. Eduardo, Tales e o pesquisador foram para a casa. Trocou-se algumas considerações e, por unanimidade, também decidiu-se encerrar as atividades do dia.

O dia amanheceu nublado e tarde para o pesquisador. Os peões estavam na lida desde as sete horas. Aproveitou-se para conhecer melhor a fazenda. Na mangueira de encerrar os animais para algum tipo de atividade campeira, presenciou-se uma imagem contrastante. No brete da mangueira do gado, uma antena de telefonia móvel se apoiava no palanque de eucalipto. Segue-se o fio que sai da antena e vai-se em direção a um galpão. Encontra-se uma embalagem de remédio, cortada ao meio, como suporte para o celular. Ao seu lado, uma tesoura de tosar ovelhas dividia a parede entre o arcaico e o moderno.

No mesmo instante, veio a recordação do bolicho em Rosário do Sul. O celular tornou-se, realmente, uma utilidade para os peões. Mesmo com uma mobilidade reduzida pela abrangência do sinal, o aparelho era utilizado quando os serviços da lida fossem realizados na mangueira dos animais. Mais uma constatação que se efetivava em Quaraí.

Passado algum tempo, um barulho de trator surge pampa afora. Procura-se na paisagem e vê-se dois dos peões chegando para fazer o almoço. Aquela imagem do peão sempre em cima do lombo de um cavalo desfazia-se naquele momento. Nas três viagens, foi possível ver o gaúcho a pé, o gaúcho a cavalo e, naquele momento, o gaúcho a trator. São sinais dos tempos que ressaltam uma transformação e derrubam qualquer fixidez no passado idílico.

No almoço, mais conversas sobre a lida campeira. Como observador e alienígena ao meio, o silêncio de minha parte torna-se fundamental. Dos quatro trabalhadores, apenas Martins e outro mantiveram conversas comigo. Os outros dois ficaram distantes, preferindo apenas a observação ocular aos forasteiros.

Algum tempo, depois recebeu-se um cavalo encilhado e o convite por parte de Eduardo para camperear nos campos da fazenda. Nada melhor para encerrar a pesquisa como no seu início: a cavalo. Por certo o intervalo de tempo entre uma campereada e outra foram providenciais ao corpo do pesquisador, nada acostumado com a atividade.

Sobre o lombo do cavalo e naqueles campos foi possível refletir sobre a vida dos peões. Sem grandes barreiras, com boa mobilidade e facilidade em deslocar-se em diferentes velocidades no espaço, procurou-se entender o sentimento de liberdade e o “prazer” que a profissão de peão campeiro possibilita. Qual profissão em tempos atuais daria essa oportunidade? O peão sabe do seu compromisso com sua atividade, mas o compromisso vincula-se com a liberdade na realização do trabalho. Percebeu-se que essa liberdade estava atrelada a ausência do proprietário da fazenda no dia-a-dia e a possibilidade de não repetir o trabalho num espaço fechado e limitado. Na análise das três viagens, é possível inferir que na vida dos peões há um sentimento de liberdade

associado ao de autonomia. É uma situação que pode ser contrastada com a pressão espacial e psicológica que qualquer profissão na cidade demanda.

Em um horizonte não tão distante, visualizou-se o cerro do Jarau, palco de tantas lendas e histórias que povoam o imaginário desses atores sociais e avançam ao universo urbano das luzes e dos palcos das cidades. Sem dúvida, existe um contexto psicológico muito forte atuando sobre esses indivíduos, que foge do viável “campo” de análise.

Martins surge no horizonte com seus cachorros. Havia terminado de conferir o estado de uma tropa de gado localizada num campo vizinho. Fala com orgulho dos cachorros que o acompanham, muitas vezes sendo ele e os cães suficientes para reopontar uma tropa até a mangueira.

Do ponto em que se estava regressou-se “de volta pras casas”, como eles falam na Campanha. O breve passeio possibilitou uma atmosfera descritiva daquele mundo. Com as devidas proporções, um pouco de Saint Hilaire e Arséne Isabelle, etc. pareciam soprar junto com o minuano.

A noite não tardou a chegar. Após o banho e a tradicional janta na Campanha, resolveu-se entrevistar Neri Martins. A conversa se passou na casa. Os outros peões ficaram no galpão. Receoso no início, aos poucos Martins ficou mais à vontade para responder as perguntas. A entrevista finalizou-se em quarenta minutos. No outro dia, despediu-se de todos e regressou-se à cidade de Quaraí. No trajeto de retorno deparou-se com vários animais nas estradas. Assim como em Dom Pedrito, em Quaraí havia muito “gado de corredor” (ilustração 24). Ou seja, animais criados nas estradas, geralmente por algum peão que não possui grande extensão de terra para o engorde desses animais.

Criados na estrada ou nos corredores que separam fazendas, esses animais são uma maneira de obter uma renda única ou extra aos moradores rurais, que não dispõem de tantos recursos espaciais e financeiros. O “desenvolvimento” à sobrevivência se adapta aos contextos institucionalizados na Campanha do Rio Grande do Sul.



Ilustração 24 – Foto de bovinos na beira da estrada: gado de corredor.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Assim, reflexivamente, de tudo que foi possível ver, viver e compreender nas viagens da pesquisa, ficará a certeza que realmente conviveu-se em outro subuniverso, como fala Schutz (1983: 194). Para alguns, o universo do peão campeiro é comum, está no cotidiano, é real. Para muitos outros, talvez nem exista. Talvez esteja apenas retratado de forma telúrica e idílica nos livros de prosas e versos. Talvez esteja maquiado num ator global de uma minissérie épica. Ou, mais agravante ainda, seja apenas uma invenção.

Nessas viagens, preferiu-se ver os peões campeiros como atores sociais frutos do seu tempo, oriundos das peculiaridades atuais da vida, mas localizados e condicionados por um contexto histórico, familiar e espacial único. Da Silva, Vieira e Martins vivem num subuniverso cercados pelo campo, pelo galpão e pela lida, numa ordenação do tempo e do espaço que os tornam atores sociais reflexivos de um processo de mão dupla, que envolve o contexto comunal e societal ao mesmo tempo.

## 5.2 “Se gostar da lida campeira, qualquer um pode ser peão”

*“Esse mister consiste em dominar o gado e tocá-lo com destreza, mediante um complicado sistema do qual fazem parte a sabedoria e a arte” (Prefácio do poeta argentino Leopoldo Lugones à obra “Dom Segundo Sombra”, de Ricardo Güiraldes).*

Nas três viagens realizadas, algumas categorias foram sempre consideradas e interpretadas pelo pesquisador. A proposta de entender a constituição do “eu” peão primou pela análise de certos fatores que, sem objeção, não contemplaram todo o arcabouço constitutivo do “eu”.

Mas a percepção de como se estrutura o peão campeiro, através do breve relato da história de vida, do acompanhamento das práticas e rotinas, do entendimento das relações sociais e da concepção identitária que relaciona o indivíduo e o coletivo, serviu para criar uma estrutura básica de análise desses indivíduos em torno do contexto, ação e reflexão sobre a realidade e o mundo.

Assim partiu-se da noção na qual o processo de constituição do mundo segue as circunstâncias de constituição do sujeito. Se uma das premissas foi entender esses indivíduos como teóricos sociais e práticos, era preciso entendê-los na consciência prática para correlacionar com a consciência discursiva das afirmações e construções teóricas.

A situação da vida desses peões, aos moldes fenomenológicos, apresenta uma bagagem de conhecimentos disponíveis. Essa situação está em acordo e relação com a vida cotidiana e a história pessoal, na qual o indivíduo se percebe como o centro da orientação na ordem espaço-temporal do mundo. Sendo assim, a partir da compreensão do peão como o centro, foi objetivado compreender o que constitui a situação de vida desses indivíduos.

O estudo da interpretação da condição da vida privilegiou o peão Neri Martins. No entanto, algumas referências da vida de Osvaldino da Rosa também foram referidas.

Por coincidência, ou fruto da condição da região, a história dos dois é similar em alguns pontos.

O primeiro ponto é que ambos não passaram do primeiro ano de estudos. Por questões de sustento familiar, começaram cedo em alguma atividade laboral. Por conta disso, o segundo ponto similar está na profissão inicial, pois ambos não iniciaram no trabalho como peões. Martins começou trabalhando de carroceiro, juntando esterco para uma olaria de tijolo. Da Rosa trabalhou como agricultor, pois seus pais eram pequenos agricultores.

Eles eram da região e isso os foi aproximando da profissão de peão de estância. Antes de tornar-se um peão, Martins reconhece que, quando menino, foi contrabandista. “Contrabandeei coisas do Uruguai para vender no Brasil: arroz, querosene, farinha, essas coisas que trazia do Uruguai para vender aqui” (MARTINS, 2008). O contrabando era um exemplo de reconfiguração de atividades e práticas de origens antigas na contemporaneidade. Já Da Rosa conta que se tornou peão aos poucos. Quando o intervalo da agricultura reduzia o trabalho, ele pedia permissão ao pai e buscava serviço temporário em alguma estância<sup>85</sup>.

Seus familiares estavam ligados ao campo. Da Rosa com os pais pequenos agricultores e Martins com a mãe trabalhando como cozinheira nas estâncias. Vale dizer que Martins não fez comentários com relação ao seu pai. Diante dos outros peões da pesquisa, que recorriam com orgulho aos pais, Martins sequer citou a existência do seu. Por conta disso, preferiu-se não entrar em pormenores.

Com o passar do tempo e os ensinamentos, às vezes tácitos, de outros peões, Martins e Da Rosa foram aprendendo a lida que fazem até hoje (ilustração 25). Ambos começaram com serviços mais simples e atualmente Da Rosa trata os cavalos de uma fazenda e Martins é capataz de outra. A denominação de capataz representa uma

---

<sup>85</sup> Num estudo singular, Farinatti (2008: 359), através de pesquisa documental entre os anos de 1845 – 1865, salienta que o trabalho de peão de estância era “parte de uma estratégia familiar, sendo característico do início da vida produtiva de homens inseridos em famílias de pequenos produtores e de migrantes que buscavam estabelecer-se na região”.

responsabilidade maior do que a de peão, mesmo sendo o serviço igual. Ser cabanheiro e capataz contribuiu para a resposta sobre o que era preciso para ser peão campeiro.

Segundo Da Rosa,

Tem que ser uma pessoa responsável. Quando vê os problemas tem que fazer alguma coisa para defender o capital do patrão. Tem que ter responsabilidade. Não é qualquer pessoa que pode ser peão, tem que ser responsável (Da ROSA, 2008).

Martins salienta pontos já citados pelos peões entrevistados nas outras fazendas. Ele destaca o gostar do trabalho do campo como requisito para ser um peão. Mas em conformidade com Da Rosa, ele também destaca a responsabilidade.

Se gostar da lida campeira, qualquer um pode ser peão. Mas tem que gostar. Muitos vieram para o campo, mas não deram certo por que não gostavam. Aqui tem que ter compromisso com as coisas da fazenda. (MARTINS, 2008).

Constata-se uma uniformidade de pensamento diante dos requisitos para ser um peão campeiro entre todos os indivíduos pesquisados. Nenhum deles, por exemplo, destacou que seria preciso saber laçar um boi ou mesmo saber montar num cavalo. Isso denota que os elementos de diferenciação quanto à profissão estão inseridos no contexto de vida desses peões. Fazendo parte da rotina, tais elementos não são considerados como aspectos de comparação.

As relações sociais foram questionadas na seqüência da inquirição. Da Rosa visita os familiares, mas não entrou em detalhes sobre quem seriam esses familiares, onde visitava e em que período realizava tais visitas. Sobre os peões vizinhos, ele comenta: “os vizinhos, eu me dou com todos eles. Quando a gente precisa de alguma coisa sempre consegue” (Da ROSA, 2008).

Já Martins demonstrou um convívio social bem mais amplo. Por morar na fazenda e sua esposa e filhos na cidade, ele procura visitá-los de quinze em quinze dias. Como adverte,

Vou visitar a família, os parentes mais chegados de quinze em quinze dias. Às vezes vou visitar os amigos mais chegados também. Outra coisa é se tem alguma festa, aí a gente vai também. Um rodeio,

alguma coisa na comunidade que estão fazendo, a gente sempre vai (MARTINS, 2008).

Por ter os familiares na cidade, os deslocamentos até este local são freqüentes para Martins. A cidade de Quaraí parece ser diferente das demais visitadas. Isso foi concluído pela relação mais próxima com a qual os peões disseram possuir na cidade. Com os peões dos outros locais, a cidade parecia ser mais distante, não somente em termos de espaço, mas de relações sociais. A percepção foi que Quaraí representava uma atmosfera bem familiar aos peões, como se fosse uma extensão comunitária num contexto urbano, resumida na expressão: “aqui todo mundo se conhece”.

Ilustração 25 – Foto de Neri Martins nos afazeres da lida campeira.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Novamente constatou-se um “espírito” comum entre os peões: seja na origem com que as atividades de peão surgiram em suas vidas, que denota a forma como eles constituem a si, nos critérios para exercer a atividade, nas relações sociais e nos pontos de diferenciação, que os caracterizam como um grupo social peculiar na forma de compreender a realidade. Assim, o peão se localiza num fluxo de duplo sentido, no qual

está estruturado por uma identidade individual e fortalecido por uma identidade coletiva.

### 5.3 “A lida campeira é algo antigo que existe até hoje”

Nos dois tópicos dos capítulos anteriores, que expõem as compreensões entre arcaico e moderno, procurou-se apresentar a relação não conflitiva entre essas categorias (ilustração 26). A manutenção de certos costumes, práticas e objetos reflete o caráter tradicional da vida dos peões campeiros<sup>86</sup>.

Por outro lado, formas e ações foram introduzidas na vida desses indivíduos, em grande medida, não excluindo àquelas que já se mantinham. As mudanças ou absorção de novas técnicas e utensílios respondem, por um lado, à ordem econômica na qual os peões estão inseridos, como as questões de produtividade no campo. Noutra ponta, referem-se a melhores condições de acesso à informação, meios de entretenimento e comunicação.

Destarte, a cultural regional relaciona-se com o arcaico e moderno num processo de complementaridade. O hibridismo entre categorias insere-se no cotidiano dos atores sociais, sem deixá-los deslocados do seu contexto de vida e, principalmente, refletindo tudo o que pode ser considerado como elemento de pertencimento e diferenciação, exposto tanto pela ausência quanto presença do arcaico/moderno.

Ou seja, a presença de formas arcaicas é reflexiva para diferenciar o peão e a ausência de práticas modernas também. Quando as formas modernas estão presentes, como a televisão, elas são direcionadas para uma atitude de diferenciação e um conteúdo reflexivo de pertencimento. Por exemplo, em Dom Pedrito, Rosário do Sul e Quaraí foi possível ouvir a frase: “aqui as coisas são diferentes”. As coisas são entendidas no sentido das práticas que ocorrem na cidade e que no ambiente rural

---

<sup>86</sup> Dois pontos são importantes. O primeiro são os costumes locais, que “são hábitos genuinamente hábitos coletivos quando são criados por influências internas a uma área ou comunidade” (GIDDENS, 1997: 125). O segundo é que a tradição “diz respeito à organização de tempo e, portanto, também de espaço (...) a tradição controla o espaço mediante seu controle no tempo” (GIDDENS, 1997: 118). O que configura um sistema de vida com peculiaridades tradicional é essa relação tempo/espaço.

inexistem. Ou ao contrário, como ocorre com as relações de amizade, num simples aceno de mão ou num diálogo com um vizinho.

Ilustração 26 – Foto de uma antena de telefonia móvel junto ao brete da mangueira.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Diante dessa contextualização, a análise de Quaraí ratificou a relação arcaico/moderna encontrada nas duas etnografias anteriores. No início do capítulo, descreveu-se algumas interpretações sugeridas durante a viagem, como as ferramentas utilizadas na lida, o uso das mídias, algumas atitudes e a paisagem híbrida do arcaico/moderno.

Mas a intenção volta-se para compreender a teorização prática dos peões campeiros. Quando questionados sobre o que consideravam antigo, tanto Martins quanto Da Rosa mencionaram a profissão do campo. Para eles, “a lida campeira é algo antigo que existe até hoje” (MARTINS, 2008). Mas isso não impediu Da Rosa de dizer que, mesmo sendo antiga, a lida estava muito modificada e isso dava conta do entendimento do que era moderno, em relação às práticas de peão campeiro. Para ele,

Tem muitas coisas que já modificaram. O gado, no tempo de inverno, quando virava a tarde não se lidava mais. Agora com o modernismo tocam até a noite. Está bastante modificada a lida. Antigamente traziam o gado para o rodeio e apartavam lá no campo. Separava o gado no campo e os compradores escolhiam o gado que iriam comprar. Aí a peonada paleteava aquele gado até o boi sinuelo. Aí ficavam apartando e depois levavam para onde o comprador queria, geralmente com uma tropeada. Isso era coisa antiga. Hoje quando vão apartar o bicho gordo já levam para a mangueira (Da ROSA, 2008).

Ou seja, pode-se inferir que as mudanças de técnicas são associadas a uma modernização. O que é moderno está inserido na tecnificação de atividades ou na presença de novos meios auxiliares na produção. Martins (2008), por exemplo, sugere, assim como realizado pelos peões anteriormente entrevistados, que o moderno é o celular. Como ele comenta, “Moderno para mim é o celular. É moderno e uma coisa de utilidade para nós aqui no campo” (MARTINS, 2008).

O celular é representativo na Campanha (ilustração 27). Para o peão de Rosário do Sul, havia chegado primeiro que a energia elétrica. Com Martins, ocorrera a mesma situação: primeiro o celular e depois a energia elétrica. Sobre tal constatação, ele comenta:

Comecei a trabalhar aqui com celular e sem luz. Além disso, nem água a gente tinha, pois não havia luz. A gente tinha que carregar a água até as caixas. A luz não é tão importante como é a água para nós (MARTINS, 2008).

O comentário é reflexivo para se entender as diferentes representações que o contexto de vida pode sugerir. A ausência de energia elétrica, para Martins, fazia parte de sua vida, desde os tempos em que contrabandeava querosene do Uruguai. A falta de água era vista como um problema, uma dificuldade para manutenção da vida. A inexistência de energia impediria o uso da televisão, do DVD, da parabólica e Martins deixa entender que viveria sem isso. Mas, e sem água? Pelo seu relato, a vida se tornaria mais difícil. Então, onde se pode considerar a mídia como central na vida de Martins? A questão do “midiacentrismo” é relativizada nesse contexto.

A centralidade está nas mediações que envolvem Martins, na situação de vida deste peão. Quando a mídia passa a ser disponibilizada, o conteúdo midiático ganha



projeção. Na condição de agente, Martins seleciona a mensagem que lhe agrada, atuando reflexivamente sobre o “texto” no qual é exposto.

É sobre essa base de interpretação que se buscou compreender a ação da mídia na vida dos peões campeiros. Como os peões interagem com os modernos meios de comunicação? O que a mensagem reflete na vida dos peões? Estes questionamentos formaram a base da análise das mídias sobre esses atores sociais. Através da observação direta e das entrevistas direcionadas sobre o assunto, chegou-se a compreensão sobre o fenômeno.

Ilustração 27 – Foto da parede de um galpão em Quaraí.



Fonte: Registro fotográfico do autor, 2008.

Em Quaraí, nos locais pesquisados, os peões Da Rosa e Martins relataram que possuíam celular. O primeiro não o usava muito frequentemente, mas tinha um

aparelho. Martins usava com mais frequência para saber notícias da família ou quando o patrão e os responsáveis pela fazenda ligavam para acompanhar o andamento da lida<sup>87</sup>.

O rádio novamente esteve presente nas fazendas visitadas. Como denuncia a opinião de Martins (2008), “mais contato é com o rádio. Programa de aviso, quando dá a gente escuta. A hora que a gente está nas casas a gente escuta os avisos e as coisas que dão sobre a cidade. É importante para ouvir as notícias daqui”.

O conteúdo absorvido pelos peões volta-se para aqueles que dizem respeito ao seu “subuniverso”. Notícias do sindicato rural, avisos de autarquias públicas, bancos, prefeitura, além de informações rurais, como a cotação do boi gordo, a data de algum rodeio, etc. O entretenimento está nas músicas de cunho regional, sempre destacando e valorizando as atividades dos peões, o seu orgulho, entre outros temas musicais.

Outra mídia analisada, como ficou evidente no transcorrer do estudo, foi a televisão. No que concerne ao uso dessa mídia, por parte dos peões campeiros, novamente não houve alterações na proposta de utilização desse dispositivo, que servia ora como meio de informação/reflexão sobre o global ora como meio de referência ao local. Da Rosa (2008) diz que assiste televisão: “gosto de assistir no domingo o Galpão Crioulo. Quando eu posso, assisto”. Martins vai ao encontro dessa proposta. Segundo ele,

Assisto os jornais. O Galpão Crioulo, Campo e Lavoura, Globo Rural. Assisto a esses programas sempre que estou na cidade. Quando estou por aqui na fazenda, fico assistindo esses arremates de bichos, de gado. É o que o cara olha (MARTINS, 2008).

As mídias demonstram ser uma prótese midiática, uma extensão do humano (SODRÉ, 2002). Porém, para o homem do campo, como é o peão, a mídia representa ser uma extensão rural, na qual o que parece ser extensivo é o contexto de vida desses indivíduos.

---

<sup>87</sup> Vale lembrar que o sinal do aparelho, também em Quaraí, precisava de uma antena externa para potencializá-lo.

O aparelho de DVD confirma essa percepção. É o que destaca Martins, quando diz: “eu assisto DVD de gineteada, compro filme de gineteada, de música gaúcha dos nossos artistas. Fico tomando mate e olhando essas coisas. No DVD é isso que assisto” (MARTINS, 2008). Além disso, outra opinião que corrobora surgiu quando perguntado sobre qual era o sonho que ele (Martins) gostaria de ter ou realizar.

O que eu tenho, estou satisfeito. Não sou muito ambicioso. O que eu quero mesmo é comprar uma parabólica para assistir esses rodeios que acontecem por ai. Mas é só isso que eu quero ultimamente (MARTINS, 2008)<sup>88</sup>.

Ou seja, o desejo é comprar uma antena parabólica, um dispositivo midiático que sugere, *a priori*, uma centralidade dessa mídia na vida de Martins. Mas quando ele esclarece que é para assistir os rodeios, contempla-se a importância da mensagem transmitida. Martins sabe que a antena parabólica amplia a visualização de outros lugares e realidades, mas demonstrou que seu “subuniverso”, por uma ordem econômica e cultural, tem prioridade na recepção televisiva.

Assim, a cultura regional, saliente no trabalho rural e na cultura camponesa específica, demarca uma seleção significativa na apropriação dos conteúdos midiáticos. O peão cria a expectativa de, através das notícias e do entretenimento disponibilizados pelas mídias, reafirmar sua noção de pertencimento e orgulho em fazer parte do território<sup>89</sup>.

O moderno expõe mensagens selecionadas pelos peões campeiros, contribuindo para uma reflexividade sobre si, sobre a atividade laboral e sobre o sentimento de pertencimento. Qualquer compreensão dos significados construídos por esses indivíduos deve atentar para tal constatação.

---

<sup>88</sup> Assim como foi percebido e feito referência a visão de futuro em Rosário do Sul, com Antônio, em Dom Pedrito, Martins demonstrou não ter grandes ambições, numa perspectiva muito similar registrada no primeiro caso.

<sup>89</sup> Essa consideração assemelha-se muito com as constatações realizadas por Ronsini (2001). Segundo ela, a recepção, no universo de pequenos produtores rurais, do conteúdo midiático para homens e mulheres, ocorre de maneira diferenciada. “O homem parece buscar aquilo que lhe é pertinente, isto é, o que afeta a sua vida concreta, ou o que diz respeito a algum tipo de atividade realizada. Ele espera, no entretenimento ou na informação confirmar sua ideia de permanecer na terra como lavrador, pois, entre outros motivos possuir a terra lhe é motivo de orgulho” (RONSINI, 2001:94).

#### 5.4 “Se o bicho está no aperto, que desenvolvimento vai ter?”

O último estudo etnográfico, da mesma forma que as outras categorias analisadas, comprovará a coerência existente no mundo ou universo dos peões campeiros. Circunscritos por um campo, de um lado abstrato e de outro real, a construção de significados por parte do peão obedeceu “a base doméstica, a partir da qual ele interpreta todas as províncias da realidade” (SCHUTZ, 1983:196).

O mundo da vida cotidiana é, para os peões campeiros, restritivo para o entendimento de significados e ações mais amplas. A compreensão desse mundo e dos significados por ele criado deve optar pelo deslocamento de visões. Partindo da centralidade do indivíduo, o pesquisador deve posicionar-se na perspectiva do ator social. Essa arte filosófica de deslocar as perspectivas, como defende Nietzsche, é base para o entendimento dos mundos possíveis ou dos subuniversos que a vida cotidiana estrutura<sup>90</sup>.

Desta forma, o significado de desenvolvimento nas três etnografias realizadas seguiu uma tendência de perspectiva. Em Quaraí, houve a confirmação de pensar desenvolvimento como produtividade. No caso de Da Rosa e Martins, ficou mais evidente como o “universo” deles poderia ser mais hermético do que os demais peões entrevistados. A consciência discursiva expõe os critérios do contexto de vida, no qual esses atores se basearam para formular o entendimento de desenvolvimento. Para Da Rosa, desenvolvimento

Para mim é um animal bem cuidado, bem criado. Quando tem uma produção de vaca que está num campo folgado, sem carrapato, aí a ternagem desenvolve. Se o bicho está no aperto, que desenvolvimento vai ter? (Da ROSA, 2008).

A metáfora biológica do desenvolvimento apresentada por Da Rosa é oportuna diante do seu universo. O animal cresce e, atingindo uma maturidade, começa a

---

<sup>90</sup> “O mundo da vida cotidiana, com suas coisas e ocorrências, suas relações causais de leis naturais, seus fatos sociais e instituições, é somente imposto sobre nós, que nós podemos compreendê-lo e dominá-lo apenas a um nível muito limitado, que o futuro permanece aberto, não revelado e indiscernível, e que nossa única esperança e orientação é a crença de que só poderemos chegar a um acordo com este mundo, apesar de todos os objetivos práticos e bons, se nos comportarmos como os outros, se assumirmos que o que os outros acreditam está além de qualquer questionamento” (SCHUTZ, 1983: 211).

reproduzir-se, gerando uma produção. Para que o “desenvolvimento” ocorra, é preciso atenção e controle nas ações de manutenção do animal (sem o parasita carrapato, como ele sugere). Também se percebe, novamente, a noção do espaço, como primordial para o desenvolvimento. Assim como ocorrido nas demais pesquisas, a percepção do espaço compreende uma necessidade de possuir maior campo, para uma maior quantidade de pasto e, conseqüentemente, um maior desenvolvimento.

A metáfora da vaca reflete as ações de manter o animal “bem criado”, com um “campo folgado”, como suporte a produtividade: terneiros em crescimento constante e vacas com produção de leite em quantidade condizente.

No decorrer da entrevista, Da Rosa confirma a relevância do espaço sobre a definição de desenvolvimento. Quando questionado se a região era desenvolvida, ele ratifica a necessidade de maior espaço.

A região não é em geral desenvolvida por que, às vezes, tem uns que estão folgados e outros não estão de campo. E, além disso, colocam uns que não sabem cuidar e o patrão não dá o que o peão precisa para cuidar, aí não há um desenvolvimento bom (Da ROSA, 2008).

Como se nota, o espaço é destacado, mas da mesma forma a profissão, como sustentação de um bom desenvolvimento, como foi citado por Da Rosa. A manutenção para um bom desenvolvimento passa pela ação dos peões. Por sua vez, Martins faz ponderações semelhantes a este último, principalmente na compreensão de que a região não é tão desenvolvida devido a algumas fazendas não produzirem suficientemente.

Algumas estâncias desenvolveram, outras nem tanto. Terminou aquelas estâncias que tinham vários peões, ovelhas. Inseminavam muitas vacas, tosavam bastantes ovelhas. Agora não acontece muito disso. Desenvolvido é ter uma produção boa. Aqui a produção caiu e umas estâncias não ficaram desenvolvidas (MARTINS, 2008).

Assim, em Dom Pedrito, os peões entenderam a região como desenvolvida, pois lá havia uma preocupação com a produção animal, apoiada na agricultura. Em Rosário do Sul, a compreensão foi a mesma: há desenvolvimento, pois a pecuária existe em grande medida. Nos dois primeiros lugares, a relação entre o peão/patrão e peão/espaço sugere algumas observações.

No primeiro caso, o convívio entre peão/patrão era constante. O proprietário da fazenda procurava manter um contato frequente e isso incluía visitas semanais na fazenda. O resultado observado era um respeito mútuo entre esses atores, uma amizade que fazia ambos conviverem no galpão, realizando as refeições e o entretenimento (assistir TV, por exemplo) em conjunto. Supõe-se que o pertencer a uma região e o trabalhar para o “Fulano” remete a uma valorização do espaço vivido.

Com Vieira, em Rosário do Sul, não havia essa relação. Peão e patrão eram as mesmas pessoas e o destaque era dado à relação peão/espço. O que chamou atenção em Vieira foi a ênfase dada na ideia de que o pouco que ele produzia, desenvolveria a região. Neste caso, entender a região desenvolvida estaria diretamente atrelado a perspectiva na qual ele era responsável por isso. Verifica-se, claramente, o desenvolvimento como pertencimento ao território.

No entanto, ao retomar a análise de Quaraí, a compreensão da região como desenvolvida sofre algumas diferenças. Pelo que é possível inferir, parece que nas duas fazendas visitadas no município as relações entre peão/patrão ocorrem de forma mais capitalista, se a constatação é válida. Ou seja, o peão é visto como um trabalhador rural assalariado e o patrão o proprietário que contrata o serviço<sup>91</sup>. O entendimento da região como desenvolvida foi mediada por esta circunstância. Através dessa observação, se entendeu as metáforas dos peões sobre o desenvolvimento, voltadas para a produção, sempre se referindo às fazendas/estâncias como o núcleo de produção capitalista. Se a relação entre peão/patrão era mais institucional e formal, o entendimento de desenvolvimento salientava essa situação.

Assim, com as três análises o que não pode ser desconsiderado é a relação existente entre peão/patrão e peão/espço. Sugere-se que, em algum sentido, isso reflete a noção de pertencimento ao território e, conseqüentemente, as noções de desenvolvimento na região.

---

<sup>91</sup> Com o peão (capataz) Martins, o contato era realizado com mais frequência com Eduardo Macedo, um dos proprietários, mas sobrinho do senhor que detinha maior parte da propriedade (este morava em Porto Alegre).

Portanto, o peão campeiro constrói o significado de desenvolvimento através do contexto de vida, entendendo esse termo como produtividade. Porém, a concepção da região como sendo desenvolvida passa por filtros que encontram ressonância no contato com o patrimônio e no pertencimento ao território.

## 6. CONCLUSÃO

*“Assim, a função das atividades dos encantadores é garantir a coexistência e a compatibilidade de diversos subuniversos de significado ao se referir às mesmas coisas, e garantir a manutenção do valor de realidade conferido a algum desses universos” (SCHUTZ, 1983: 195).*

O estudo sobre os peões campeiros como uma comunidade rural, localizada na Campanha do Rio Grande do Sul, primou pela análise da comunidade e da territorialidade que os envolve. A noção do espaço, das distâncias e proximidades, condiciona as relações humanas e a construção de mundo desses indivíduos. Em tempos atuais, é oportuna a questão da territorialidade atendo-se a espacialidade dentro do horizonte das inovações tecnológicas (PAIVA, 1998). No entanto, no estudo dos peões campeiros, buscou-se entender, de forma diferente a Paiva (1998), que a estrutura social, por meio da superfície territorial, ainda não foi suplantada pela superfície topológica determinada pelos meios de comunicação, conforme Paiva (1998: 80).

Sobre essa preocupação, de pensar os espaços por meio de um reducionismo tecnológico, é que a pesquisa teve como primeiro tópico a compreensão do espaço e, conseqüentemente, o tempo onde se desenrola a corporeidade da vida desses indivíduos. Com a realização das três análises *in loco* sugere-se, para uma concatenação das observações, três tópicos compreensivos, a partir da centralidade da vida desses indivíduos: o microuniverso, o macrouniverso e o transuniverso<sup>92</sup>.

O primeiro diz respeito ao espaço contextualizado pela presença do campo, da lida, do galpão, da casa (ora sua, ora do patrão), do bolicho e da fazenda vizinha. São locais e estabelecimentos onde circulam a vida dos peões campeiros, fazendo parte do cotidiano e das rotinas e ordenando relações econômicas, sociais e culturais (sem esquecer as que envolvem o poder). O macrouniverso refere-se, em suma, a Campanha do Rio Grande do Sul. O contexto que sugere esse tópico e condiciona o seguinte é a parca mobilidade espacial de todos os peões interpelados. Vale lembrar que alguns

---

<sup>92</sup> Há uma referência intencional e direta as premissas de Schutz (1983), utilizada nesse estudo. Como foi possível perceber ele sugere a existência de subuniversos na vida dos atores sociais.



lugares citados como mais distantes foram Santa Maria e Rio Pardo, por exemplo. A imobilidade produz uma reflexão de pensar o Rio Grande do Sul como a região da Campanha. Porto Alegre, “Porto Alegre nem Rio Grande é!”, disse um dos peões na entrevista.

O último tópico volta-se para os espaços além daqueles que os peões poderiam se referir, tudo o que está acolá da Campanha do Estado: as grandes cidades com suas luzes e belezas (“Santa Maria achei bem linda” disse-me Osvaldino); o mundo que passa nas notícias, filmes e novelas da televisão; etc. Os diálogos com os peões demonstraram a compreensão desse transuniverso. As notícias “de fora” eram recorridas pelos peões para iniciar e manter as conversas com o pesquisador. A interpretação estava em situar meu universo muito distante do microuniverso deles; assim eles preferiam dialogar sobre o que estava mais próximo do meu micro-universo.

Vale ressaltar, que no primeiro espaço, “microuniverso”, houve algumas singularidades em cada um dos locais visitados. Em Dom Pedrito, as relações entre peão e patrão eram próximas, pois havia o contato constante entre eles e isso possibilitava uma relação não restrita ao contexto profissional. O proprietário da fazenda não residia naquele local, mas a antítese entre casa e galpão era minimizada pela relação de proximidade e respeito, recaindo sobre a responsabilidade e confiança<sup>93</sup>.

Na segunda visita, a relação entre patrão e peão dava-se em torno do “eu”. Ou seja, no galpão do estabelecimento, o trabalhador se tornava um peão das suas coisas. Quando estava na casa, ele era o “eu” patrão de sua propriedade. Pelas circunstâncias, um mesmo ator social cumpria diferentes ações no seu contexto de vida. Já no último espaço, havia a presença de mais de um trabalhador: um capataz e três peões campeiros dividiam as lidas diárias. A “distância” entre galpão e casa (patrão) era maior, pois a presença do proprietário era esporádica. O sistema baseava-se numa ordem mais capital, com trabalhadores assalariados, gerente e empresário (patrão).

---

<sup>93</sup> Para ampliar o entendimento dessa relação, é válido um aprofundamento da Teoria da Agência de Giddens. Um exercício teórico foi trabalhado por Monsma (2000). Segundo ele, “quando a relação dura, muitas vezes o *principal* [peão/capataz] assume obrigações a longo prazo para com o agente [patrão], e o agente desenvolve estratégias para incentivar o *principal* a cumpri-las” (MONSMA, 2000: 84).

É nessa construção do universo espacial e de relações dos peões que a temporalidade se estrutura de forma peculiar. Por um lado, pelo tipo de trabalho e pela presença de grandes extensões de terra, no qual o trabalho se efetiva, há um condicionamento na forma de se relacionar com o tempo. De outra forma, o acesso às informações sugere um estar no tempo similar a qualquer indivíduo de uma cidade.

A presença da moderna estrutura midiática foi percebida como destaque na vida desses peões, não sobre o ponto de considerá-la acima das questões da estrutura espacial, mas para entendê-la na relação com o tempo, o arcaico/moderno, a construção de “si” e de uma coletividade e do significado de desenvolvimento. A mídia foi pensada no contexto da vida cotidiana, numa correlação entre o conteúdo e o peão, por meio de sua domesticidade (SILVERSTONE, 2005). O contexto de vida, como se sugeriu, volta-se muito para os aspectos centrais: o trabalho (lida campeira), relações sociais e condição identitária/cultural.

Se os indivíduos assimilam ou rejeitam a mídia por contextos específicos, foi conclusivo nesse estudo pensar a mídia relacional ao *bios* no qual se configuram os peões. Assim, através da configuração peculiar de vida é que ela se territorializa, assentada na base do capitalismo e da ordem social e cultural com as quais os indivíduos se contextualizam. Quando foi possível compreender o *bios* desses indivíduos e a perspectiva de desenvolvimento empreendida por eles, foi viável entender a interação com os dispositivos midiáticos.

O rádio é o meio que transmite mais informações sobre o desenvolvimento do campo e da região. Por outro lado, ele reafirma um sentimento de pertencimento ao território. Pelo seu conteúdo, tal mídia potencializa o orgulho de ser, estar e permanecer num espaço de vida que os torna fundamentais para a manutenção do desenvolvimento.

A TV exerce a mesma função, quando possibilita ao peão campeiro escolher o conteúdo. Assistir o Canal Rural, Terra Viva, etc. é voltar-se para o contexto da produtividade, para o desenvolvimento endógeno no qual os peões surgem. Assistir o Galpão Crioulo, DVDs de ginetadas, rodeios e festivais significa reafirmar o orgulho de ser peão e de habitar o espaço da Campanha do Rio Grande do Sul.

A mídia amplia a reflexividade de “si”, do seu e dos “outros” universos de vida. O rádio, a TV e o aparelho de DVD estão inseridos no cotidiano dos peões e o celular está em processo adaptativo. Como ocorreu com os outros dispositivos, há uma adaptação da mídia ao peão e do peão a mídia.

É nessa contextualização territorial e midiática de vida que o significado de desenvolvimento tomou forma com os peões campeiros. Para esses atores sociais, a noção de desenvolvimento está ligada a perspectiva de **produtividade**. Voltado para o contexto de vida, onde há produtividade na pecuária e agricultura, há desenvolvimento. Essa correlação, no que tange a consciência prática, é a que se transforma em discursiva e remete a uma significação endógena no modo de ver o desenvolvimento.

Para os peões, o desenvolvimento está ligado ao espaço. Quanto maior o espaço, maior a disponibilidade de campos de pastagens e, conseqüentemente, maior será a produtividade (engorda) dos animais. É preciso ter espaço suficiente para a produção, para considerar uma região desenvolvida. Assim, na maioria das opiniões, a região da Campanha foi considerada desenvolvida pelos peões campeiros, pois havia coerência no tipo de atividade econômica e a condição do espaço vivido (condição latifundiária).

Nesta análise, o desenvolvimento é pensado como produtividade. No entanto, outras percepções foram sugeridas e interpretadas no decorrer da pesquisa. A hermenêutica relacional entre desenvolvimento e espaço possibilitou o entendimento indireto de outra significação possível: desenvolvimento como **proximidade**. Ou seja, em muitas circunstâncias pensa-se o local e o regional em relação à proximidade entre algum ponto considerado destaque ou fundamental. O que está “ao alcance das mãos”, principalmente em contexto urbano, atua nas representações de desenvolvimento construídas pelos mais diversos atores sociais. A visita e a convivência com a característica imposta pelo tipo de produção capitalista e a ocupação do espaço salienta essa construção social sobre o desenvolvimento.

Mas a associação do desenvolvimento adquiriu um último ponto de análise na Campanha do Rio Grande do Sul. Por meio do estudo realizado com os peões

campeiros, foi identificada a noção de desenvolvimento como **pertencimento**. Por isto, a compreensão desses atores sociais em correlação com o território e o modo de vida foi fundamental. Ser o baluarte do tipo de atividade empreendida na Campanha torna esses peões co-responsáveis pela definição da região como desenvolvida. Não seria condizente sugerir a Campanha como não sendo desenvolvida se o peão é um ator protagonista nesse território. O lugar de residência é o que, em sua maioria, define o seu pertencimento<sup>94</sup>.

Aliado a isso, o pertencimento evocou outros dois pontos: o primeiro volta-se para os aspectos familiares. Os peões destacam que foi de geração em geração que eles fixaram-se no território. A família era da Campanha, ele continua sendo e seu filho, espera o peão, que continue. É assim que poderia ser resumida essa proposição; o segundo ponto diz respeito ao sentimento de orgulho em pertencer ao território, pela amplificada interação com os dispositivos midiáticos (que refletem o seu contexto de vida): as músicas regionais no rádio, o programa Galpão Crioulo na televisão, os DVDs de gineteadas, rodeios e festivais, o ufanismo de ver uma celebridade ser considerada “gaúcha”, etc. Essas situações colocaram o entendimento de desenvolvimento filtrado pelo sentimento de pertencimento e não podem ser desconsideradas.

Portanto, produtividade, proximidade e pertencimento são diferentes percepções de desenvolvimento que refletem o quanto esse termo está concentrado numa interdisciplinaridade que recai na teoria social prática dos atores em estudo. A representação de desenvolvimento, analisada nessa pesquisa, sugeriu um viés econômico (produtividade), geográfico (proximidade) e sociológico (pertencimento), oriundos de um universo específico. A comunidade dos peões campeiros é um exemplo de que é preciso ampliar a compreensão dos diferentes universos construídos pelos atores sociais. Só conhecendo as diversas perspectivas de realidade será possível reduzir

---

<sup>94</sup> Canclini ao comentar o paradoxo que envolve o lugar e o pertencimento sugere que o primeiro já não é suficiente para definir o segundo. Ele entende que não é possível compreender esse paradoxo “por meio de uma antropologia para a qual o objeto de estudo são as culturas locais, tradicionais e estáveis” (CANCLINI, 2007: 56), e ainda sentença, usando Clifford (1999), que as culturas são como locais de residência e viagem. No entanto, arrisco-me a dizer que pela parca mobilidade espacial dos peões campeiros os locais de viagem restringem-se ao acesso midiático. O que ele passa a sugerir nas páginas seguintes, ao comentar que a “interculturalidade hoje se produz mais por meio de comunicações midiáticas que por movimentos migratórios” (CANCLINI, 2007: 73).

os paradoxos e contradições constitutivos do mundo. O presente estudo buscou contribuir com essa premissa.

## 7. REFERENCIAS

ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural**. In: COHN, Gabriel. Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

**Atlas de Desenvolvimento Humano - IDH**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, 2000. 1. CD-ROM.

BAGUET, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

BARBERO, Jesús Martín. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. IN: MORAES, Denis. (org.). **Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder**. São Paulo: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

BERNARDES, Nilo. **Bases geográficas do povoamento do Rio Grande do Sul**. Ijuí: Editora da Unijuí, 1997.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 12ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

BRAUM, Jayme Caetano. **50 anos de poesia**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

BOSSLE, João Batista Alves. **Dicionário gaúcho brasileiro**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2003.

CALLAGE, Roque. **Terra gaúcha: cenas da vida rio-grandense**. Org. José Newton Cardoso. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CAPALBO, Creusa. **Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz**. Rio de Janeiro: Antares, 1979.

CESAR, Guilhermino. **As Raízes Históricas**. IN: KREMER, Alda Cardozo. Et al. **Rio Grande do Sul: Terra e Povo**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

\_\_\_\_\_. **O Conde de Piratini e a Estância da Música: Administração de um latifúndio rio-grandense em 1832**. Porto Alegre: IEL/UCS-EST, 1978.

“**Como é a casa do Gaúcho. Pesquisa IBGE**”. Jornal Zero Hora: Porto Alegre, 16 de setembro de 2006.

COSTA, Cristina. **Sociologia – introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Trad. Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

DaMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?/** Rio de Janeiro: Rocco: 1986.

DaSILVA, Luis Vicente. **Respostas sobre a vida, cotidiano, práticas e percepções**. Entrevistador: T. Martins, 2008. 1 gravador digital (45 min). Entrevista concedida à pesquisa Vida de peão campeiro: cultura, mídia e desenvolvimento no contexto regional.

DaROSA , Osvaldino. **Respostas sobre a vida, cotidiano, práticas e percepções**. Entrevistador: T. Martins, 2008. 1 gravador digital (35 min). Entrevista concedida à pesquisa Vida de peão campeiro: cultura, mídia e desenvolvimento no contexto regional.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

FARINATTI, Luís Augusto. **Peão de estância e produção familiar na fronteira sul do Brasil (1845-1865)**. Revista Anos 90, Porto Alegre: UFRGS, v. 15, nº 27, p. 359-383, jul/2008.

FRANCO, Sergio da Costa. **A campanha**. IN: KREMER, Alda Cardozo. Et al. Rio Grande do Sul: Terra e Povo. Pág. 65 à 74. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

GALLIANO, Alfredo Guilherme. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Cambridge England: Polity Press, 1984.

**Gaúcho Urbano: Estilo gaudérios sai do campo e ganha ares de cidade**. Jornal Diário de Santa Maria, 20/21 de setembro de 2008. Caderno Mix, página 04.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **A constituição da sociedade**. São Paulo: M. Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

\_\_\_\_\_. **A vida numa sociedade pós-tradicional**. In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony & SCOTT, Lash. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

GONÇALVES, Raul Annes. **Mala de Garupa: costumes campeiros**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

GÜIRALDES, Ricardo. **Dom Segundo Sombra**. Porto Alegre: L&PM 1997.

GUTFREIND, Ieda. **O gaúcho e sua cultura**. IN: BOEIRA, Nélon & GOLIN, Tau (coord.). História Geral do Rio Grande do Sul. Vol. 01. – Passo Fundo: Méritos, 2006.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 7ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

HERITAGE, John C. **Etnometodologia**. In: GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan (org.). Teoria Social Hoje. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. 1ª reimpressão, São Paulo: UNESP, 1999.

IANNI, Otavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

INAYATULLAH. **Em direção a um modelo não-ocidental de desenvolvimento**. In: LERNER, Daniel & SCHRAMM, Wilbur. Comunicação e mudança nos países em desenvolvimento. São Paulo: Melhoramentos, Ed. USP, 1973.

JACKS, Nilda. **Mídia Nativa: Indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: ed. UFRGS, 1998.

LASH, Scott. **A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade**. In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony & SCOTT, Lash. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

MAESTRI, Mário. **Uma breve história do Rio Grande do Sul: da luta pelo território à instalação da economia pastoril-charqueadora escravagista**. Passo Fundo: UPF Editora, 2006.

MARTINS, Neri. **Respostas sobre a vida, cotidiano, práticas e percepções**. Entrevistador: T. Martins, 2008. 1 gravador digital (55 min). Entrevista concedida à pesquisa Da vida de peão: cultura, mídia e desenvolvimento na Campanha (RS).

MEDEIROS, Laudelino T. **O peão de estância: um tipo de trabalhador rural**. Porto Alegre: Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas da UFRGS, 1967.

\_\_\_\_\_. **Formação da sociedade Rio-grandense/ensaios**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1975.

METZ, Luiz Sérgio; OSORIO, Pedro Luiz da Silveira & GOLIN, Tau. **Terra Adentro**. Porto Alegre: Arquipélogo Editorial, 2006.

MONSMA, Karl. **Repensando a Escolha Racional e a Teoria da Agência: fazendeiros e capatazes no século XIX**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, Vol. 15 Nº 43, p. 83-112, jun. 2000.



MONTENEGRO, Miguel. **Entre a Etnometodologia de H. Garfinkel e a etnologia de R. Jaulin**. Etnologies(s) Paris: Publications de L'université Paris 7. 1997. <Disponível em <http://www.miguel-montenegro.net>, acessado em 05/06/2007>.

ORNELLAS, Manoelito de. **Gaúchos e beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul**. 4ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**. In: Bolaño, César Ricardo S.(org.) Globalização e regionalização das comunicações. São Paulo: Educ Universidade de Sergipe, 1999.

\_\_\_\_\_. **A moderna tradição brasileira**. 5ª Ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2006.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

OLIVEN, Ruben George. **A Parte e o Todo. A diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 2006.

**“O Papel da Radiodifusão no Desenvolvimento econômico brasileiro”**. Tendência Consultoria Integrada. XX Seminário Nacional Abert. 2007. Disponível em <<http://www.abert.org.br>>. Acesso em: 12 jun. 2007.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PACHECO, Luis Clóvis. **Respostas sobre a vida, cotidiano, práticas e percepções**. Entrevistador: T. Martins, 2008. 1 gravador digital (30 min). Entrevista concedida à pesquisa Da vida de peão: cultura, mídia e desenvolvimento na Campanha (RS).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Pecuária e Indústria: formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha no século XIX**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1986.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003.

REICHEL, Heloisa Jochims. **Fronteiras no espaço platino**. In: BOEIRA, Néelson & GOLIN, Tau (coord.). História Geral do Rio Grande do Sul. Vol. 01. – Passo Fundo: Méritos, 2006.

RONSINI, Veneza Veloso Mayora. **Mulheres e melodrama: sonhos vicários e vida rural**. In: SILVEIRA, Ada C. Machado da & RONSINI Veneza Mayora. Representação e Identidade: três estudos em Comunicação. Santa Maria: FACOS – FIPE – UFSM, 2001.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SANTOS, Milton. **De la totalidad al lugar**. Barcelona: Oikos-tau. 1996.

SANTOS, Zizito. **Respostas sobre a vida, cotidiano, práticas e percepções**. Entrevistador: T. Martins, 2008. 1 gravador digital (25 min). Entrevista concedida à pesquisa Vida de peão campeiro: cultura, mídia e desenvolvimento no contexto regional.

SCHÜTZ, Alfred. **Dom Quixote e o problema da realidade**. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

SILVERSTONE, Roger. **Mídia e vida cotidiana: elementos para uma teoria da mediação**. Entrevista concedida à RONSINI, Veneza Mayora. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, Vol. XXVIII, Nº 2, p. 127-136, jul/dez 2005.

TORRONTEGUY, Teófilo O. V. **As origens da pobreza no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.

VIANA, Oliveira. **Populações meridionais: o campeador rio-grandense**. Niterói: Eduff, 1987.

VIEIRA, Antonio. **Respostas sobre a vida, cotidiano, práticas e percepções**. Entrevistador: T. Martins, 2008. 1 gravador digital (75 min). Entrevista concedida à pesquisa Da vida de peão: cultura, mídia e desenvolvimento na Campanha (RS).

VOTRE, Sebastião Josué & FIGUEIREDO, Carlos. **Etnometodologia e Educação Física**. Disponível em <  
<http://www.geocities.com/Athens/Styx/9231/etnometodologia.html> >. Acesso em 05 jun. 2007.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4ª ed. (vol. 1). Brasília: UnB, 2004.

XAVIER, Paulo. **As Estâncias**. In: KREMER, Alda Cardozo et al. *Rio Grande do Sul: Terra e Povo*. Pág. 75 à 87. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.